



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CARLOS ALBERTO DE MOURA CAVALCANTI

**A PERSONAGEM GAY EM *UM MILHÃO DE FINAIS FELIZES*: NARRATIVAS DA
ANGÚSTIA E ACEITAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA**

RECIFE
2021

CARLOS ALBERTO DE MOURA CAVALCANTI

**A PERSONAGEM GAY EM *UM MILHÃO DE FINAIS FELIZES*: NARRATIVAS DA
ANGÚSTIA E ACEITAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Teoria da Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Postal

RECIFE

2021

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira – CRB-4/2223

C376p Cavalcanti, Carlos Alberto de Moura
A personagem gay em *Um milhão de finais felizes*: narrativas da angústia e aceitação da homossexualidade na adolescência / Carlos Alberto de Moura Cavalcanti. – Recife, 2021.
110f.

Sob orientação de Ricardo Postal.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2021.

Inclui referências.

1. Armário gay. 2. Literatura Juvenil. 3. Adolescência. 4. Construção Identitária. I. Postal, Ricardo (Orientação). II. Título.

809 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2022-43)

CARLOS ALBERTO DE MOURA CAVALCANTI

**A PERSONAGEM GAY EM *UM MILHÃO DE FINAIS FELIZES*: NARRATIVAS DA
ANGÚSTIA E ACEITAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: 22/02/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Postal (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes (Examinador Externo)
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

Profa. Dra. Rafaela Rogério Cruz (Examinadora Externa)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à minha mais inestimável amiga, Albylene da Silva, pois sem o seu apoio fundamental, não teria chegado a este momento. Nossa relação vai muito além dos moldes da convivência de uma amizade. Para mim, você é mais que uma amiga, é minha família.

A Ricardo Postal, pelas discussões e sugestões de leitura que me desafiaram a pensar um pouco mais sobre meu objeto e exercitar a minha escrita.

À Sthefanne Pereira, sua alegria de viver me inspira a seguir meus sonhos todos os dias e suas preocupações me motivam a sempre permanecer atento aos ventos de mudanças que a vida traz.

À amiga, Amanda Santos, que com seu jeito único de ser e sua companhia desde o nosso primeiro encontro, na etapa de seleção do mestrado, tornou a passagem pela pós-graduação algo divertido e significativamente prazeroso. Te estimo bastante!

A Leandro de Lira, pela paciência em me ouvir e pelos choques de realidade tão necessários em grande parte do meu caminhar.

A Ana e Duda, que, neste último ano, e em decorrência de todo um contexto significativo, se tornaram, para mim, uma família. Aquela família que a gente não apenas escolhe mas conquista o direito de ser.

A todos os meus amigos que, sem citar nomes, direta ou indiretamente, torceram pelo meu caminhar e me incentivaram, com suas palavras animadoras, a nunca desistir, em especial quando me vi por vezes angustiado não apenas em relação ao processo de escrita, como também diante dos revezes que se apresentam tão naturais na vida. Meus amigos e família, vocês são muito preciosos para mim!

O mundo nunca vai parar para que eu resolva toda a minha vida e recomece do zero. Porque por mais que eu ainda esteja me recuperando de ter sido expulso de casa, no meio do caminho meu namorado vai ter problemas com a família, minha amiga de escola vai aparecer do nada pedindo perdão e meu melhor amigo vai terminar o namoro e eu vou precisar estar aqui para ajudá-los da melhor maneira possível. Porque eles precisam de mim da mesma forma que eu preciso deles, e tudo na vida acontece ao mesmo tempo (MARTINS, 2018, p. 318).

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a problemática da aceitação da homossexualidade e da angústia resultantes das relações de opressão do armário gay quando da construção de uma identidade coerente na obra *Um milhão de finais felizes* (2018), do escritor brasileiro, Vitor Martins. Para fundamentar esse trabalho se utilizarão discussões provenientes da Teoria Queer e dos Estudos das Sexualidades, tendo como principais estudiosas Judith Butler (2002, 2003), Eve Kosofsky Sedgwick (1990, 2007) e Guacira Lopes Louro (1997, 2000, 2004), no que diz respeito à uma construção identitária a partir de elementos como o exterior constitutivo, à inscrição da sexualidade no corpo e, este, por sua vez, na sociedade e às relações que se podem traçar entre eles com o dispositivo regulador do armário gay. Espera-se que, com essa análise, se evidencie a importância da representação das relações provenientes da operação do armário e suas implicações, positivas ou negativas, na construção identitária durante a adolescência, além de sua representação na Literatura Juvenil a partir do desenvolvimento de um realismo humanitário com foco nas relações afetivas.

Palavras-chave: Armário gay; Literatura Juvenil; Adolescência; Construção Identitária.

ABSTRACT

This research aims to analyze the problem of the acceptance of homosexuality and the anguish resulting from the oppressive relations of the gay closet for the construction of a coherent identity in the book *One million happy endings* (2018), by Brazilian writer Vitor Martins. This study will be based on discussions from the Queer Theory and the Studies of Sexualities, in which Judith Butler (2002, 2003), Eve Kosofsky Sedgwick (1990, 2007) and Guacira Lopes Louro (1997, 2000, 2004) are some of the main scholars. They will discuss the construction of an identity based on elements such as the constitutive exterior, the inscription of sexuality in the bodies and, in turn, in society, and the relationships between them with the regulating device of the gay closet. It is hoped that with this analysis, the importance of the representation of the relations arising from the operation of the gay closet and its implications, positive or negative, in the construction of identity during adolescence will be highlighted, as well as its representation in Young Adult Literature from the development of a humanitarian realism focused on affective relations.

Keywords: Gay Closet; Young Adult Literature; Adolescence; Identity Construction.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	TEORIA QUEER, ESTUDOS DE SEXUALIDADE E LITERATURA	15
2.1	Queer na história do movimento	16
2.2	Teorizando o Queer!	19
2.3	Os Estudos de Sexualidade no Brasil e a Teoria Queer	24
2.3.1	<i>O corpo e a sexualidade</i>	27
2.4	De crianças a adolescentes: os avanços de uma literatura para jovens	30
2.4.1	<i>Literatura Juvenil e Sexualidade</i>	36
3	UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE O ARMÁRIO GAY	39
3.1	Afinal, um confronto entre o público e o privado	40
3.2	Identidades gays e a angústia na cultura do armário	46
3.3	O armário e a Literatura Juvenil	52
4	A EXPERIÊNCIA GAY NA ADOLESCÊNCIA: <i>UM MILHÃO DE FINAIS FELIZES</i>	58
4.1	Jonas e o grande peixe?	60
4.2	Uma obra sobre sexualidades e famílias alternativas	65
4.2.1	<i>Barba Ruiva, a invisibilidade bissexual</i>	66
4.2.2	<i>Dan e Isa, confissões do armário e famílias alternativas</i>	69
4.2.3	<i>Karina e o acolhimento das diversidades</i>	74
4.2.4	<i>Alberto e Dona Cristina ou a casa é realmente o lar?</i>	78
4.3	A angústia das relações do armário	83
4.4	Jonas, mas e os piratas gays?	89
4.5	Narrativas das implicações do armário: da opressão à liberdade	93
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
	REFERÊNCIAS	107

1 INTRODUÇÃO

A Literatura em prosa pode ser também caracterizada através de narrativas que têm o poder de encantar o público e fazê-lo sentir e experienciar diversas coisas que até então, talvez, não tenha se deparado antes. Esse caráter torna a leitura uma atividade muito prazerosa, chegando a proporcionar um momento de fruição daquilo que foi lido, de acordo com a discussão de Souza (2007), isto porque o leitor, na maioria das vezes, projeta a si e a sua vida nas personagens das obras.

Para além disso, na Literatura, acontecimentos e representações exteriores são transportadas para dentro das narrativas e podem servir não apenas para o prazer, como também para o ensinamento. O que possibilita discutir como questões de desenvolvimento empírico se sustentam no interior das narrativas permitindo que o leitor analise a si mesmo à medida que experiencia as ações e a construção psicológica das personagens. Essa aproximação com a vivência do público é o que confere à Literatura o encantamento e a fruição da leitura.

Em se tratando de uma definição de Literatura, encontramos distintas caracterizações que vão de acordo com temática, época, bibliografia, etc., sendo muitas as categorias porque são várias as obras e tipologias destinadas a públicos específicos e com finalidades específicas: contos, romances, poemas, crônicas, biografias, ensaios, entre tantos outros. Mas é a partir disso que se observa a caracterização de uma produção literária direcionada para um público específico: as crianças e jovens. Sob o prisma de servir como instrumento educativo (COELHO, 2010), as obras de literatura infantil e juvenil divertem e permitem aos leitores, obterem conhecimentos através de um outro olhar que não o do ambiente escolar.

É na Literatura Juvenil que predomina o olhar do adolescente sobre o mundo em que vive e seu modo de encarar as situações que acontecem consigo e que contribuem para a sua construção identitária. Tal Literatura, normalmente, contém um tom leve, de fácil assimilação e sem precisar depreender um esforço maior na percepção de elementos intrínsecos à obra, como metáforas, paradoxos, ironias etc. A sua forma simples¹ de compor o enredo e representar as narrativas, possibilita aos

¹ Entenda-se simples em um contexto de adaptação ao público, sem um rebuscamento maior próprio para uma literatura direcionada ao público adulto.

jovens leitores uma experiência mais fluida e rápida, sobretudo porque os temas abordados e as situações do cotidiano são por eles, considerados comuns, ainda que sob um ponto de vista social normativo, muitos sejam encarados como tabu. A exemplo, as experiências sexuais e afetivas do jovem.

As discussões acerca da sexualidade têm ganhado força nos últimos anos com o avanço dos estudos *queer*. Muitos estudiosos e críticos analisam os impactos de uma construção identitária sexual que não é finalizada em si, mas que está em constante (des)construção, como afirma Judith Butler (2003), que, com suas discussões sob um ponto de vista feminista, encara a identidade relacionada à formulação do exterior constitutivo e dada a partir do gênero, não pelo sexo biológico. A filósofa coloca a questão de gênero e sexualidade no campo discursivo, ou seja, para ela, o sexo é interpelado no sujeito quando do nascimento e esta é uma ação da qual somos sujeitos passivos, nos sendo imposto um sexo biológico que pode não corresponder ao gênero com o qual nos identificamos e performamos na vivência social.

Assim, a consolidação de uma identidade sexual coerente, de acordo com os atos performáticos, está ligada às relações de poder que a constituem e regulam. Estudando essas relações, a pesquisadora Guacira Lopes Louro (2000) vai tratá-las como componentes de uma pedagogia da sexualidade, com a qual ela é encarada sob um viés normativo baseado no conceito, cristalizado ao longo do tempo, de binarismo sexual através da lógica heterossexual.

Todas essas questões perpassam a construção identitária do adolescente que, naturalmente, passa a contestar as identidades sexuais que lhe são incoerentes e negar aquilo que não lhe constitui. Além disso, atualmente as relações desenvolvidas na adolescência evidenciam a diversidade para além do molde heteronormativo. Desse modo, pensando a sexualidade binariamente moldada através da regulação e controle dos corpos, Foucault (1988), ao estudar os casos desviantes, constata que o dispositivo da sexualidade regula as identidades sexuais de modo a permanecerem no espectro heterossexual e, ao serem negadas, inevitavelmente as outras identidades que vão de encontro à heterossexualidade passam a compô-la. No entanto, a heterossexualidade e heteronormatividade, por sua vez, têm seu estatuto de incontestabilidade questionado com as discussões da Teoria Queer.

Logo, a heteronormatividade, ao ser naturalizada em detrimento da homossexualidade e identidades desviantes à norma, instituiu uma referência para todos os campos e sujeitos (LOURO, 2000a). Isso justifica a cristalização de um modo de pensar separatista no binômio hétero / homo, masculino / feminino, etc., sendo que a Teoria Queer vai contra essa naturalização, buscando desconstruir a permanência da heterossexualidade compulsória ao discutir as posições sociais adquiridas ao longo do tempo e que regulam as afirmações identitárias e políticas.

Tratar de sexualidade é trazer à tona algo que, por muitos anos, ficou restrito ao âmbito do privado. Sobretudo na Literatura, essa temática era encarada através de um olhar pontualmente preconceituoso que a representava a partir de um ideal de impuro, impróprio, pecaminoso. Atualmente, contudo, através das diversas abordagens que são dadas às personagens com diferentes identidades sexuais, se tem uma ressignificação no que diz respeito a utilizar questões sexuais como temática central na Literatura, privilegiando modelos desviantes à heterossexualidade. Isso se vê refletido na produção dos famosos *best-sellers* que conquistam o público, chegando a ser traduzidos para outros idiomas além, claro, de ganhar adaptações para o cinema. A exemplo disso, a obra *Call me by your name*, de André Aciman, publicada no ano de 2007², obteve uma grande aceitação do público anos mais tarde, ao receber uma adaptação cinematográfica, sendo vencedora do Oscar na categoria de *Melhor Roteiro Adaptado* no ano de 2018. No enredo, a obra chama atenção ao explorar o caso de amor entre um adolescente de dezessete anos e um jovem um pouco mais velho, que se desenvolve durante a estadia deste na casa de veraneio daquele.

Apesar de ser um tema que tenha ganhado recorrência na Literatura, a regulação ainda muito presente na sociedade institui uma espécie de política de enquadramento das sexualidades nos termos do que é normal e do que não é. A despeito de sofrer preconceito e até violência física, muitos gays são forçados a viver suas sexualidades na falsa segurança proveniente da clandestinidade e, por isso, vivem enclausurados dentro do armário³, outro dispositivo regulador das

² No Brasil foi publicada com o título *Me chame pelo seu nome*.

³ No decorrer da sua discussão, Sedgwick (1990) apresenta formas de repressão de um armário que são distintas ao binômio heterossexual / homossexual, como por exemplo, o armário que regula uma raça e religião. Desse modo, optou-se por utilizar o termo 'armário gay' quando este tiver relação com a regulação de uma identidade homossexual, ao passo que o uso do termo 'armário' compreende um sentido global de repressão.

sexualidades. A operação do armário gay mantém a divisão entre heterossexualidade e homossexualidade no Ocidente já por um bom tempo, excluindo de maneira mútua as identidades sexuais normais e anormais enquanto ambas constituem a si mesmas. Essa regulação frequentemente é um processo violento e abusivo que produz no indivíduo incertezas, angústias, receios.

Partindo desse pressuposto, a relação de pessimismo e os efeitos causados pela saída do armário no sujeito e naqueles que, em certa medida, mantém relações com ele são alguns dos pontos centrais, se não os principais, da obra *Um milhão de finais felizes*, de Vitor Martins, que, semelhante à obra de André Aciman, apresenta o relacionamento de um garoto com outro jovem mais velho, este que, no entanto, se assume como bissexual. Os efeitos de ser descoberto e posto para fora do armário repercutem nas atitudes da personagem mais jovem diante das situações que lhe rodeiam.

Com isso em mente, esta pesquisa pretende analisar a problemática da aceitação e a angústia resultante das relações de opressão do armário gay em uma obra de Literatura Juvenil, a saber, *Um Milhão de Finais Felizes*, do escritor Vitor Martins, tendo em vista que esta temática pode fazer parte do cotidiano do adolescente e, portanto, tem importância para sua construção identitária ao representar conflitos de ordem externa em sua composição. Assim, o objetivo principal desse estudo é analisar a representação dessa angústia e a problemática de aceitar a homossexualidade, além da saída do armário e suas consequências nas histórias presentes na referida obra, pensando o aspecto de haver duas histórias distintas que se entrecruzam, uma sofrendo influência da outra.

A partir do objetivo geral se percebeu a necessidade de elencar outros que pudessem contribuir para o aprofundamento dessa pesquisa além da sua contribuição para os Estudos Culturais e Teoria da Literatura, sobretudo para os Estudos das Sexualidades. Assim, pretende-se perceber o desenvolvimento da representação escrita do sentimento de angústia e receio provocados pela operação do armário, bem como, identificar, dentro da narração, elementos e situações que evidenciam a operação do armário na construção de uma identidade sexual e os prováveis efeitos na vivência social do sujeito. Se buscará compreender de que maneira a temática da aceitação da homossexualidade se reflete na obra. Por fim, construída com base em dois enredos distintos, um secular e outro maravilhoso, ambos, contudo, ficcionais, se

pretende discutir, ainda, em que medida a utilização de duas narrativas distintas na composição de uma obra permite reforçar o poder opressivo do armário na adolescência.

Com essa finalidade, embasamos nosso trabalho nos Estudos Culturais, particularmente voltados às discussões da Teoria Queer, que tem como principal expoente a filósofa Judith Butler, discutindo sobre a interpelação do sexo e do gênero e os processos constitutivos de uma identidade coerente. A respeito dos Estudos das Sexualidades, tomamos como base as pesquisas da crítica Guacira Lopes Louro, que, com suas discussões pautadas na Teoria Queer, complementa as considerações sobre uma construção identitária sexual impressa nos corpos que são regulados na vivência social. Os debates sobre a regulação através das relações de poder constituídas em decorrência do armário gay são realizados por Eve Kosofsky Sedgwick, que, na década de 1990, propôs questionar a operação de um instrumento de controle dos corpos desviantes de acordo com o binômio heteronormativo. Por fim, buscamos relacionar essas teorias e estudos com a fundamentação de uma Literatura voltada para o público jovem, a qual, ainda hoje, é de difícil conceituação no âmbito acadêmico, principalmente nacional, permanecendo mais restrita à assimilação com a Literatura Infantil.

O trabalho foi estruturado em três capítulos principais. O primeiro deles tece considerações a respeito das teorias e estudos fundadores da pesquisa: Teoria Queer, Estudos das Sexualidades, Teoria da Literatura com foco principal na Literatura Juvenil, bem como a relação das demais discussões com o cenário literário para a adolescência. No segundo capítulo discutimos a relação entre a operação do armário gay e produção de angústia associadas à saída ou permanência dentro do mesmo, além de como essa questão é representada na literatura atual do ponto de vista dos adolescentes. Por último, o terceiro capítulo se dedicará a analisar propriamente a obra escolhida como objeto de estudo, tentando encontrar a representação da angústia na narrativa ficcional adolescente a partir da maneira como o enredo é construído com suas histórias internas e secundárias à trama principal e os prováveis impactos para a identidade sexual.

Correspondendo à conclusão, nesse momento, é reconsiderado o que já foi discutido para, também, defender a importância de se observar essa temática como relevante para a construção identitária do adolescente, sobretudo do jovem gay. O

armário, sua representação e as relações que se encontram atreladas tanto a ele quanto ao sujeito podem proporcionar uma (re)construção positiva da identidade sexual, sem se deter apenas aos processos dolorosos de vivência social, contudo é importante que se conheça as implicações da saída, sejam elas positivas ou negativas. Considera-se tal representação na Literatura como imprescindível para a formação do adolescente, levando em conta a natureza de realismo cotidiano proposta pela Literatura Juvenil (COELHO, 2000a).

2 TEORIA QUEER, ESTUDOS DE SEXUALIDADE E LITERATURA

No centro dos estudos gays e lésbicos e, para além deles, da Teoria Queer, encontramos uma série de discussões relacionadas à sexualidade, seu uso e ao mecanismo utilizado para sua repressão. Isso, sobretudo, quando estudamos os escritos de Michel Foucault (1988), que categorizam a sexualidade enquanto dispositivo⁴ de regulação do poder. Além disso, também se compreende, de acordo com Guacira Lopes Louro (2000a), uma manutenção desse poder, designado através do patriarcado que, por sua vez, mantém uma tradição de negação ao direito de voz não apenas aos gays, como também às mulheres além de toda a população não branca, seja ela heterossexual ou não. Diante disso, cabe considerar que tratar da sexualidade envolve explicitar sua relação entre duas esferas de domínio da vida em sociedade: a pública e a privada.

Assim sendo, trazer à tona a discussão a respeito da sexualidade significa expor um assunto que diz respeito à ordem do privado, do que popularmente se justifica como não dizendo respeito aos outros, aquilo que se faz entre quatro paredes, na falsa sensação de segurança que os lares projetam. Escondiam-se, portanto, dos olhos públicos, práticas de sexualidade que destoam do que é concebido como *normalidade*, com especial destaque para a homossexualidade. Historicamente, a Igreja, por anos a fio, estimulou a discussão desse assunto sob a forma de confissão dos pecados, logo, tornando mais fácil, ao se observar as práticas privadas, o controle dos desejos e impulsos inerentes ao corpo. Michel Foucault (1988) sinalizou isso ao estudar o movimento de evolução da pastoral católica que se estendeu entre os séculos XVII e XVIII.

De acordo com o filósofo, o incentivo à confissão nas igrejas, acelerado pela Contrarreforma, permitia que se impusessem práticas de exame de si, controlando a sexualidade através da penitência ao que ele identifica como 'insinuações da carne': "pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar, agora, e em detalhe, no jogo da confissão

⁴ Foucault define dispositivo como uma rede que é tecida entre elementos discursivos e não discursivos, leis, instituições, entre outros. É um conceito que reúne as instâncias de poder e saber em uma grade de análise. Dreyfus e Rabinov (1995) também discutem a conceituação de dispositivo a partir de práticas que atuam, elas mesmas, como um aparelho ou mecanismo e que constituem os sujeitos (MARCELLO, 2004).

e da direção espiritual” (FOUCAULT, 1988, p. 23). Ainda mais, Foucault problematiza a obrigação de se implementar o sexo, e por sua vez, a sexualidade, no discurso. O dizer de si para si e para o outro, para o filósofo, não era novidade, mas a partir do século XVII começou a se tornar regra para todos, pelo menos para todos os que frequentavam a Igreja.

2.1 Queer na história do movimento

Tendo como foco o controle dos corpos, apontado por Foucault (1988), o Estado, nos últimos dois séculos, expressa cada vez mais o seu interesse constante pelo modo como nos comportamos na sociedade. Logo, a vivência da sexualidade passa a ser, além de uma questão de construção identitária, também uma questão política. Então, para que ele possa desempenhar seu papel regulador são realizadas intervenções não apenas das ciências – Medicina e Psicologia –, como também nas escolas, isto é, todas as instâncias possíveis de regulação das atividades desempenhadas pelo corpo sexual (LOURO, 2000a) que possam conduzir um controle apropriado dessas atividades. No entanto, nas últimas décadas, o surgimento de vários movimentos que tratam de uma reforma sexual resiste à definição e regulação ao passo que também contesta a atuação do poder na atualidade.

Desse modo, temos como marco do rompimento da barreira do que é público e do que é privado os acontecimentos da década de 1970 na qual as vidas secretas que os homossexuais levavam começaram a ser escancaradas para o público. Nos Estados Unidos, por exemplo, a revolta de Stonewall, em junho de 1969, marcou o início de uma grande jornada de lutas e manifestações em busca de direitos e reconhecimento por parte dos LGBT+⁵ que tomaram para si termos que antes eram

⁵ Sabe-se que a sigla LGBT engloba uma infinidade de sexualidades e identidades de gênero. Desde os anos 2000, percebe-se que as discussões contribuíram para a inclusão e visibilidade de sexualidades que antes não eram tão reconhecidas, como é o caso da mudança de GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) para LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Atualmente se observa uma maior utilização de uma sigla, em certa medida, mais completa: LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e mais). Para o presente trabalho, levando em consideração a fácil assimilação e reconhecimento, utilizou-se a sigla LGBT+, sendo o + indicativo para todas as outras comunidades incluídas em LGBTTTQIIAA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, 2 Espíritos, Queer, Questionando, Intersexuais, Assexuais, Aliados e mais).

Fonte: <<https://ok2bme.ca/resources/kids-teens/what-does-lgbtq-mean/>>. Acesso nov, 2020.

depreciativos e os ressignificaram, formando alianças e organizações⁶ que buscavam acabar com a opressão e garantir o acesso aos direitos humanos por gays, lésbicas e travestis.

Nos Estados Unidos, por conta de sua formação puritana, muitos gays, lésbicas, drag queens e transexuais eram desvalorizados e não existiam leis que lhes assegurassem viver seus desejos longe de violência e rechaço. Por causa disso eram obrigados a manter suas sexualidades e vidas dentro da esfera do privado. Nessa mesma época, a cultura LGBT+ possuía fortes relações com a máfia, pano de fundo para os eventos que se passaram em um bar em Nova Iorque, o Stonewall Inn⁷. Isto porque as duras penalidades para quem fosse percebido como gay na época faziam com que esses sujeitos se encontrassem em uma situação de marginalização. Nesse mesmo contexto se encontram os bares gays, sob fachadas de clubes privados, que atendiam à comunidade LGBT+ e eram o momento recreativo de muitos gays, lésbicas, travestis e drag queens. De fato, para muitos deles, o bar era como uma casa (NELSON, 2015).

Em uma das batidas policiais, o Stonewall Inn foi invadido fora dos dias combinados e o inspetor responsável tentou fechá-lo sob a alegação de que o estabelecimento não possuía licença para a venda de bebidas alcoólicas. Nessa ocasião, tendo muitos dos presentes sido postos para fora do bar, um dos policiais empurrou uma travesti ao colocá-la dentro da viatura e outro agrediu uma lésbica que havia resistido à prisão. Ao presenciar tais agressões e detenções, a multidão que se organizava do lado de fora do bar, começou um tumulto atirando nos policiais, moedas, entre outras coisas.

Naquela noite foi dado início aos movimentos que hoje compõem a luta dos LGBT+ por garantia dos direitos humanos. Foram semanas de luta e protestos que se estenderam por anos até que se conseguisse a visibilidade política necessária à asseguaração do que lhes era o mínimo.

Paralelo a isso, encontramos no Brasil, na atualidade, uma realidade mascarada. A mídia naturalmente propaga a imagem de um Brasil de cultura e

⁶ Apenas a título de exemplo, foram constituídos os *Gay Liberation Front* e *Gay Activists Alliance*, grupos formados após a revolta de Stonewall (NELSON, 2015).

⁷ Fundado e dirigido por Tony Lauria. O mafioso, semanalmente, efetuava o pagamento de uma espécie de propina à polícia para que não realizassem batidas fora dos dias combinados.

diversidade no qual todos convivem 'harmoniosamente'. Entretanto, muitos são os crimes de ódio que ocorrem ano após ano, e, ousado dizer, dia após dia, contra pessoas LGBT+. O que coloca o Brasil nas estatísticas como o país que lidera um ranking mundial em que mais se matam pessoas LGBT+, de acordo com relatório do Grupo Gay da Bahia do ano de 2019:

A cada **26 horas um LGBT+ é assassinado** ou se suicida vítima da LGBTfobia, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais. Segundo agências internacionais de direitos humanos, matam-se muitíssimo mais homossexuais e transexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e África onde persiste a pena de morte contra tal seguimento (sic). Mais da metade dos LGBT assassinados no mundo ocorrem no Brasil (sic) (OLIVEIRA, 2020, p. 13, grifo do autor).

Apesar de ter sido contabilizada uma leve queda no número de assassinatos em relação ao ano de 2018, as taxas ainda são alarmantes, uma vez que apenas no Brasil figura mais da metade da porcentagem de mortes de pessoas LGBT+ no mundo. De acordo com o Grupo Gay da Bahia, a diminuição de assassinatos em relação aos anos de 2018 e 2019 se encontra registrada em paralelo à eleição de Jair Bolsonaro à presidência. Para a organização isso acontece em um momento em que muitas falas e posições adotadas pelo Presidente da República, impõem o medo à vida de inúmeros gays, lésbicas e transexuais que passam a ter maior cautela ao viver suas sexualidades na esfera pública. Desse modo, entendemos que

A postura do atual Presidente da República talvez seja o elemento mais dramático da relação entre a população LGBT+ e a sociedade, pois sinaliza o desdém, o descaso e, em certa medida, desprezo em relação a estimativa (sic) que 10% da população brasileira é constituída por homossexuais e transexuais (OLIVEIRA, 2020, pp. 37-38).

Descaso com relação à toda a comunidade LGBT+ no país, ainda mais quando um presidente professa declarações inverídicas, infundadas e que levam o senso comum a rejeitar, em diferentes campos da sociedade, aqueles que Oliveira (2020) especifica como os 10% da população brasileira. Tais violências, em sua maior parte,

vitimam homens gays, pretos e/ou pardos, colaborando para o aumento e a manutenção da estatística apresentada anteriormente.

Apesar desse aparente regresso, podemos, historicamente, constatar o avanço na luta pela aquisição de direitos a partir do início dos anos 1980, com a criação de grupos que privilegiavam a visibilidade de pessoas que não fossem heterossexuais, estes que influenciaram, mais tarde, a criação das Paradas do Orgulho. Entretanto, logo após a explosão da disseminação de AIDS, ainda durante os anos de 1980, muitos grupos formados até então se dissolveram enquanto outros se dedicaram inteiramente a combater a doença, que ficou conhecida na época como ‘peste gay’, de acordo com Deco Ribeiro (COLLING, 2011). Cerca de quinze anos mais tarde, entre 1995 e 1997, é quando as primeiras Paradas começam a surgir, sendo em seu início apenas algumas centenas de pessoas atrás de um carro de som gritando palavras de ordem, conquistando, ao longo dos anos, mais e mais adeptos.

Atualmente, as Paradas do Orgulho LGBTQ+ acontecem mundialmente sempre ao mês de junho, lembrando as revoltas que se iniciaram no Stonewall Inn e com adesão de um público cada vez maior, tanto de pessoas LGBTQ+ quanto de heterossexuais que veem sentido nas lutas em busca de melhoria e garantia dos direitos humanos.

2.2 Teorizando o Queer!

Nos Estados Unidos, as lutas por direitos para os LGBTQ+ ressignificaram a palavra *queer*⁸, que vai muito além do dispositivo da política. Por exemplo, o movimento *Queer Nation* apropriou-se do termo *queer* em um slogan da década de 1990 com os dizeres “Nós estamos aqui, nós somos queer, se acostume com isso!”⁹ (SPARGO, 2017, p. 31). *Queer* até então era uma palavra tomada como insulto e passa a receber uma nova significação, denominando uma teoria que, principalmente, critica a permanência da estabilidade das categorias de sexo, corpo e gênero. Dessa

⁸ Ao chegar ao Brasil, o termo Queer já estava ressignificado, portanto não foi considerado inicialmente como xingamento.

⁹ Em tradução livre. Texto original: “We’re here! We’re Queer! Get used to it!”.

forma, o termo queer transgredia a norma como uma manifestação da diferença que não deveria ser assimilada (SPARGO, 2017).

Uma das discussões que marcou o início dos estudos Queer foi lançada pela crítica norte-americana, Eve Kosofsky Sedgwick, com sua obra *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire* no ano de 1985. Na obra, a crítica argumenta a estruturação da literatura inglesa em torno de uma triangulação amorosa na qual dois homens que se desejam evidenciam esse desejo através de uma mulher. Para isso, ela faz análises desde os sonetos de William Shakespeare até a poesia de Walt Whitman nos quais busca observar como é representada a relação entre as formas de sexualidade e o que define sexualidade ao ponto de afetar as relações históricas de poder (SEDGWICK, 1985). Analisando romances góticos, Sedgwick (1985) trata uma paranoia homossexual como homofobia, sendo essa um instrumento de controle social da masculinidade e, simultaneamente, demarcador do poder do homem sobre a mulher.

O desejo homosocial masculino, desde séculos atrás é encarado sob um modo de pensar ameaçador, devendo ser evitado antes de receber atenção. A crítica ressalta que a reação social à tal visibilidade pode acontecer de três maneiras: a primeira delas, impraticável, é a tentativa de erradicar esse desejo; a segunda, contraproducente, pois poderia até mesmo encorajar, é o ato de suprimi-lo e, por fim, regulá-lo (MISKOLCI, 2011). Sendo essa última a via escolhida pela teórica para analisar os romances góticos a fim de fornecer fontes que permitam a compreensão de medos e ansiedades “como o risco de sofrer violência pela transgressão de fronteiras sexuais” (MILSKOLCI, 2011, p. 314).

Paralelamente a isso, a filósofa Judith Butler, considerando essa regulação social, utiliza alguns conceitos formulados pelo próprio Michel Foucault a respeito do dispositivo da sexualidade, da discursividade de gênero e do uso dos corpos, para interpretar e definir os limites do corpo, sexo e gênero na construção de uma identidade pública lógica. É inegável que os ensaios e trabalhos de Foucault contribuíram diretamente para o desenvolvimento da Teoria Queer, uma vez que examinava a construção e consolidação de uma sexualidade regulada através das relações de poder na sociedade, sendo entendida, por ele, como uma construção social (SPARGO, 2017). Figuras nos seus estudos pelo menos quatro grupos de interesse principais: o da criança masturbadora, da mulher histérica, do casal que

utiliza formas não convencionais para se chegar ao prazer – e assim evitar o ato procriativo – e, por fim, do que, à época, era o perverso, isto é, o sujeito homossexual. Esses grupos, para o filósofo, quando regulados, transportavam a dimensão jurídica para o dispositivo da sexualidade e da economia do prazer.

Desse modo, Foucault categorizou a sexualidade como um produto cultural; isto entendido, a homossexualidade se encontraria como uma categoria muito bem definida e delimitada ao passo que, em contrapartida, a heterossexualidade também deveria ser encarada igualmente enquanto categoria. Os estudos queer buscam evidenciar esse aspecto e questionar “qual o propósito e quais os riscos de aceitar que uma identidade homossexual natural e unificada não existe quando a suposição de uma heterossexualidade natural é indiscutível?” (SPARGO, 2017, p. 36).

De fato, uma identidade heterossexual só é pensada e estudada porque existem identidades outras que se configuram como distintas à matriz heterossexual, sobre as quais podemos citar, os gays, as lésbicas, os bissexuais, os transexuais. Isto porque, para que exista a homossexualidade é preciso que, antes, exista em contrapartida a sua, por assim dizer, antagonista, a heterossexualidade. Assim sendo,

Enquanto os estudos de gênero, os estudos gays e lésbicos e a teoria feminista podem ter tomado a existência de “o sujeito” (isto é, o sujeito gay, o sujeito lésbico, a “fêmea”, o sujeito “feminino”) como um pressuposto, a teoria queer empreende uma investigação e uma desconstrução dessas categorias, afirmando a indeterminação e a instabilidade de todas as identidades sexuadas e “generificadas” (SALIH, 2015, p. 20, grifos da autora).

Essa desconstrução é parte fundamental nos estudos de Judith Butler que, ao discutir a problemática da exclusão, do rechaço, da marginalização daquilo que ela vai chamar de corpos abjetos¹⁰ proporcionou novas contribuições ao campo de estudos da Teoria Queer por definir o gênero de uma maneira completamente nova, isto é, a filósofa o define enquanto construção discursiva. Por sua vez, essa construção está muito relacionada à interpelação do sexo, um dos elementos

¹⁰ De acordo com a lei hegemônica da heteronormatividade, esses corpos não possuem valor de sujeito, no entanto, reforçam o valor dos corpos normativos. Essencialmente, sua teoria tem um caráter mais feminista e, por isso, Butler considera abjetos os corpos e identidades de sujeitos lésbicas, entretanto, também a estende para transexuais, pessoas que possuem os dois gêneros, entre outros. Esses corpos validam a existência e hegemonia da matriz heteronormativa (BUTLER, 2002).

fundamentais da discussão de Butler, em sua obra *Corpos que importam*¹¹, na qual a autora considera que quando um bebê deixa de ser neutro e passa a ser categorizado por menino ou menina, seja ao nascer, seja quando da ultrassonografia, lhe são interpelados um sexo e um gênero que devem corresponder à sua identidade dali em diante (BUTLER, 2002).

Essa interpelação, que impõe um sexo à criança baseado na sua configuração biológica, é o ato de chamar atenção ao anunciar o sexo biológico do bebê (SALIH, 2015), sendo o bebê passivo à designação. O sujeito que, nesse caso, não tem direito à voz, não pode deixar de ser um sujeito passivo, mas, ainda assim, assume uma posição ideológica, uma vez que ele é a causa e o efeito da sua submissão e do seu domínio. Ele é assumido como menino ou menina.

Em sua teoria, Butler (2003) trata a interpelação de gênero ao lado do que ela define como 'performatividade', relacionada aos atos performáticos de gênero. A partir disso, as discussões de sexo e gênero são inseridas no campo da discursividade. Em se tratando da conceituação do gênero, ele se constitui como uma criação performática do conceito patriarcal de gênero, se manifestando de diversas formas, estando atrelado à maneira como, tanto homens quanto mulheres se comportam na sociedade. Butler relaciona os atos performáticos à teoria dos atos de fala¹², considerando-os enunciados performativos, ou seja, que ao serem proferidos também executam uma ação.

Com isso em mente é possível compreender a performatividade como uma prática de reiteração dos atos que configuram o modo de se mostrar e viver em sociedade. Por exemplo, uma grande maioria de homens, que performatizam o macho, têm o costume de, em público, coçar a região da genitália. Esse ato que acontece repetidas vezes entre um grupo, cristaliza-se como uma característica de uma matriz específica. Discursivamente, ainda, os atos performáticos possibilitam que se encontrem fissuras (DIAZ, 2013) em relação à não sustentação da visão de que gênero corresponde ao sexo biológico, uma vez que, ao funcionar a partir de uma estruturação binária impede a existência de outros gêneros. A filósofa critica a lei

¹¹ Utilizou-se aqui a obra em sua versão em língua espanhola, publicada no ano de 2002 em Buenos Aires.

¹² A teoria dos atos de fala foi um projeto filosófico proposto por John Langshaw Austin, no qual, linguisticamente, os enunciados podem ser de dois tipos: constativos (relatam um estado) ou performativos (realizam ação).

hegemônica que possui ampla aceitação além de funcionar a partir de uma série de exclusões – o que não estiver coerente com a matriz é encarado como oposto. Em se tratando do sistema sexo/gênero, a lei hegemônica criticada por Judith Butler diz respeito à heteronormatividade, vista pela estudiosa como compulsória, baseada em um conceito sexista de divisão binária sexual, isto é, homem/mulher = masculino/feminino, respectivamente.

Essas exclusões pautadas em uma dinâmica de binarismo sexual regulado através da heteronormatividade e heterossexualidade, algumas vezes constituem um processo violento quando da construção da identidade do sujeito. Para Butler (2003), construir uma identidade hermeticamente coerente envolve uma série de exclusões daquilo que não se encontra de acordo com o que está se construindo discursivamente.

Tais exclusões dizem respeito aquilo que é oposto, não normal, validando a existência das categorias em troca de sua abjeção. Essa é a relação presente, por exemplo, entre as sexualidades gay vs. heterossexual, na qual um indivíduo que quer definir-se como heterossexual, nega que seja gay ou que sua sexualidade possua qualquer característica que esteja fora da matriz heterossexual. Com o gênero também não é diferente, uma vez que para se autoafirmar como masculino, o indivíduo estabelece que não faz parte do gênero feminino ou trans.

Tal ocorrência, a filósofa vai entender por ‘exterior constitutivo’, que engloba tudo aquilo que está fora da esfera de concordância da matriz que é tomada por referência. No caso da heteronormatividade, tudo que fugir a isso, compõe o seu exterior e, por sua vez, em sua negação o constitui. É importante notar que essa negação se trata da exclusão do que não é coerente. Apesar disso, a relação estabelecida entre a matriz de referência e seu exterior, discursivamente é de reconhecimento da existência do que está sendo negado, pois antes de ser excluído é necessário que seja reconhecido e exista.

Assim, no campo da discursividade, a heterossexualidade só passa a ser pensada e estudada porque existiram pesquisas e discussões a respeito da homossexualidade. Dito de outro modo, questionar o estatuto de indiscutibilidade da heterossexualidade é tão importante quanto estudar a homossexualidade (SPARGO, 2017), isso porque, esse processo inteiro define o estabelecimento de fronteiras, problematizadas com a “experiência social da vergonha como meio para trazer ao

discurso as formas como nossa sociedade construiu a fronteira entre a aceitação e o rechaço social com eixo na sexualidade” (COLLING, 2011, p. 39).

Com isso, Butler consegue evidenciar a relativa instabilidade das identidades sexuadas e desconstruí-las ao pensar os atos performáticos como construtores de uma identidade coerente, mas que está em constante processo de (re)construção.

2.3 Os Estudos de Sexualidade no Brasil e a Teoria Queer

As contribuições de Judith Butler influenciaram o desenvolvimento de diversos estudos no Brasil, a respeito da Teoria Queer e dos Estudos das Sexualidades, incorporando, também, o termo *queer*, já sob uma nova ótica proveniente das discussões norte-americanas. Este que é apresentado ao âmbito acadêmico a partir da leitura de um dos trabalhos da filósofa ao final da década de 1990 (COLLING, 2011). Desde então tem sido estudado por muitos pesquisadores, dentre os quais se pode afirmar que Guacira Lopes Louro possibilitou uma maior visibilidade para os Estudos das Sexualidades e para a Teoria Queer ao longo dos anos. A pesquisadora, ao analisar a célebre frase de Simone de Beauvoir – ‘Ninguém nasce mulher: torna-se mulher’ – acrescentou às discussões de sexo e gênero o elemento da cultura.

Para ela, é no corpo que se inscreve a sexualidade e, desse modo, o gênero. Entretanto, os corpos estão sujeitos a uma (re)significação cultural de acordo com o meio social em que estão inseridos. Partindo de Butler, Louro encara também a identidade como uma construção discursiva, contudo, essa autora problematiza a crença de que ela se ancora no corpo, que é regulado de acordo com as dimensões sociais e políticas (LOURO, 2000a). A pesquisadora então questiona a naturalidade com que a sexualidade é concebida, como algo inato ao ser humano.

Aceitar a sexualidade como algo natural faz perder o direito de argumentar sobre sua dimensão social ou seu caráter construído. Fazendo isso, ela incorpora uma nova discussão aos Estudos das Sexualidades: a de que nossas identidades são *narrativas pessoais*. Para isso, Louro discute que essas narrativas se inscrevem nos corpos, reafirmando a importância dos mesmos para a construção de uma identidade sexual. O modo como trabalhamos, construímos e expomos nossos corpos na sociedade representa quem somos e o que podemos nos tornar. Portanto, é

De acordo com as mais diversas imposições culturais, [que] nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres. Através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação. Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam (LOURO, 2000a, p. 15).

Constantemente moldamos nossos corpos ao que consideramos como uma norma, ou simplesmente ao que achamos ser tendência. O que Guacira Lopes Louro explica é que de acordo com a maneira que construímos nossa identidade, nós inscrevemos em nossos corpos marcas que, ao passo que são representativas, também distinguem as maneiras as quais inscrevemos os corpos na sociedade. Isso se pode considerar como uma parte do processo de construção do exterior constitutivo, na medida em que tais marcas levam em consideração aquilo que nos é coerente e deixam de lado o que se encara como diferente, fora da matriz que se considera normal. A presença ou a falta de uma vagina ou pênis, tamanho das mãos, dos seios, ausência de seios, de pelos ou cor de cabelos ou pele passam a ser marcas de significação cultural que distinguem raça, gênero, nacionalidade, etc. (LOURO, 2004).

Nesse viés, a autora retoma também uma discussão de Judith Butler ao propor que sexo e gênero se confundem, pois, linguisticamente, se encontram inter-relacionados uma vez que o sexo e o gênero são elementos constituintes de identidade. Ela não nega as características biológicas, contudo vai além ao discutir que a forma que os sujeitos vivem suas sexualidades relacionadas com os gêneros masculino ou feminino ou até mesmo agênero, se confunde na discursividade, fazendo parte do sujeito. Isso compõe suas identidades ao passo que a maneira com a qual o sujeito vive sua sexualidade – com parceiros do sexo oposto, do mesmo sexo, de ambos os sexos ou até mesmo sem parceiro algum – constitui a sua identidade

sexual, que está relacionada também a uma identidade de gênero ligada ao modo como esse sujeito se identifica socialmente – masculino ou feminino, por exemplo.

Apesar dessa inter-relação, que causa certa dificuldade em refletir sobre um e outro de modo separado, evidentemente por conta das práticas e da linguagem, sexo e gênero são distintos. Pode-se observar, por exemplo, que um sujeito masculino pode ser heterossexual, homossexual, bissexual e, simultaneamente, ser rico, pobre, negro, branco, pardo, magro, gordo, etc., há muitas possibilidades que se entrelaçam e constroem as vivências sexuais e de gêneros lado a lado. Contudo,

O que importa aqui considerar é que – tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento – seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade – que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida (LOURO, 1997, p. 27, grifo da autora).

É preciso lembrar, a partir disso, que a identidade não é finalizada em si, acabada, mas que está continuamente em processo de construção. Isso porque, enquanto sujeitos sociais, constantemente somos atravessados por diferentes discursos, práticas e representações que rearranjam nossos lugares e posições sociais, a forma como somos e estamos no mundo e como nos comportamos na sociedade. Retomando Butler, o sexo e o gênero estão atrelados à maneira como homens e mulheres se comportam, performatizando nos campos público e privado. Tudo isso contribui para essa constante (re)construção da identidade, vista como uma ação performática corroborando com a aplicação do exterior constitutivo, que tende a excluir o que ameaça sua coerência. Não finalizada, de acordo com Louro, a identidade está em constante mudança de modo a garantir o caráter não absoluto do exterior constitutivo, tão logo seja concebido por meio do discurso e exista por causa dele.

Não negando a existência da matriz heterossexual com vista para o binarismo no sistema sexo-gênero, tampouco defendendo-a, percebe-se, antes, a importância de pensar a permanência dessa matriz ao estudar outras sexualidades, levando em conta que, na linguagem, a vivência da sexualidade e do gênero atrelada à construção e consolidação de uma identidade, implica no modo como os corpos são utilizados na

sociedade. Assim como Butler (2002) reafirma que se deve manter um aporte teórico que estude como acontece a regulação da sexualidade de acordo com o policiamento e censura do gênero, Louro (1997) aponta que se observe como esse tipo de regulação é representada no corpo através das marcas inscritas nele ao longo do tempo de forma que se possa desconstruir o caráter de permanência de uma lógica de oposições binárias – masculino/feminino.

2.3.1 O corpo e a sexualidade

Considerando essa regulação, policiamento e censura dos gêneros, compreendemos que a maneira como inscrevemos marcas em nossos corpos, como contamos nossas narrativas pessoais (LOURO, 2000a), é intrínseca às práticas de afirmação e manutenção de poder sobre os corpos em um processo histórico. Com base nisso, podemos afirmar que a sexualidade é, não apenas biológica, como também mental e, em maior grau, social, pois se liga às ideologias e imaginações além dos corpos. Nesse meio, o corpo vai muito mais além do que apenas sua estrutura física, traduzindo expressões de desejo, gostos e preferências do sujeito. Pensando a homossexualidade e a construção dos desejos e emoções gays percebe-se que o que possui maior importância não é saber se esses são derivados de um impulso biológico ou se são apenas criação mental, antes compreender a significação deles na sociedade.

Diz-se que o corpo é o lugar da sexualidade pois é nele que ela se realiza e constitui uma identidade (LOURO, 2000a), mas ela vai além dele e se configura como um dispositivo social que é historicamente modelado e socialmente construído. Enquanto dispositivo, é corrigido ou não de modo a seguir um padrão em relação ao que é tomado como natural, isto é, a conduta heteronormativa. O que não se encaixa nesse padrão é considerado desviante, destoante e não aceitável. Entre essas correções, construções e modelações citamos os dispositivos que influenciam a constituição da identidade, como os shoppings, blogs, sites e aplicativos de relacionamento, cinema, além da própria televisão. Todos esses se configuram como pedagogias culturais que dizem, de diversas maneiras, como ser e como viver na sociedade, permanecendo em constante transformação pois há sempre a necessidade de se encarar as situações e vivenciá-las de novos e diferentes modos.

Dentro desse padrão de regulação, de grande interesse para a Igreja e o Estado, são estabelecidos os limites do que é 'normal' e do que é 'anormal', trazendo à tona, novamente, a noção de exterior constitutivo de Judith Butler, na qual não se dissociam os elementos que estão dentro e fora do prisma constitutivo da identidade, uma vez que um se encontra no limite do outro, como é o caso da homossexualidade e da heterossexualidade. Refletir sobre a sexualidade envolve diretamente a maneira como se pensa e se conhece o próprio corpo em relação a quem somos e como a sociedade nos tolhe de acordo com sua preocupação com o disciplinamento dos corpos e da vida sexual dos indivíduos. Isto porque, a dimensão sexual tanto está inscrita no corpo quanto se expressa por meio dele, se faz e se transforma cultural e historicamente através das marcas de poder¹³.

Nesse ponto, o movimento que se faz não é o de negar a materialidade dos corpos, antes, se enfatizam as práticas discursivas que definem o gênero e a sexualidade e, por sua vez, constituem uma identidade coerente. As marcas de poder atuam por meio de mecanismos complexos que também são contraditórios, havendo muitas estruturas para dominação da sexualidade, dentre as quais se destacam três: a classe, o gênero e a raça (LOURO, 2000a). Estas desempenham um papel importante no que diz respeito à modelação da prática sexual.

Ao lançar-se um olhar histórico, é possível compreender que não é novidade que as diferenças de classe interfiram na regulação sexual. Por exemplo, era por meio dessa regulação que a aristocracia buscava se diferenciar das camadas inferiores ao manter os valores vitorianos¹⁴ por décadas a fio. Além disso, no século XIX houve um crescente interesse pelo controle do comportamento público para melhorar o âmbito privado e o policiamento da sexualidade em suas diversas formas, ou seja, não conjugais e não heterossexuais. Existiu, ainda, nessa época, a presença de diferentes padrões de classe relacionados à sexualidade, em razão da resistência das classes operárias em romper com o modelo sexual imposto pela classe média.

No entanto, há um fator determinante da diferença de status e classe na sociedade que diz respeito à construção do gênero dos sujeitos masculinos e

¹³ Louro se refere a essas como sendo as características dos corpos significadas como marcas através da cultura para diferenciar os sujeitos.

¹⁴ Esses valores eram vinculados a uma postura moral que, no século XIX, definiam como virtudes a disciplina, o trabalho árduo e a limpeza, por exemplo (MORAIS, 2004).

femininos. Essa construção acontecia – e em muitos casos, ainda persiste – através da relação de poder, uma vez que, por muitos anos, o corpo feminino foi encarado como uma versão menos desenvolvida do corpo masculino em uma lógica hierárquica excluindo as suas singularidades e naturalizando o lugar dominante do masculino. Apesar disso, se nota, com o avanço das ondas do feminismo, uma postura mais ativa de posicionamento social feminino, não deixando de existir dominação masculina, mas fornecendo ferramentas que possam reverter esse cenário.

Paralelo às marcas de gênero e de classe está o eixo da raça que perpassa as relações de poder ao longo da História, sobretudo no século XIX, que apresentavam o negro sob um olhar de impureza, de ameaça ao futuro das raças imperiais (LOURO, 2000a), isto é, através de uma política eugenista que estereotipava o corpo negro. Ao longo dos séculos o comportamento sexual foi sendo moldado como produto da relação com o Outro¹⁵, evidenciando não apenas a complexidade das forças que determinam o comportamento sexual, como também o argumento de que as definições de masculinidade e feminilidade apropriadas para qualquer sexo aconteceriam em função de uma resposta a esse Outro que, em relação a uma política de pureza da linhagem racial, evidentemente europeia, era considerado como cultura alienígena.

Da articulação desses eixos entende-se que as identidades de gênero, raça, classe e sexualidade se constroem em emaranhados de relações de poder sobre o corpo e sofrendo elas sua ação à medida que exercitam o próprio poder (LOURO, 2000b). A partir disso se tem a institucionalização de uma heterossexualidade compulsória como normal na tentativa de identificar a homossexualidade como forma ‘anormal’ de sexualidade. Assim sendo, esse embate cultural evidencia os modos como se constrói e reconstrói a posição da normalidade e da diferença, já que o normal está sempre caracterizando o diferente enquanto o contrário também acontece, todos através de processos discursivos e culturais que produzem e ensinam a diferença. É importante notar também que a interseção entre esses diferentes eixos apesar de ser imprescindível para compreender os processos de regulação da sexualidade, nem sempre estarão imbricadas nas análises de construções de

¹⁵ Compreender que o outro se trata do oposto ao indivíduo que é tomado como referência é de grande importância, pois é a partir dele que definimos o outro como a mulher (outro do homem), ou o Outro como o gay (outro da heterossexualidade).

identidade sexual em todas as obras literárias. Isto porque podem existir obras em que não se representem marcadamente construções relacionadas à classe, por exemplo. Logo se entende que compreender a teoria não significa engessar a sua pesquisa em uma obra e que é necessário um olhar crítico para que se perceba os conflitos que envolvem a construção de uma identidade sexual no campo discursivo dentro de uma obra literária.

Em muitas obras da Literatura esse processo de construção e representação de uma identidade sexual, suportado através da descrição linguística, evidencia esse movimento de caracterizar e diferenciar o normal do diferente. O protagonista de *Um Milhão de Finais Felizes*, do escritor Vitor Martins, por exemplo, para se construir como gay experimenta antes beijar uma garota e analisar se ele se sente atraído ou não, logo, ele expressa o processo de construção de uma identidade a partir da exclusão daquilo que não lhe é coerente, a heterossexualidade fica fora da matriz do exterior constitutivo. Questões como essa são muito abordadas em Literatura de temática LGBT+ mais voltadas para adultos, porém se observa um aumento na produção de obras destinadas ao público juvenil com um maior leque de temáticas, dentre elas a sexualidade.

2.4 De crianças a adolescentes: os avanços de uma literatura para jovens

A publicação, divulgação e circulação de livros cujas temáticas são voltadas para adolescentes tem ganhado espaço no cenário literário atual. Distinta de uma literatura propriamente centrada no desenvolvimento das crianças, em cuja natureza das obras se identificam características próprias do âmbito educativo, como o intelectualismo, tradicionalismo cultural e moralismo (COELHO, 2010)¹⁶, a Literatura Juvenil se caracteriza dentre outras, por não tornar esses aspectos como exclusivos nas obras, tendo como ponto focal a apresentação de temáticas que se direcionem às vivências do jovem na sociedade.

Antes, porém, para se chegar a um estudo mais aprofundado da Literatura Juvenil é preciso entender as bases para criação de obras voltadas ao público jovem,

¹⁶ Considera-se que, atualmente, tanto a Literatura Infantil quanto a Literatura Juvenil perdem esse estatuto moralizante para abrir espaço para uma literariedade maior nos textos que desperta a reflexão no público leitor (COITO, 2006).

isto é, a Literatura Infantil, que trata do processo formativo da linguagem e aprendizagem das crianças. É difícil pensar na literatura infantil e não lembrar do caráter educativo que ela possuía em seus primórdios com a publicação de obras que ensinassem valores morais aos pequenos.

A começar pelas fábulas que tiveram circulação oral, nas quais quase sempre as personagens eram animais que pensavam, falavam e agiam como seres humanos. Por ser de caráter dialógico¹⁷, as fábulas eram mais curtas e serviam tanto para divertir quanto para educar os pequenos por lhes repassar conteúdos morais e, por vezes, políticos. Datadas do século VI, muitas fábulas alertavam, através de alegorias, para perigos que rodeavam a sociedade à época. Mais tarde, na França, por volta do século XVII, o fabulista La Fontaine começa a criar suas próprias fábulas e resgatar, para o imaginário, algumas outras. De acordo com os estudos de Nelly Novaes Coelho (2000b), o fabulista torna claro que o objetivo das suas histórias curtas é o de utilizar animais para ensinar homens.

Naturalmente, a partir de então, a literatura infantil passou a ser encarada através de um olhar pedagógico, isto é, com o objetivo de ensinar às crianças não apenas a ética e moral que perpassam a sociedade como também o que hoje se considera como conteúdos interdisciplinares. Além do que, com a industrialização, os textos começaram a ser impressos em série, facilitando sua divulgação e gerando o que atualmente se conhece como cultura de massa. Por tudo isso a Literatura Infantil é vista com menor importância diante de um universo literário adulto. Contudo, Coito (2006) chama atenção para o fato de haver um contradiscurso, no qual a Literatura Infantil é tida como instrumento libertador para que o leitor rompa com o sistema de coerções e vigilâncias à medida que desenvolve sua competência de leitura e criticidade.

A respeito disso, Nelly Novaes Coelho (2000b) especifica que existem cinco tipos de leitores, sendo suas características relacionadas ao desenvolvimento da criança. Dessa forma tem-se: a fase do pré-leitor (I), quando a criança não consegue decodificar o texto verbal, compreendendo melhor as imagens e os sons; a fase do leitor iniciante (II), quando a competência de leitura encontra-se pouco desenvolvida,

¹⁷ Inicialmente, as fábulas eram contadas por mães e avós por meio do diálogo, meio mais eficaz, até então, de educar os filhos, levando em consideração que até então a contação de histórias fazia parte do cotidiano das famílias como forma de educar.

utilizando as imagens como auxílio para o entendimento da estória; a fase do leitor em processo (III), que mostra desenvolvida a competência de leitura e formulação de um pensamento lógico, mas recebe ajuda de um adulto para compreensão completa da obra; o leitor fluente (IV), que já consegue compreender plenamente a obra literária e, por fim, o leitor crítico (V), o último estágio de desenvolvimento, no qual o leitor já tem desenvolvida a competência de leitura e compreensão global da obra, estabelecendo relações entre o mundo ficcional e o real a fim de formular um pensamento reflexivo e crítico.

É interessante pensar que Coelho não determinou uma idade específica para cada nível de leitura, antes expôs as características deles, tendo em vista a importância desse desenvolvimento. De fato, definir uma Literatura Juvenil em distinção à Literatura Infantil é um trabalho de grande dificuldade. Alleen Nilsen e Kenneth Donelson, em sua obra *Literature for today's young adults* (2009), discutem o uso de um termo que se relacione à faixa etária dos leitores, problematizando o que se entende por Literatura para Jovens Adultos. Para eles, há um desacordo:

The Educational Resources Information Clearinghouse (ERIC), for example, defines young adults as those between the ages of eighteen and twenty-two, whereas the National Assessment of Educational Progress (NAEP), administered by the Educational Testing Service, refers to "young adults, ages 21 through 25." (NILSEN, 2009, p. 3, grifo dos autores)¹⁸.

De acordo com a discussão de Nilsen, levando em consideração diferentes modos de se definir uma idade mais 'adequada' para o público de literatura juvenil, seja entre os dezoito aos vinte e um anos ou entre os vinte e um e vinte e cinco anos, a adolescência influencia também na própria definição de uma terminologia que diga respeito a esse tipo específico de literatura. Para os autores, encontrar uma referência à literatura para jovens é tão problemático quanto definir uma idade para os leitores:

Still, many college courses in English departments are entitled Adolescent Literature, and because of our English teaching

¹⁸ Em tradução livre: O Centro de Informações de Recursos Educacionais (CIRE), por exemplo, define os jovens adultos como aqueles com idade entre dezoito e vinte e dois anos, enquanto a Avaliação Nacional do Progresso Educacional (ANPE), administrada pelo Serviço de Testes Educacionais, refere-se a "jovens adultos, de 21 a 25 anos".

backgrounds, we find ourselves using the term for variety, along with teenage books, teen fiction, and YA or young adult literature. The terms juvenile literature, junior novel, teen novel, and juvie have been used in the past, but they became so weighed down with negative connotations that they are seldom heard today. Even with the newer terms of young adult and YA, some teenagers feel condescended to, so librarians and teachers are looking for alternatives. (NILSEN, 2009, pp. 3-4, grifo dos autores).¹⁹

Para a língua inglesa, essa discussão é tão lógica quando se sabe que os termos citados – literatura juvenil, romance juvenil, entre outros – já se tornaram obsoletos, pois não definem a realidade. Tomando por base essa discussão, é possível compreender que, no Brasil, também não se pode precisar com certeza a idade para os leitores de Literatura Juvenil, tendo em vista que há desde leitores mais jovens até leitores mais velhos, além de também se encontrarem adultos entre os leitores de Literatura Juvenil. Com isto, pode-se relacionar a pertinência dessa discussão a respeito de *Young Adult Literature* na popularização do termo YA no Brasil e, por sua vez, o abramileiramento da expressão, que é muitas vezes tida como *Literatura YA*²⁰ ao invés de Literatura Juvenil.

Ainda assim, observando o desenvolvimento da criança e sua chegada à adolescência – além de seu ingresso na vida adulta –, compreende-se que, concomitantemente ao desenvolvimento da leitura, o jovem tem também desenvolvida sua competência crítica. Entre outras palavras, o adolescente é capaz de compreender não apenas obras de literatura infantil, juvenil com temas de complexidade menor, como também uma literatura que aborde conceitos mais aprofundados e temáticas que demandem maior pensamento crítico. Conforme as experiências de leitura e compreensão literárias acontecem, é natural que o adolescente desenvolva maior afinidade por temas que, de alguma forma, se aproximem ao seu cotidiano, às suas histórias. Para o jovem, esteticamente, ele frui

¹⁹ Em tradução livre: Ainda assim, muitos cursos universitários em departamentos de Inglês são intitulados Literatura Adolescente e, por conta da nossa formação no ensino de Inglês, nos encontramos usando o termo por variedade junto com livros para adolescentes, ficção juvenil e YA ou literatura para jovens adultos. Os termos literatura juvenil, romance juvenil, romance teen e juvenil já foram usados no passado, mas tornaram-se tão pesados com conotações negativas que raramente são ouvidos hoje em dia. Mesmo com os termos mais novos de jovem adulto e YA, alguns adolescentes se sentem condescendentes, então bibliotecários e professores estão procurando alternativas.

²⁰ Na revista Estante, publicada pela Fnac, há um artigo que busca explicar como se identifica a Literatura YA na atualidade. Fonte: <<http://revistaestante.fnac.pt/literatura-ya/>>. Acesso em 20, abr, 2020.

de experiências que originalmente não são suas e que, por sua vez, contribuem para que se atinja seu horizonte de expectativas²¹ ou até mesmo que se se rompa com esse horizonte à medida que a leitura é realizada.

Nesse sentido, o mercado literário e, por sua vez, a publicação de obras de Literatura Juvenil tem ganhado impulso nas últimas décadas, voltando seu olhar temático diretamente para estórias que se aproximem da realidade do jovem, seja através da ficção – maravilhosa ou não – seja por meio de histórias biográficas. Nessa gama de obras podem-se encontrar a representação de temas polêmicos relacionados ao desenvolvimento do jovem, sendo esses tratados de maneira mais leve, porém, de acordo com a multiplicidade de visões de mundo dos autores (COELHO, 2010). Por sua vez, os adolescentes leitores podem se imaginar nas estórias uma vez que elas dialogam com uma realidade em que existe o uso de drogas lícitas e ilícitas, política, depressão e outros distúrbios psicossomáticos, violência, preconceito, bullying, anorexia, bulimia, divórcio, problemas de gênero além de diferenças sociais e sexuais. A abordagem de temas dos mais variados tipos permite que se crie um diálogo entre leitor e obra na medida em que a ficção se torna cada vez mais verossímil para o leitor, provocando nele o reconhecimento de si, de suas próprias necessidades, angústias e medos, bem como a criação de sonhos que o adolescente pode se empenhar em concretizar na vida adulta.

Para que isso seja possível, as narrativas juvenis utilizam recursos diversos na construção das obras, os quais vão desde o humor à ironia, bem como à uma linguagem romantizada, entre outros aspectos, para falarem de “amor, amizade, descobertas, superação e crescimento” (TURCHI, 2016, p. 86). Essas temáticas são articuladas em torno daquilo que Coelho (2000b) chama de Realismo Cotidiano, porque englobam “situações radicadas na vida do dia-a-dia comum” (COELHO, 2000b, p. 156), caracterizando as relações humanas e afetivas. O Realismo Cotidiano pode ser ‘crítico’, ‘lúdico’, ‘humanitário’, ‘histórico’, ‘memorialista’ ou ‘mágico’. Desses, pode-se constatar que o Realismo Crítico apresenta obras atentas à realidade social e que são guiadas por uma perspectiva político-social direcionada, diferente, portanto,

²¹ O horizonte de expectativas se relaciona com as impressões que o leitor tem da obra e com uma gama de motivações que ele nutre em relação ao texto. Essas motivações tomam forma com o desenvolvimento intelectual do indivíduo. O horizonte de expectativas é um dos pontos primordiais para explicar a teoria da Estética da Recepção, discutida por Hans Robert Jauss ao final da década de 1960, com a publicação da sua obra *A história da literatura como provocação à teoria da literatura*. Este, contudo, não é o foco para o nosso trabalho.

do Realismo Humanitário, cujas obras se voltam para o convívio humano e as relações afetivas. Ainda mais, assumindo uma postura neorrealista representa os conflitos vividos pelos jovens gays no cotidiano de modo que, semelhante ao regionalismo da Geração de 30 do século XX, que utilizou do neorrealismo para problematizar os conflitos do povo nordestino, se possa colocar em foco os questionamentos do jovem nas mais diversas temáticas através de um realismo social (FERNANDES, 2016).

Além disso, a respeito dos elementos característicos dos gêneros textuais, a literatura juvenil difere da literatura infantil pelo modo de produção de suas obras. Enquanto a literatura infantil é repleta de imagens, textos mais claros e concisos, além de uma fonte gráfica relativamente maior, a literatura juvenil pode também utilizar ilustrações nas obras, mas essas não tomam o espaço do texto, que neste caso, é impresso em uma fonte menor se comparada à anterior. Atualmente as obras de literatura juvenil podem conter uma diversidade de gêneros textuais dentro de si, por exemplo, a representação de uma conversa por aplicativo de mensagens de texto ou por e-mail, bem como deixar expressos, graficamente, cartas ou bilhetes.

Contudo, apesar desses diversos elementos contrastarem a Literatura Juvenil da Literatura Infantil, no Brasil, os estudos em torno de uma literatura própria para o público adolescente ainda se encontram muito atrelados à Literatura Infantil. De fato, há alguns anos atrás ainda se falava em uma *Literatura Infanto-juvenil*, que trata a ambas como se fossem uma só, além de relacionar ao trabalho do professor na sala de aula e aos PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais. Essa situação evidencia, apesar da quantidade vasta de estudos em Literaturas Infantil e Juvenil, uma maior necessidade de pesquisas que teorizem a Literatura Juvenil a partir de parâmetros próprios, dissociados da Literatura Infantil, como o trabalho de Katia Caroline de Matia (2017) que primeiro observa o que configura a juventude, sob um viés psicológico, para então se chegar a uma discussão sobre a obra literária para jovens e o leitor adolescente.

Ao se considerar a relação entre a Literatura Juvenil e a temática da homoafetividade, foco deste trabalho, as pesquisas se tornam muito mais escassas, demonstrando ser uma área ainda pouco explorada em estudos acadêmicos. Por exemplo, em uma rápida busca no catálogo de teses e dissertações da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – utilizando a entrada 'homoafetividade' e aplicando filtros que dizem respeito à área de Letras – Linguística

e Literatura, se encontram onze trabalhos publicados, dentre os quais apenas três constroem uma teoria relativa à temática da homoafetividade na Literatura Infantil e Juvenil nos últimos cinco anos, entre eles se destaca o trabalho de Kyssia Rafaela Almeida Pinto da Silva (2012), que observa a representação da homoafetividade em romances juvenis.

2.4.1 Literatura Juvenil e Sexualidade

Pensando a representação de situações da vida comum com ênfase nas relações afetivas, pode-se observar um crescente interesse em se abordar assuntos que estejam ligados ao desenvolvimento da identidade do jovem, sobretudo no campo da sexualidade²². A respeito disso, a Literatura Infantil se encarregou de tratar de temas que estivessem ligados ao desenvolvimento afetivo e cognitivo na infância sendo que um desses diz respeito também à discussão social de gênero e sexualidade, ainda que não seja tão desenvolvido e aprofundado como o é, por exemplo, em uma literatura voltada para o público adulto.

De acordo com os PCN (BRASIL, 1997), no volume 10, que trata de pluralidade cultural e orientação sexual, o gênero é apresentado como uma construção social além de ser feito um alerta para as relações de poder entre os gêneros de modo a combater as relações autoritárias e a rigidez dos padrões de conduta (BRASIL, 1997). Apesar disso a discussão ainda é superficial. Observa-se que no ambiente escolar é papel do professor desconstruir os paradigmas que giram em torno da discriminação e dos estereótipos relacionados ao gênero e à sexualidade. Para isso, um dos meios utilizados se encontra no desenvolvimento de atividades com obras literárias que possuam como ponto focal as relações homoafetivas²³, levando em consideração os estágios de desenvolvimento da leitura das crianças em busca da deslegitimação de preconceitos de gênero, sexo, raça, classe, entre outros.

²² Pode-se citar como exemplos o livro *Espelho de Cores* (2015), do escritor Pedro Ivo Silva, que retrata a história de Gabriel, um jovem que está em conflito com sua sexualidade e *Fake* (2014), escrito por Felipe Barenco, o qual mostra a indecisão de Téo em contar ou não para os pais que é gay.

²³ *Meus dois pais* (2010), de Walcyrr Carrasco, é uma obra de literatura infantil que retrata a forma como Naldo encara a separação do seu pai e sua mãe além da descoberta de que o seu pai é gay.

Apesar disso, ainda se observa certa dificuldade em se tratar desses assuntos uma vez que dizem respeito à esfera privada e são comumente encarados sob um olhar de imoralidade. É então que o trabalho com a literatura se torna indispensável, uma vez que ela problematiza as relações entre gêneros e sexualidades em jogos de poder, permitindo que o professor seja um mediador dessa temática ao construir um ambiente de liberdade de representação de ideias e conhecimentos, sobretudo, culturais.

Para além da sala de aula, no entanto, as relações afetivo-sexuais que os jovens desenvolvem entre si apontam conflitos e questionamentos próprios à construção de suas identidades e nem sempre o adolescente encontra ambientes que proporcionem segurança o suficiente para discutir o assunto. Para muitos jovens gays, bissexuais, transexuais, a temática da saída do armário envolve discussões que todos enfrentam em algum momento de suas vidas e que causam, em muitos, certo desconforto, ansiedade e/ou medo seja porque a saída representa uma espécie de libertação ou porque terá implicações negativas, como a expulsão de casa. Questões como essas se encontram representadas na Literatura Juvenil com temática LGBT+ que tenta transportar as situações do realismo cotidiano (COELHO, 2000b) e social para a narrativa ficcional, criando um espaço verossímil no qual o jovem percebe as relações e conflitos de ordens afetiva e identitária como se fossem suas, experienciando outras realidades sociais, outras formas de conviver em sociedade e outros modos de se relacionar afetivamente.

Logo, não apenas trazendo esse aspecto neorrealista, mas ao abordar uma temática pertinente à construção da identidade do adolescente e, nos últimos anos, retomá-la sob novos olhares e perspectivas, a Literatura Juvenil contribui para que mais e mais jovens, ao lerem-na, sintam-se representados pelas e nas histórias, mediando, assim, o processo de construção de uma identidade coerente²⁴.

Além disso, o uso dos mais variados elementos para construir o enredo e o espaço físico, material, dos livros – páginas, layout, fontes – contribui para que aconteça uma rápida adaptabilidade no mercado e, para o sucesso das obras, acarretando em uma demanda maior de publicação. Tanto grandes editoras

²⁴ A construção de uma identidade implica em definir quem a pessoa é, seus valores e que caminho quer trilhar na vida. Recebe a influência de fatores tanto intrapessoais, como interpessoais e culturais (SCHOEN-FERREIRA, 2003).

conhecidas em todo o país como editoras menores abrem, assim, espaço para que autores iniciantes ou que ainda não detêm tanta popularidade possam publicar seus trabalhos. Isto alavanca a expansão do mercado editorial brasileiro sobretudo de produção de Literatura Juvenil (COELHO, 2000a) não apenas para o seu público alvo, como para todos os leitores em geral.

Com isso em vista é que se pode determinar a escolha do corpus de análise desse trabalho. A obra *Um milhão de finais felizes*, de Vitor Martins, publicada no ano de 2018, se configura como Literatura Juvenil – ou Literatura YA – e apresenta um enredo realista no qual um jovem se depara com uma situação de intensa dificuldade e isso reflete em sua própria escrita ficcional, quando ele desenvolve uma narrativa fantástica dentro da estória principal da obra.

Abordando o tema da aceitação da homossexualidade, saída do armário e relacionamentos homoafetivos, a obra apresenta duas estórias distintas, mas que se entrecruzam diante da escrita do protagonista: por um lado a narrativa de um jovem que não tem perspectiva de planejamento para o futuro e acaba sendo expulso de casa por sua sexualidade ser abominada pelos seus pais ao descobrirem que este namora outro rapaz; por outro, uma narrativa fantasiosa em que um pirata jovem acaba se apaixonando por outro que havia acabado de se juntar ao seu grupo e são atirados ao mar para morrerem, quando têm seu segredo descoberto. Existe a angústia de se aceitar nos dois contextos da obra, mas de não ser aceito, sendo esse um tema muito recorrente na realidade social de jovens gays.

3 UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE O ARMÁRIO GAY

Discutir a existência da homossexualidade enquanto sexualidade estimada como anormal em um pensamento heterocentrado requer pensar, antes, as formas de regulação da sexualidade sob uma relação que ainda é pautada no binarismo de gênero dentro das esferas pública e privada. Parte dessa regulação é desempenhada através do dispositivo conhecido como ‘armário’, estudado e discutido pela crítica Eve Kosofsky Sedgwick. O armário seria o elemento primordial para trazer as sexualidades desviantes para o lugar público enquanto evocava esforços para resigná-las ao ambiente privado.

Sedgwick, em sua obra *Epistemology of the closet* (1990), determina que o armário trata de um regime de controle da sexualidade com foco nas sexualidades desviantes e levando em conta que, ao final do século XIX, a homossexualidade ainda era encarada, do ponto de vista médico, como uma patologia. A operação do armário constitui a esfera da sexualidade através de identidades que se excluem mutuamente: de um lado as pessoas que são heterossexuais, ‘normais’, de outro, os gays, ‘anormais’ e, por sua vez, passíveis a tratamentos psiquiátricos ou punições. Mas a aplicação do armário ainda é anterior à visão de doença: por séculos a homossexualidade foi considerada como perversão e pecado, precisando que se mantivesse sob controle, às escondidas, corrigida pela heteronormatividade.

Atualmente, o armário gay se faz presente na vida social até mesmo de pessoas assumidamente gays. É fato que

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas. Além disso, a elasticidade mortífera da presunção heterossexista significa que como Wendy em *Peter Pan*, as pessoas encontram novos muros que surgem à volta delas até quando cochilam (SEDGWICK, 2007, p. 22, grifo da autora).

Não para manter as aparências, antes como meio de se preservar de algo incerto, muitos gays permaneciam no armário para, por exemplo, chefes de trabalho,

assistentes sociais, diretores. Trata-se de uma constante entrada e saída do armário que, aparentemente, não tem fim. Apesar disso, à época, sair do armário significava abandonar a clandestinidade e o confinamento proporcionados pelo ambiente privado para uma afirmação pública, observada por Spargo (2017), ao compreender a abordagem do modelo de libertação do ano de 1970 que mostrava os gays e lésbicas como um grupo minoritário e que, para conseguir igualdade em uma sociedade heteronormativa, de nada adiantaria expor os seus “desejos mais excessivos e transgressores” (SPARGO, 2017, p. 27).

3.1 Afinal, um confronto entre o público e o privado

“The closet is the defining structure for gay oppression in this century”²⁵ (SEDGWICK, 1990, p. 71). É dessa forma que Sedgwick se refere ao dispositivo do armário, em sua obra *Epistemology of the Closet*, (1990), ao evidenciar a discussão jurídica em torno do afastamento do professor Acanfora de suas atividades acadêmicas, no Condado de Montgomery, em Maryland, em decorrência de não se apresentar como gay no momento de sua inscrição para a docência universitária, fato esse que vem à tona posteriormente no exercício de sua profissão. Outro caso que ela comenta, foi o de uma orientadora educacional que se revelara bissexual para algumas de suas colegas, vindo a ser demitida em seguida e, mais de um ano depois, recebe uma determinação da Suprema Corte de que o que ela fazia em termos de sexualidade não era de interesse público.

A operação do armário expõe um vínculo duplo e opressor entre o que é público e o que é privado. Em 1985, para a Suprema Corte dos Estados Unidos da América a homossexualidade era uma questão que não dizia respeito ao público, ao passo que deveria ser suprimida para o ambiente privado. As lutas políticas posteriores, contudo, conseguiram evidenciar o quanto esse sistema é incoerente e problemático para as estruturas sociais, destacando o molde da sexualidade em seu espaço impermeável, termo utilizado por Sedgwick (2007). A imagem do armário ganha força com essa relação dúbia, de regular o que se faz naquilo que é particular ao sujeito tanto quanto se considera a saída do armário através do uso do poder nas relações.

²⁵ Em tradução livre: “O armário é a estrutura definidora da opressão gay nesse século”.

A epistemologia do armário passa a ser uma formulação desconstrutiva, em certo sentido, pois caracteriza e discute que as categorias que são pautadas em uma cultura de oposições binárias simétricas se mantêm em uma relação instável e dinâmica:

first, term B is not symmetrical with but subordinated to term A; but, second, the ontologically valorized term A actually depends for its meaning on the simultaneous subsumption (sic) and exclusion of term B; hence, third, the question of priority between the supposed central and the supposed marginal category of each dyad is irresolvably (sic) unstable, an instability caused by the fact that term B is constituted as at once internal and external to term A (SEDGWICK, 1990, p. 10)²⁶.

Eve Sedgwick foi clara ao representar essa relação dúbia na qual o que é considerado *anormal* (determinado como termo B) é subordinado ao *normal* (posto como termo A), enquanto que A só é significado a partir da existência e exclusão de B. Considerando que A é a heterossexualidade e B a homossexualidade, dessa relação se constrói a visão de que a heterossexualidade é universal e a única a receber reconhecimento normativo.

Em sua forma mais clássica, o armário entra em operação quando a esfera da sexualidade é entendida a partir da constituição de identidades que são autoexcludentes, em um viés binário. O 'normal', ainda muito encarado como a heterossexualidade, definiria os sujeitos heterossexuais, já os gays, vistos como abjetos, durante décadas foram encarados como perversos, pecaminosos pela Igreja e, pela medicina, sujeitos a tratamentos psiquiátricos e punições legais, dentre elas, a impossibilidade de conseguir algum emprego.

Para eles, o armário funcionava como uma zona segura, reservando a vivência dos seus desejos e anseios ao âmbito privado desde que levassem uma vida heterossexual nas esferas públicas. Dessa articulação se evidenciou a contribuição para a construção de uma hegemonia heterossexual (MISKOLCI, 2012) na qual

²⁶ Em tradução livre: primeiro, o termo B não é simétrico, mas subordinado ao termo A; segundo, o termo A, valorizado ontologicamente, depende, na verdade, para seu significado, da subsunção e exclusão simultâneas do termo B; portanto, terceiro, a questão da prioridade entre a suposta categoria central e a suposta categoria marginal de cada díade é irresolúvel e instável, uma instabilidade causada pelo fato do termo B ser constituído, concomitantemente, como interno e externo ao termo A.

manifestar desejos homossexuais é encarado como algo anômalo, politicamente inaceitável.

Assim, a partir de um conjunto de normas que não se mostram tão explícitas, o armário opera em todos os campos da vida do sujeito que se assume publicamente para um grupo de amigos enquanto se esconde para determinado grupo de pessoas. Comumente os jovens são os indivíduos que mais têm essa vivência, uma constante afirmação de ser e não ser heterossexual/gay. Para alguns amigos ele se mostra, age e sente-se como gay, enquanto que, para a família, os pais ou algum indivíduo que desempenhe o papel de chefia/direção, esses jovens se comportam como sujeitos heterossexuais.

Não se pode precisar os motivos pelos quais esse sistema ainda tenha certa manutenção na hierarquização de uma sexualidade pública dentro das normas, pois se trata de uma relação constantemente incoerente: o assumir-se pode ser comparado aos dois lados de uma moeda, em que um representa um ato de coragem e um posicionamento político, permitindo que se discuta a vivência das sexualidades e suas relações afetivo-sexuais também no meio público; o outro lado, contudo, marca as lutas e implicações gravíssimas sobre o sujeito gay, como a perda de um emprego, a não aceitação pela família e expulsão de casa, que provocam, em diversos casos, situações de vulnerabilidade social, não raro, acompanhadas do risco de morte em decorrência de homofobia, sobretudo no Brasil, retomando as estatísticas apontadas pelo Grupo Gay da Bahia (2020).

Apesar disso, se observa ainda que existem indivíduos que se sentem confortáveis em permanecer dentro do armário, não se obrigando nem tampouco sentindo-se coagidos a realizar a saída deste. Em certa medida, essa prática persiste na manutenção de uma vida dupla, com ou sem receios, pautada na vivência clandestina do prazer e afetividades homossexuais. Como afirma Letícia Nascimento (2019), a vida em segredo, contudo, contribui para a garantia dos direitos e privilégios heterossexuais, os quais começaram a ser questionados nas últimas décadas do século XX com os movimentos sociais homossexuais. De acordo com a pesquisa de Sedgwick (1990), existe um confronto entre o sair do armário e a imagem dele quando se contrapõe a certeza de que o ato de se assumir evocaria maior visibilidade em decorrência da quebra de uma privacidade ambígua ofertada pelo próprio armário.

Assim, o posicionamento de sair do privado para mostrar-se no público se encontra relacionado ao ato político de construção de uma identidade que delimite suas fronteiras e que possa ser representada na sociedade (LOURO, 2004). Uma identidade coerente envolveria a saída do armário na luta por garantia aos direitos, fazendo com que se volte à mente os acontecimentos decorrentes da revolta de Stonewall, que ganharam maior visibilidade ao longo dos anos, servindo como pano de fundo para que o movimento LGBTQ+ ganhasse força. Não apenas ele, mas, com a Revolução Sexual, aconteceu também a ascensão da segunda onda do movimento feminista com novos projetos de autonomia corporal que, relacionados ao movimento gay, levavam o mote do 'assumir-se', lutando através de uma perspectiva liberacionista na qual a vida sexual deveria ser livre das obrigações de reprodução, casamento, entre outras, logo, seria centrada no prazer (MISKOLCI, 2012).

O ato de sair do armário, nesse contexto, era visto como libertador, uma vez que havia o rompimento de uma tradição que concentrava poder na heterossexualidade compulsória. Nesse caso, a saída traz implicações positivas quando da busca pela asseguuração dos direitos, funcionando como uma espécie de slogan que chame atenção para o movimento, além de permitir que muitos grupos²⁷ se articulem para fornecer apoio e suporte necessários para que aqueles que decidem sair do armário não precisem enfrentar sozinhos as reações negativas resultadas por tal atitude, caso hajam.

A respeito disso, Sedgwick (1990) chama atenção para o fato de encarar a saída do armário a partir de um viés sentimentalista que imprima a sensação de esperança fantasiosa tal qual a estória de Ester, personagem bíblica:

The biblical story and Racinian play, bearable to read in their balance of the holocaustal with the intimate only because one knows how the story will end, are enactments of a particular dream or fantasy of coming out. Esther's eloquence, in the event, is resisted by only five lines of her husband's demurral or shock: essentially at the instant she names herself, both her ruler and Aman see that the anti-Semites are lost ("AMAN, tout has: j e tremble" [1033]). Revelation of identity in the

²⁷ Um exemplo desse grupo é a Casa 1, centro de acolhimento de jovens LGBTQ+ em situação de risco, expulsos de casa pela família e que oferta serviços culturais, ações socioeducativas e atendimentos psicoterapêuticos gratuitos e/ou de baixo custo. Atualmente tem suas instalações em São Paulo e conta com contribuições para manter o funcionamento. Fonte: <<https://benfeitoria.com/casa1>>. Acesso em: ago, 2020.

space of intimate love effortlessly overturns an entire public systematics of the natural and the unnatural, the pure and the impure. The peculiar strike that the story makes to the heart is that Esther's small, individual ability to risk losing the love and countenance of her master has the power to save not only her own space in life but her people (SEDGWICK, 1990, p. 76)²⁸.

A crítica relaciona a estória de uma personagem bíblica, e por sua vez, a saída do armário atrelada à religião judaica, com o ato de sair do armário gay. Naturalmente, com um conhecimento basilar a respeito da Bíblia consegue-se compreender que os fatos que cercavam a estória de Ester consistiam em revelar seu verdadeiro eu para o seu senhor e marido na busca por defender todo um povo de ser exterminado: Ester era uma judia casada com o rei da Pérsia, Assuero, quando Hamã, um dos assessores do rei, faz planos para matar todos os judeus. O rei, no entanto, não desconfiava de que Ester fosse também judia e, ao tomar posição e revelar-se para Assuero, ela consegue fazê-lo mudar de ideia e preservar tanto sua vida como a do povo judeu.

Apesar de se tratar de uma narrativa que continua sendo divulgada através das inúmeras traduções da Bíblia, nela o armário operava diferente do pânico homossexual, pois se relacionava ao elemento racial e religioso e não à homossexualidade. Desse modo, não falar de sua cultura para o rei era, para Ester, como não viver sua identidade. A partir do momento em que ela se assume, toma uma posição política e ideológica em favor daquilo que constitui sua identidade com efeitos positivos não apenas para ela, como também para outras pessoas. É preciso notar que a revelação aconteceu no âmbito do amor íntimo, logo, ao conquistar o afeto e amor de Assuero, Ester criou a possibilidade para que ele fosse flexível à revelação da esposa.

²⁸ Em tradução livre: A estória bíblica e a peça de Racine, legíveis em seu equilíbrio entre o holocausto e o íntimo apenas porque sabemos como a estória vai acabar, são encenações de um sonho ou fantasia particulares sobre sair do armário. A eloquência de Ester é resistida pela dúvida e o choque do marido apenas por cinco linhas: basicamente no instante em que ela declara quem é, tanto seu senhor como Hamã percebem que os antissemitas estão perdidos. A revelação da identidade no espaço do amor íntimo derruba sem esforço toda uma sistemática pública do natural e do não natural, do puro e do impuro. O golpe peculiar que a estória produz no coração é que a pequena capacidade individual e particular de Ester, de arriscar a perda do amor e do favor de seu senhor, tem o poder de salvar não só seu próprio espaço na vida, mas seu povo.

Apesar disso, há um problema em se encarar a saída do armário sob uma ótica fantasiosa. O ato de se assumir causará um desconhecimento como espaço epistemológico que se torna visível, isto porque:

First, we have too much cause to know how limited a leverage any individual revelation can exercise over collectively scaled and institutionally embodied oppressions. Acknowledgment of this disproportion does not mean that the consequences of such acts as coming out can be circumscribed within *predetermined* boundaries, as if between "personal" and "political" realms, nor does it require us to deny how disproportionately powerful and disruptive such acts can be. But the brute incommensurability has nonetheless to be acknowledged. In the theatrical display of an *already institutionalized* ignorance no transformative potential is to be looked for (SEDGWICK, 1990, p. 78, grifo da autora)²⁹.

Não se pode esperar que a revelação do segredo cause nos outros a mesma comoção vivenciada por Assuero pois, tendo em vista que a opressão era de caráter coletivo, uma revelação individual tem apenas certo limite de alcance. A crítica é bem enfática em mencionar que não se deve buscar nenhum potencial transformador em terrenos nos quais a ignorância já é institucionalizada. Diferente da estória de Ester, contudo, a epistemologia do armário tem de ser refletida sob um prisma muito amplo de possibilidades que configuram uma/algumas opressão/opressões não apenas para aquele que está saindo do armário – risco de perder o emprego, de sofrer uma mudança de vida radical, de perder a própria vida em casos extremos –, como para aqueles que se relacionam/relacionaram diretamente com esse sujeito.

O impacto da revelação incide primordialmente no questionamento sobre a solidez e fundamento da identidade gay, ressaltando, assim, certa resistência em se aceitar e compreender as afirmações sobre a homossexualidade como elemento constituinte da identidade do sujeito. Essa noção complicada e problemática torna, muitas vezes, o sair do armário como algo intuitivo no qual se cristalizam certas convicções que pairam no ar sob o silêncio do não dito que ao ser finalmente expresso

²⁹ Em tradução livre: Primeiro, sabemos muito bem quão limitada é a influência que uma revelação individual pode exercer sobre opressões em escala coletiva e institucionalmente corporificadas. O reconhecimento dessa desproporção não significa que as consequências de atos como a saída do armário possam ser circunscritas dentro de limites *predeterminados*, como entre os domínios “pessoal” e “político”, nem requer que neguemos quão desproporcionalmente poderosos e destrutivos tais atos podem ser. Mas a incomensurabilidade bruta tem que ser de qualquer maneira reconhecida. Na exibição teatral de uma ignorância *já institucionalizada*, não se deve procurar potencial transformador.

coloca aqueles que descobrem o segredo em uma posição de poder: eles, afinal de contas, já sabiam antes mesmo do sujeito se dar conta de sua sexualidade. Essa é uma relação muito mais violenta, volátil e menos franca em si com complicações para ambos os lados, seja de quem fala seja de quem desvela e/ou recebe o segredo (SEDGWICK, 1990).

Ela ainda pode dar vazão a determinados insultos – ““I’d never have said those things if I’d known you were gay!” – yeah, sure” (SEDGWICK, 1990, p. 80)³⁰ – que são ancorados em relações primordialmente especulares. Subentende-se que enquanto se especula a sexualidade do outro, se tem o direito de fazer piadinhas, injúrias ou maldizeres, que, na maioria das vezes persistem depois da saída do armário, contudo de modo pouco explícito.

3.2 Identidades gays e a angústia na cultura do armário

Levando em conta o funcionamento dos corpos na sociedade compreende-se que a inscrição dos gêneros neles acontece no contexto de culturas específicas e, portanto, levam marcas dessa cultura consigo (LOURO, 2000a). A vivência em uma sociedade marcadamente heterocentrada e heterossexista impõe aos corpos uma maneira ‘corretamente’ esperada de agir e se comportar privilegiando os direitos e a força reguladora heteronormativa, reiterando os moldes binários, sobretudo relativos à sexualidade.

Construir uma identidade gay envolve perpassar-se por inúmeros fatores culturais que são fundamentados em uma espécie de essencialismo biológico heteronormativo. Nesse caso, a heterossexualidade não é contestada, pois possui caráter natural uma vez que sua anatomia biológica lhe favoreceria a evolução e desenvolvimento reprodutivo. A homossexualidade, ao ir de encontro a um desenvolvimento natural da sexualidade, é observada como desviante, anormal e sem funcionamento relativo à reprodução.

A política binária do sair do armário expressa uma opressão decorrente das relações de poder que afeta a construção de uma identidade sexual coerente – seja

³⁰ Em tradução livre: “Eu jamais teria dito estas coisas se eu soubesse que você era gay!” – sim, claro”.

ela gay, lésbica, ou para além disso –, uma vez que, indica a homofobia de uma forma que não se compara a outras opressões, como o racismo no qual o estigma é visível (SEDGWICK, 2007). De certo modo, o armário continua operando e, apesar da saída dele, como se vê, nem todas as pessoas sexualmente assumidas estão, de fato, fora dele. Isso acontece por terem seus lugares sociais constantemente regulados com relações de poder que os forçam a desenvolver posturas identitárias diversas vezes contrárias às suas identidades construídas.

Sedgwick (1990) já havia sinalizado para o problema de a opressão do armário ter efeito sobre a conceituação de uma identidade gay, isso porque, muitas das vezes em que se efetua a saída, essa identidade é inicialmente questionada como se tratando apenas de uma fase que, rapidamente, passaria. Ou até mesmo seria o problema de não ter encontrado alguém do sexo oposto por quem pudesse ter desenvolvido sentimentos afetivos e sexuais. Apesar disso, os privilégios e direitos de uma heterossexualidade compulsória são mantidos perenes nessa relação profundamente reguladora, tentando tomar o controle, não raro, da conceituação da identidade gay. Junqueira (2012) exemplifica claramente essa relação ambígua ao explicar que a heterossexualidade compulsória não é questionada, antes, porém, é reafirmada:

O macho angustiado por não cumprir com os ditames inatingíveis da masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995) não tenderá a ter seu status questionado se agredir alguém considerado menos homem. Pelo contrário, com tais manifestações de virilidade, além de postular-se digno representante da comunidade dos “homens de verdade”, ele poderá até ser premiado. Afligido pela pesada carga que sua posição de dominante acarreta, ele, para esconjurar ameaças a seus privilégios, terá à sua disposição um arsenal heterossexista socialmente promovido (JUNQUEIRA, 2012, p. 68).

Entretanto, estabelecer uma identidade sexual heteronormativa é um processo tão contraditório e incoerente quanto a consolidação de uma identidade sexual gay (SEDGWICK, 1990), isso porque essa relação é primordialmente de transferência e contratransferência. Então, o efeito de sair do armário implica na perturbação da própria identidade sexual da pessoa para quem é revelado tal segredo.

Culturalmente se (re)construindo, nessa relação, as identidades sexuais encontram duros processos de coerência quando categorizadas a partir dos binômios de *normalidade/anormalidade*, *heterossexual/gay*. Logo, a relação do armário com o assumir-se não acaba no momento da revelação do segredo e muitas vezes a implicação da homossexualidade na sexualidade do opressor é revelada a posteriori, quando se descobre que muitos que praticam homofobia, não raro também podem ser gays. Esse é um processo turbulento que expõe o gay a situações, em certa medida, violentas e incoerentes.

Além disso, pensando a heteronormatividade, o armário, em conjunto com elementos culturais, contribui para a construção de uma identidade sexual 'correta' a partir da opressão da diversidade de identidades que estejam em desacordo com a norma. Em resultado, se repete a tendência de encarar e enxergar as identidades sexuais e eróticas do ponto de vista binário, excluindo e subalternizando as diferenças e silenciando o Outro, aquele que está indo de encontro à norma. Butler questiona essa categorização excludente ao contrapor os estudos de Irigaray com Beauvoir, mostrando que a definição do Outro se encontra em uma economia falocêntrica que preza a completa exclusão do feminino: "Para Beauvoir, as mulheres são o negativo dos homens, a falta em confronto com a qual a identidade masculina se diferencia; para Irigaray, essa dialética particular constitui um sistema que exclui uma economia significativa inteiramente diferente" (BUTLER, 2003, p. 29).

Esse não pertencimento observado no caso da identidade de gênero pode ser encarado também do ponto de vista das identidades sexuais, nas quais o Outro se constitui através da diferença, do não ser heterossexual, ao passo que o heterossexual se afirma como tal em exclusão e negação daqueles que não o são. Logo, o estabelecimento de fronteiras caracteriza, também, a atuação do armário no seu papel regulador das identidades gays. Essa regulação impõe ao sujeito gay que, por diversas vezes, leve uma vida dupla, sendo posto dentro do armário e vivendo clandestinamente a sua sexualidade (NASCIMENTO, 2019). Como resultado tem-se, em certa medida, um cruzamento de identidades: enquanto publicamente se assume uma identidade heterossexual, no ambiente particular a expressão da sexualidade é destoante. Além disso evidencia-se o agir socialmente, que interpelado por uma cultura de opressão e heteronormatização, adquire o hábito de portar-se de modo

heteronormativo como que seguindo as regras que não são explícitas, mas que estão intrínsecas ao viver em sociedade.

Para esse sujeito, ao sair do armário, há a comoção e surpresa permitidas por relações especulares: “Mas você não parece ser gay!”, tornando comum a saída e entrada no armário uma ação repetitiva. Interessante notar que a pesquisadora, Letícia Carolina Nascimento (2014), discute essa ação a partir da experiência do jovem que, no trajeto escolar, se encontra diante de um armário que não é hermeticamente fechado em si, mas antes, que permite mais de uma entrada e saída,

na medida em que alguns jovens podem escolher se assumir na escola e não se assumir na família, ou ainda se assumir para alguns amigos que confiam e não para todo mundo. O armário, portanto (sic) comporta ao mesmo tempo o ocultamento e a revelação, suas portas se movimentam de acordo com os lugares e as pessoas que o interceptam (NASCIMENTO, 2014, p.134).

O jovem toma diversas posições em suas relações na sociedade as quais o induzem a mostrar ora uma identidade heteronormativa ora uma identidade gay, sendo e não sendo, não assumindo de fato uma identidade sexual coesa. Esta, performativamente, está em constante processo de construção a partir da exclusão daquilo que não está de acordo com a sua coerência identitária (BUTLER, 2002). A imagem de armário que se sobressai nessa performance é a de ocultação e silenciamento, de esconder uma identidade gay através da repressão à sexualidade desviante. Logo, há uma problemática não apenas no sair do armário como também há em repetir a ação de sair e entrar novamente.

As oposições que ocorrem no momento da consolidação de uma identidade coerente, as quais denominam-se como exterior constitutivo, de acordo com os estudos de Butler (2003), marcam uma construção essencialmente binária sob o espectro de uma naturalidade heterossexual, sendo aquelas, até certo ponto, violentas, sobretudo quando se leva em consideração a operação do armário para a regulação da sexualidade. Podemos pensar a reiteração dos atos e posições estabelecidas a partir do binômio ambíguo – *hetero/gay* – como institucionalizadoras de uma cultura do armário, que force sutilmente a saída dele como forma de repressão e correção das sexualidades desviantes, ainda que, desde a década de 1960, sob o mote de afirmação do orgulho gay e lésbico, se relacione a saída do armário a um ato

político que provoque visibilidade para um grupo que à época era considerado minoritário.

Essa cultura é estabelecida quando se encontram certa imperatividade e urgência em sair do armário para assumir uma identidade sexual. A afirmação dessa identidade

supunha demarcar suas fronteiras e implicava uma disputa quanto às formas de representá-la. Imagens homofóbicas e personagens estereotipados exibidos na mídia e nos filmes são contrapostos por representações “positivas” de homossexuais. Reconhecer-se nessa identidade é questão pessoal e política (LOURO, 2004, p. 32, grifo da autora).

Estar dentro ou fora do armário passa a ser uma marca decisiva para a construção da identidade gay, indo de encontro à imagem do armário. Saindo de uma espécie de confinamento, da clandestinidade para o público, entretanto, se constituindo como uma via de mão dupla na qual constantemente o sujeito gay se depara com imagens caricatas de representação de uma sexualidade estereotipada, baseadas no ponto de vista unidirecional de uma sociedade heterossexista. Simultaneamente experimenta ser recebido por figuras positivas de gays assumidos e aceitos sem marginalizar sua identidade sexual a determinado estereótipo.

Com isso, a lógica da existência e operação do armário é justificada de acordo com a existência de outra lógica, a do exterior constitutivo. O Outro sendo encarado como corpo abjeto (BUTLER, 2002), excluído à construção identitária normativa por não personificar um significado estável (LOURO, 2000a), passa por um dilema entre o se assumir e o continuar dentro do armário. Esse movimento provoca certa angústia na incerteza da aceitação por parte do próximo, principalmente por sua identidade sexual ser incoerente à norma e ao lugar dominante da heterossexualidade. Louro (2004) esclarece que

O dilema entre “assumir-se” ou “permanecer enrustido” (no armário = closet) passa a ser considerado um divisor fundamental e um elemento indispensável para a comunidade. Na construção da identidade, a comunidade funciona como o lugar da acolhida e do suporte – uma espécie de lar (LOURO, 2004, p. 32, grifo da autora).

Sabendo que há uma grande possibilidade de não ser aceito, quer pelos familiares quer pelos amigos mais próximos ou no ambiente de trabalho e estudos, o sujeito convive com o dilema de sair ou não do armário. Ao se assumir e ser acolhido na comunidade gay, o lar ao qual Louro (2004) se refere, esse sujeito acaba por construir uma identidade enquanto grupo social. Apesar disso, é hostilizado por outros grupos sociais encontrando-se marginalizado na vivência social, como no caso de pessoas trans que enfrentam uma rejeição no mercado de trabalho maior que os gays, apesar de ambas se sentirem acolhidas dentro da comunidade LGBTQ+.

Todas essas rejeições e regulações acontecem em via da lógica binária de gênero que não considera heterossexualidade e homossexualidade como interdependentes, ambas se constituindo e estabelecendo os limites entre uma e outra sexualidade, ampliando o espectro para outras identidades sexuais que não fazem parte do binômio hetero/gay. Essa relativa coerência em conjunto com uma inevitável instabilidade assombra o sujeito.

Não é à toa que, nesse sentido, o jovem sinta receio em assumir-se publicamente nos ambientes escolares, familiares, sociais. O medo da repressão de ser diferente atinge todos os campos da vida do adolescente, interferindo na construção e vivência efetiva de uma identidade sexual coerente. Ele passa a sentir-se à margem, sem de fato ser, sonhando com o momento aparentemente iminente da saída do armário e os possíveis impactos positivos ou negativos. Para muitos, significa a perda de amigos e família, de um lar. Não se pode correr o risco, porém, de generalizar essas reações angustiadas diante da imagem do armário, uma vez que, em um contexto mais amplo, no século XX, existem muitos pais, mães e familiares que demonstram compreensão e empatia, resultados das lutas por visibilidade. Para esses casos, em especial no seio familiar, o armário não tem operação reguladora, pois já há uma identidade solidamente consolidada, vivenciada no cotidiano.

“Mas por que ficar no armário?”, é o que pergunta Nascimento (2019, p. 4). Os grupos analisados por ela evidenciam o que é bastante comum para muitos gays ou lésbicas enrustidos ou não: o medo de sofrer preconceito. Ele apenas vem à tona através da percepção das relações sociais dentro – e fora também – do ambiente escolar. Por sua vez, essas relações se estabelecem de maneira repressora, instituindo uma pedagogia da sexualidade (LOURO, 2000a) que, paradoxalmente, estabelece uma tensão nos sujeitos que, em segredo, resistem à repressão

heteronormativa e ao mesmo tempo a legitimam. Apesar de oferecer um espaço de 'abrigo', há no armário a insegurança e o medo de ter seu segredo descoberto e exposto. Fica claro, no decorrer dessa discussão, que o processo até se sair do armário de fato pode ser particularmente angustiante, dadas a estigmatização e o preconceito que violentam as identidades desviantes (NASCIMENTO, 2014).

Ficar no armário reafirma o medo da repressão à vivência sexual, mas sair dele também não acaba com a regulação. O armário é um dispositivo que, para além do Estado, em sua cultura, se encontra cristalizado na sociedade, operando de maneiras sutis no silenciamento, invisibilização e marginalização das sexualidades desviantes da norma. Em conjunto com o heterossexismo, a homofobia expressa no armário instala uma gestão de controle da conduta sexual que é associada à normatização dos corpos, das identidades, das hierarquias sociais (JUNQUEIRA, 2012). Para o jovem, essa gestão implica na prática de uma pedagogia do insulto, que viabiliza comentários maldosos, escárnios, insultos como operações de uma heterossexualidade compulsória, classificando, hierarquizando, objetificando aqueles cuja identidade sexual difere da norma (JUNQUEIRA, 2012), justificando, dessa forma, a permanência de muitos no armário e o receio de sair dele.

3.3 O armário e a Literatura Juvenil

Escrevendo comumente em primeira pessoa, mas não via de regra, os autores de Literatura Juvenil partem do ponto de vista relativamente imediatista do jovem adulto para desenvolver os enredos de suas obras (NILSEN, 2009). Esse artifício serve como um gancho narrativo que prende o leitor na leitura, que, por sua vez, flui em um ritmo rápido, pois acaba seguindo o movimento da mídia, esclarece Nilsen (2009):

[...] modern mass-media entertainers appeal to the same powerful emotions of adolescence – love, romance, sex, horror, and fear – as do Young adults authors. These strong emotions are best shown through a limited number of characters and narrative events and language that flows naturally while still presenting dramatic images.

The shorter and more powerful books are among those that have been made into impressive movies (NILSEN, 2009, p. 30)³¹.

Ocorre então que com poucos personagens, porém com um desenvolvimento psicológico, muitas vezes, mais complexo, as obras juvenis publicadas não necessariamente precisam ser longas para cativar os jovens leitores, exemplo disso é a obra epistolar *The Perks of Being a Wallflower*³² (1999), do escritor Stephen Chbosky. Tendo seu enredo estruturado através de cartas, todas escritas em primeira pessoa, do próprio narrador-personagem para alguém anônimo, a trama aborda temas muito comuns na adolescência, como sexualidade, depressão, uso de drogas, introversão, entre outros. A obra, que posteriormente foi publicada em outros idiomas, acabou ganhando uma adaptação em longa-metragem, levando o mesmo nome, no ano de 2012.

Ligados ao Realismo Cotidiano (COELHO, 2000b), mais voltado para um viés humanitário, isto é, relacionado ao convívio social e relações afetivas, esses temas provocam no jovem leitor a sensação de reconhecimento com aquilo que se lê, logo, de saber que suas preocupações têm importância para determinado escritor. Por utilizar esse artifício como atrativo, as obras de Literatura Juvenil saltam aos olhos dos leitores e acabaram possibilitando a este mercado um maior crescimento nos últimos anos. Seja por publicação em editoras já conhecidas, seja por publicações independentes, há um número cada vez maior que incorpora, nas narrativas, as questões relativas à sexualidade e, como resultado, proporciona “o desenvolvimento das capacidades intelectuais do indivíduo, direcionando-o para a construção da alteridade, explorando questões que possibilitem esse processo de interpretação positiva, tolerância ou aceitação do outro” (SILVA, 2012, p. 50).

Sob essa temática, pode-se citar apenas como alguns breves exemplos, publicações como *Querido Ex, (que acabou com a minha saúde mental, ficou milionário e virou uma subcelebridade)* (2020), escrita por Juan Jullian (reúne cartas

³¹ Em tradução livre: Artistas modernos da mídia de massa apelam para as mesmas poderosas emoções da adolescência – amor, romance, sexo, horror e medo – que os autores de Literatura Juvenil. Essas fortes emoções são melhor evidenciadas através de um número limitado de personagens, eventos narrativos e uma linguagem que flui naturalmente enquanto apresenta imagens dramáticas. Livros mais curtos e mais poderosos estão entre aqueles que têm se tornado adaptações cinematográficas impressionantes.

³² Publicada no Brasil pela Editora Rocco com o título *As Vantagens de Ser Invisível* (2007) e sendo lançada com nova capa e trecho inédito no ano de 2020.

de um jovem que enfrenta um término de uma relação abusiva, racismo e homofobia); *Vermelho, Branco e Sangue Azul* (2019), escrito por Casey McQuiston (narra o relacionamento que se desenvolve entre o filho da presidenta dos Estados Unidos e o príncipe da Inglaterra); *História é tudo que me deixou* (2017), escrito por Adam Silvera (expressa uma relação de incerteza, solidão, sentimentos depressivos quando o primeiro amor de um jovem garoto morre afogado); *Conectadas*, (2019), escrito por Clara Alves (retrata a paixão que uma garota gamer desenvolve por outra, só que uma delas não sabe que está conversando com outra menina); *Amora* (2016), de Natalia Borges Polesso, (contém contos protagonizados por mulheres lésbicas que existem e assumem o controle de suas vidas, amam e sofrem por amor).

Logo, não é incomum que discussões como a do armário gay, da aceitação de sexualidades desviantes e dos sentimentos relacionados à saída do armário se encontrem expostas em obras de Literatura Juvenil. Retomando o exemplo da obra *As Vantagens de Ser Invisível*, apesar de não ser a temática central, o tema é abordado no momento em que um sujeito tem seu segredo descoberto:

Quando saí do banheiro, ouvi um barulho no quarto onde deixamos os casacos. Abri a porta e vi Patrick beijando o Brad. Foi um beijo meio roubado. Eles me ouviram na porta e se viraram. Patrick falou primeiro:
 — É você, Charlie?
 — Sam está fazendo um milkshake para mim.
 — Quem é o garoto? — Brad parecia muito nervoso, mas não como Bob.
 — É um amigo meu. Relaxa. Patrick então me tirou do quarto e fechou a porta. Colocou as mãos nos meus ombros e olhou direto nos meus olhos.
 — Brad não quer que as pessoas saibam (CHBOSKY, 2007, pp. 46-47).

Ao serem surpreendidos pelo protagonista, Charlie, beijando-se em um dos quartos na casa em que acontecia uma festa, Patrick e Brad tentam resolver a questão de algum modo. Brad fica nervoso porque não é assumido e não gostaria que descobrissem sua sexualidade, conta Patrick. Então, por isso, preferem deixar sua relação clandestina, dentro do armário. A identidade pública de Brad, conforme se observa nas cartas que compõem a obra, é de heterossexual, branco, garoto popular, jogador do time de futebol e essa identidade é a que, em certa medida, prevalece sobre a vivência social do garoto. Isto porque se percebe que, sutilmente, no enredo,

opera uma regência de controle dos corpos (JUNQUEIRA, 2012), interferindo na maneira como todos os garotos se comportam no ambiente escolar. Patrick, em contrapartida, é o sujeito que mais sofre com esse silenciamento da relação, uma vez que, sua identidade como gay é pública e muito bem construída, apesar de enfrentar chacotas e zombarias.

Entre outras obras que ganharam o apreço do público jovem, *Com amor, Simon*³³ (2016), de Becky Albertalli, também tece uma imagem da operação do armário na adolescência ao contar as inquietações de um garoto gay que nunca se assumiu para familiares e amigos, mas não vê necessidade em dar explicações sobre a sua sexualidade ao passo que questiona os padrões impostos pela sociedade.

Tal questionamento tem sido muito notado nas obras juvenis que, hoje, apontam uma diversidade de personagens e situações vividas por muitos jovens que impactam na construção de suas identidades. Desse modo, ainda que seja minoria, se comparada com as relações afetivas heterossexuais, as relações homoafetivas estão inseridas na Literatura Juvenil para promover o respeito às sexualidades desviantes, ainda que, por vezes, possam representá-las de maneira caricata e estereotipada, reproduzindo os discursos de dominação heterossexual, muitas vezes, discriminatórios (AMARAL; RIBEIRO, 2018).

De uma maneira geral, as obras juvenis que se inscrevem dentro desse contexto, têm o papel de produzir significados sobre os modos de ser gay (AMARAL; RIBEIRO, 2018) e de se encarar a imagem do armário junto de suas implicações para a adolescência. Dessa forma, a Literatura Juvenil possibilita a produção de saberes linguísticos de ordem discursiva que corroboram com a construção do gênero a partir dos atos performáticos (BUTLER, 2002). É importante notar que, dada a multiplicidade de visões de mundo (COELHO, 2000b), a mesma temática pode ser abordada de diversas maneiras na literatura, portanto, o armário pode ser representado seja pelo adolescente que se vê no dilema entre se assumir ou não, seja pelo adulto que vive experiências clandestinas porque, para ele, há prazer na clandestinidade. Este é um assunto que tem recebido atenção e, portanto, não se pode negá-lo ou silenciá-lo (AMARAL; RIBEIRO, 2018).

³³ No Brasil recebeu duas publicações, a primeira sob o título *Simon vs. a agenda homo sapiens*. Após o sucesso da adaptação cinematográfica foi lançada uma nova edição com a capa do filme e com o título *Com amor, Simon*.

No contexto escolar, sobretudo, percebe-se que este deveria ser um lugar de desnaturalização do que é normal a partir de pedagogias que promovam o diálogo, apesar de, nem sempre, isso ser observado em prática. Isso posto, não é incorreto afirmar que o ambiente escolar seja um dos locais onde a instituição reguladora do armário tenha forte influência na vivência da sexualidade dos jovens.

A respeito disso, Nascimento (2019) percebeu o espaço da sexualidade em sua diversidade de manifestações desviantes à norma heterossexual ao discutir, não somente as opressões provenientes da regulação de uma pedagogia do armário como também os prazeres clandestinos de jovens em idade escolar³⁴. O currículo escolar naturalmente não cria muitas oportunidades para se discutir a vivência sexual desviante, na adolescência, conseqüentemente, se percebe a criação de identidades sexuais que se encontram fortemente ligadas à figura do armário, como a do gay enrustido, que é e não é, e a do gay assumido 'arrepido'. Esta última constituindo o indivíduo que, após se assumir, encontra apenas a opção de 'ser' e ainda que volte atrás convive com a dúvida alheia sobre uma indecisão na escolha de com quem se relacionar. As relações descobertas evidenciaram não apenas a opressão do armário, como também as identidades sexuais bem resolvidas que se mantinham dentro dos parâmetros da clandestinidade.

A Literatura, em correspondência a tais expressões identitárias, incorpora as situações imbricadas ao cotidiano das pessoas, de forma que, na Literatura Juvenil, problemáticas como a de se viver a pressão do armário na construção identitária se relacionam à vivência social, sobretudo no ambiente escolar e familiar. Esse aspecto neorrealista é responsável por conferir às obras um estatuto de verdade, como se as experiências vividas pelas personagens fossem reais até certo ponto (COELHO, 2000a), representando os conflitos e relações de poder de ordem exterior à narrativa e agindo nos processos de subjetivação.

Sair do armário ou decidir continuar nele é um ato interpelado por diversos discursos e marcadores sociais que enquadram o sujeito em posições determinadas (BUTLER, 2003) que são marcadas por preconceitos e julgamentos sociais pautados

³⁴ A pesquisadora desenvolveu uma oficina de produção de dados com jovens de 17 a 21 anos que cursavam o ensino médio, no momento da pesquisa, no município de Ilha Grande – Piauí.

na identidade sexual do sujeito e isso tem sido observado de maneira mais comum na literatura nos últimos anos.

Em *Aristóteles e Dante descobrem os segredos do universo* (2012), de Benjamin Alire Sáenz, por exemplo, a personagem de Dante é abertamente gay e, em suas relações sociais sofre preconceito, homofobia e exclusão social, chegando a ser agredido fisicamente por um grupo de garotos da sua escola. Aristóteles, no entanto, questiona a sua heterossexualidade, uma vez que não se sente confortável com essa identidade sexual. Ainda assim, mantém um posicionamento que reitera a normativa heterossexual.

O modo como Aristóteles encara as situações particulares da vida muito tem a ver com a angústia proporcionada pela insegurança do armário. Similarmente, na obra *Um milhão de finais felizes* (2018), de Vitor Martins, o leitor se depara com esse receio em sair do armário, a atitude pessimista de encarar a vida e as situações diante da iminência da saída, bem como os efeitos que a saída causa no sujeito. Além disso, por utilizar de uma estória dentro da estória principal, pode se perceber um movimento que busca eufemizar uma situação real da vida cotidiana na Literatura, ainda que se trate de um elemento da fantasia. A obra, ao apresentar o protagonista do enredo e as personagens que direta ou indiretamente influenciam as escolhas dele, consegue criar certa similaridade à realidade de ser um adolescente gay com medo de se assumir para pais que se sabe serem intolerantes, constituindo-se, dessa forma, como condizente a ela. Questões como essas serão observadas a seguir.

4 A EXPERIÊNCIA GAY NA ADOLESCÊNCIA: *UM MILHÃO DE FINAIS FELIZES*

Um milhão de finais felizes, como se intitula a obra do escritor brasileiro Vitor Martins, é um título que indica possibilidade, a representação de muitos finais para uma estória cujo percurso levou em conta várias dificuldades e, por vezes, sentimentos de incapacidade, medo, angústia, derrota. Para o escritor, “os finais felizes que a gente tanto quer são apenas o começo” (MARTINS, 2018, p. 351), eles não se encerram em si, abrem a possibilidade de algo novo, de novas experiências. É esse o sentimento vivido pela personagem Jonas, o protagonista do enredo, ao final da narrativa. Até sentir isso, ele atravessa momentos e situações em que receber amor e aceitação parece ser algo extremamente distante de sua realidade.

Publicada em 2018 pela Editora Globo Alt³⁵, a obra é narrada completamente em primeira pessoa, descrevendo um recorte de acontecimentos da vida de Jonas, um garoto que, após terminar o ensino médio, ingressa em um trabalho sem cogitar se queria seguir uma carreira, fazer faculdade ou não:

Meus pais não têm dinheiro para me ajudar a pagar por uma faculdade particular e eu não estudei o bastante para passar no vestibular das faculdades públicas.

Para ser sincero, eu nem sei se *quero* fazer uma faculdade.

Para ser mais sincero ainda, eu nem sei *o que* eu quero. Da vida. No geral (MARTINS, 2018, p. 8).

Jonas, como muitos adolescentes, se sente perdido em relação às decisões da vida. Esse sentimento é intensificado quando ele pensa a sua sexualidade e em como

³⁵ Na Bienal do Rio no ano de 2019, a obra foi uma das que foi recolhida por decreto do, até então, prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, sob acusação de conter material impróprio para crianças. Em vídeo publicado em uma de suas redes sociais, Crivella julgou, na ocasião, uma HQ que continha um beijo gay entre dois adolescentes. Ele proferiu que ‘livros assim precisam estar embalados em plástico preto lacrado e do lado de fora avisando o conteúdo’, além disso, falou da necessidade de ‘proteger as crianças’ contra o ‘acesso precoce a assuntos que não estão de acordo com suas idades’. A atitude de Crivella gerou uma comoção em massa de editoras, autores, leitores e, até mesmo, famosos. Além de se unirem em protestos, distribuíram, também, milhares das obras que foram censuradas sem contar a disponibilização, durante os dias do evento, de muitas outras obras LGBT+ de graça nas plataformas virtuais.

Fonte: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/06/politica/1567794692_253126.html> Acesso em set, 2021.

contar para os pais que não é heterossexual pode afetar sua vida. No decorrer de sua rotina, ele vai enfrentar a pressão da iminência de assumir-se e sair do armário, ao passo que escreve em um caderninho as ideias que surgem a partir de sua vivência cotidiana para escrever estórias ficcionais. Permanecer no armário para Jonas é um problema, pois torna necessário o uso de negociações (SEDWICK, 1990) para que possa viver a sua sexualidade à medida que se comporta como heterossexual.

Dentro do enredo ele inicia uma estória maravilhosa inspirada naquilo que vive referente à sua família e seu relacionamento com um garoto mais velho que conhece no seu local de trabalho: dois piratas gays que se apaixonam e são descobertos pelo capitão e sua tripulação, sendo atirados ao mar para morrer como punição pelo seu 'erro'.

O jovem, chamado Arthur, desempenha, ao lado de seus amigos, um papel de apoio para que Jonas consiga lidar com a angústia proveniente da saída e da operação do armário gay e os efeitos causados por elas. Considerando isso, é possível perceber uma relação entre as duas estórias no que diz respeito à representação da operação do armário como instrumento de regulação da sexualidade e na construção de uma personalidade hermeticamente coerente.

A obra possui uma escrita simples e rápida, direcionada ao público jovem, que permite apreender os acontecimentos sem que se faça demasiado esforço. Reconhece-se também que é pautada em um realismo cotidiano (COELHO, 2000b) que se aproxima à vivência empírica de jovens que enfrentam ou que enfrentaram os mesmos conflitos. A obra traz atenção para dilemas vividos pelos jovens gays e expressando, assim, o teor social desse realismo, abrindo uma discussão sobre o tema das famílias alternativas na vivência do sujeito. A respeito disso, o próprio autor sugere um reconhecimento dessa relação entre realidade e ficção ao agradecer especificamente para os prováveis leitores:

Obrigado a você, leitor! Você que não largou o livro e está aqui comigo até o último parágrafo dos agradecimentos. Eu espero que, de alguma forma, a história de Jonas tenha sido especial para você. Principalmente se você se identificou com a jornada do garoto que, infelizmente, não recebe amor e aceitação dentro da sua própria casa. Se você está passando por isso espero que *Um milhão de finais felizes* tenha te ajudado a acreditar que, em breve, vai ficar tudo bem. Dias

ruins, infelizmente, vão existir, mas você não está sozinho. Nós somos uma família (MARTINS, 2018, p. 351).

Em certo sentido, a obra privilegia a experiência gay na adolescência direcionada para as implicações de se sair do armário. Esse é o tema central que move os acontecimentos. Não recebem tanto foco, por exemplo, as primeiras experiências sexuais de Jonas com outro jovem – na estória essa questão não é tão aprofundada –, como também o desenvolvimento psicológico das outras personagens, que se mostram com suas sexualidades bem definidas e resolvidas (há tanto personagens heterossexuais quanto bissexuais e lésbicas). Buscando constatar as relações estabelecidas entre as personagens, o enredo e as duas estórias presentes na obra, é preciso antes conhecer um pouco das personagens que impactam a vida de Jonas, a começar por ele mesmo.

4.1 Jonas e o grande peixe?

“Eu odeio o meu pai” (MARTINS, 2018, p. 7). Essa é a maneira com a qual Jonas inicia a narração de sua estória. A personagem, à primeira vista, já infere no leitor que há certas pressões em sua vida que o fazem ficar insatisfeito. Esse sentimento, sobretudo relacionado aos pais, é muito comum na adolescência, pois há a regulação de horário e com quem sair, entre outras coisas naturais do cuidado dos pais com os filhos; é um aspecto de realidade e consegue já estabelecer um elo entre o leitor que o motiva a querer descobrir porque Jonas detesta o pai. Ao proferir tais palavras, ele está chegando atrasado em seu trabalho pela terceira vez na semana, uma cafeteria na Avenida Paulista, quando recebe mais uma bronca do seu gerente. A respeito de seu trabalho, Jonas menciona que só conseguiu fazer uma única amizade – e que ela foi a primeira amizade dele ali – a partir de um clichê literário, pois estava lendo *O Pequeno Príncipe*:

– Está gostando de *O pequeno príncipe*? – ela perguntou com um sorriso no rosto, apontando para o livro que eu estava segurando enquanto soltava seu cabelo de um coque.

Me assustei porque não esperava que alguém fosse gentil comigo no primeiro dia, mas aquela menina gorda de cabelos lisos muito escuros parecia simpática.

– Oi... Karina (MARTINS, 2018, p. 9, grifo do autor).

Dali em diante o seu apelido passou a ser ‘pequeno príncipe’ e, com sua amiga, Karina, Jonas tinha bons momentos na cafeteria, quer pela boa relação de ambos, quer pelo poder de julgamento que ele diz ter ao escrever o nome de alguém errado quando sente que a pessoa não tem uma boa índole, ou desenhar um sorrisinho ao lado do nome de alguém que pense ser boa pessoa. Essa, por sinal, era uma ação indicativa de flerte:

– O sorriso no copo faz parte da conquista – eu digo, tentando dar uma piscadinha.

– O que só confirma a minha teoria de que você só desenha sorriso no copo de caras bonitos que você beijaria se tivesse a oportunidade – ela diz.

E eu abaixo os ombros, derrotado, porque não tem mais como argumentar com Karina (MARTINS, 2018, p. 18).

Se infere que Jonas já tenha feito uma saída do armário para a sua amiga, pois ela menciona que ele apenas desenha um sorriso no copo de algum rapaz que ele queira beijar. Não se trata de uma saída com repercussões negativas, no entanto, uma vez que a relação entre ambos evidencia um grande companheirismo. Não existe a comoção de que Sedgwick (1990) discute em relação à Ester, mas com certeza não há a ignorância institucionalizada que gera truculência na saída ou as concessões decorrentes.

Refletindo sobre as palavras da amiga, o protagonista faz uso de algumas memórias que dizem muito respeito ao processo de construção de sua identidade sexual:

Hoje, aos dezenove anos, eu nunca namorei e só beijei três pessoas. Meu primeiro beijo aconteceu no oitavo ano, com uma menina chamada Ana Júlia. Ela gostava de mim e de alguma forma a turma inteira descobriu isso. Nós nos beijamos no intervalo, cercados por todos os alunos da nossa sala comemorando aos gritos, como se aquele beijo fosse o acontecimento mais importante da escola [...]. Ela era uma menina bonita e divertida, mas minha cabeça estava confusa

demais e eu achava que precisava beijar um menino para ter certeza se eu era gay ou não.

No segundo beijo, eu tive certeza. Eu tinha dezesseis anos e conheci um menino no acampamento da igreja [...]. Nos beijamos só uma vez, no meio da noite, enquanto o resto da igreja estava cantando em volta de uma fogueira improvisada. Não falamos sobre isso no dia seguinte, e depois do acampamento eu nunca mais vi Jefferson na vida [...] acabei desistindo e aceitando que a missão de Jefferson (ou Jeferson?) na minha vida foi me ajudar a ter certeza de que eu sou. Gay. Totalmente, incontestavelmente, absolutamente gay.

Meu terceiro beijo nem conta, porque foi no ano passado em uma festa que meu amigo Dan me levou. Era um menino que não sei o nome, não lembro o rosto e não peguei o telefone (MARTINS, 2018, pp. 18-19).

Em um processo de descoberta sexual, Jonas tenta se relacionar com uma pessoa do sexo oposto, mas termina por fugir da abordagem da garota por sentir que estava confuso. Percebe-se que no movimento de experiencição há uma exclusão do que não corrobora para a construção coerente de sua identidade. A confusão está em achar que desenvolver uma identidade heterossexual e heterocentrada é o correto, ou pelo menos, no caso de Jonas, é o que foi aceito e, em certa medida, imposto pelos seus colegas de classe, que comemoravam o beijo como um dos acontecimentos mais marcantes do período letivo. Ao beijar um garoto, mesmo que apenas uma vez, ele se reconhece como gay, consolida sua identidade ao passo que mantém fora de seu exterior constitutivo aquilo que é relacionado à heterossexualidade (BUTLER, 2002). Tal reconhecimento não acontece como quando se acende uma lâmpada em um ambiente escuro e tudo, então, fica claro, à vista, iluminado:

Houve uma curta fase na minha vida em que tentei mudar. Eu tentei não ser gay, não olhar para os meninos bonitinhos da escola e pensar que beijá-los não seria má ideia. O esforço de tentar mudar a minha cabeça era tão exaustivo que, num determinado ponto da adolescência, eu apenas aceitei que eu era assim. Não foi o tipo de aceitação que deixa a gente aliviado. Aceitar que eu sou gay significou aceitar que eu vou para o inferno e viver constantemente com medo da morte (MARTINS, 2018, pp. 29-30).

A aceitação da sexualidade envolve um processo que, nem sempre é fácil, de fato, e pode se dar através do medo das duras penalidades provenientes da institucionalização de um modo de pensar unidirecional e normativo. O esforço de

Jonas é comparável ao processo de confissão de pecados, de se falar da sexualidade para ser corrigido, de modo que tentar lutar contra – como se fosse curado de alguma doença – torna-se exaustivo e aceitar-se não acaba com os conflitos, pelo contrário, aceitar-se gay é confirmar que é alguém anormal, indigno de merecer o amor de Deus.

Outra coisa que se pode inferir das memórias apresentadas é que, por algum motivo, Jonas não tem muitas experiências homoafetivas. O leitor pode crer que a razão disso se dá porque, de acordo com o personagem, “fico fantasiando sobre como as coisas podem acontecer comigo de um jeito mágico e orquestrado pelo universo” (MARTINS, 2018, p. 19). Jonas fantasia e romantiza o seu primeiro relacionamento em decorrência de sua inexperiência e timidez. Para muitos jovens, essa situação pode ser facilmente compreendida, por se tratar de relações baseadas em desejo e, principalmente, projeções de sentimentos (COELHO, 2000a), além do que podem existir leitores que ainda estão passando pela descoberta do primeiro amor.

Além das fantasias do relacionamento perfeito, típicas de jovens que ainda estão descobrindo o amor, indicando a conformação à inexperiência, também se pode observar esse mesmo sentimento em outro trecho da obra no qual há a descrição do motivo da escolha do nome do protagonista pelos seus pais:

Meu nome é Jonas por causa do personagem bíblico. O Jonas da Bíblia foi um cara que recebeu ordens diretas de Deus para ir pregar em uma cidade barra pesada chamada Nínive [...], medroso que só, não foi para lá porque, bem, a cidade era barra pesada *mesmo*. Ele pegou outro navio e foi para outro lugar. No meio da viagem, uma tempestade colocou em risco a vida de todo mundo que estava à (sic) bordo e, consumido pela culpa, Jonas pediu para que os outros tripulantes o jogassem ao mar porque sabia que aquilo tudo só estava acontecendo porque tinha desobedecido a Deus [...]. Agora imagine como é crescer sabendo que seu nome foi inspirado na história de um cara que precisou virar vômito de peixe para aprender a não ser desobediente. É muita pressão na minha cabeça (MARTINS, 2018, p. 28, grifo do autor).

Jonas, considerado como ‘milagre’ – Deus atendera à prece de sua mãe de ter um filho – para os devotos da igreja que sua mãe frequenta, cresce tendo que encarar o conflito de que pagará um preço alto demais por desobedecer às leis de Deus. Essa regulação social (LOURO, 2000a) impõe a Jonas um modo de ser que vai de encontro a uma identidade que ele está construindo contrária ao que lhe é pregado. Como

resultado, ele afirma ser um fardo pesado demais para si, espera que dali só venha tristeza para sua mãe, não se considerando um milagre, mas antes uma maldição. Semelhante à punição dada à personagem bíblica de ser engolida por um peixe grande por ter desobedecido à ordem divina, Jonas acredita que, na sua trajetória de vida, terá de enfrentar um ou alguns grande(s) peixe(s), sendo o principal deles decepcionar sua mãe quando esta souber que ele é gay. Se conhece, então, um protagonista desorientado no que diz respeito a como trilhar sua vida e planejar o futuro, com uma crença distorcida que o limita e desvaloriza a si mesmo ao achar que irá a um inferno bíblico por não agir de acordo com o que a igreja pede.

Interessante notar, também, a relação que o protagonista tem com a leitura e a escrita:

Descobri que gostava de ler aos seis anos, quando ganhei da minha mãe um livro ilustrado com cem histórias bíblicas para crianças. A primeira era sobre a arca de Noé, e eu me lembro do orgulho que senti quando li aquelas quatro páginas inteiras sem parar para descansar entre um parágrafo e outro.
Descobri que gostava de escrever quando, no minuto seguinte, peguei um caderno da escola e reescrevi a história de Noé. Na minha releitura, coloquei dinossauros e Pokémons na arca. Essa foi minha primeira fanfic (MARTINS, 2018, p. 23).

Desde garoto Jonas já demonstrava gostar de ler e escrever. Isso acaba servindo como uma válvula de escape para que ele diga muito do que quer dizer, mas não tem espaço, ou como o próprio narrador pontua “eu me sinto cheio, mas vazio ao mesmo tempo. É exaustivo demais viver assim” (MARTINS, 2018, p. 55). O jovem carrega um caderninho no bolso de trás da calça para anotar “todas as ideias para as histórias que pretendo escrever um dia” (MARTINS, 2018, p. 12) e é uma dessas ideias que ele vai colocar em prática ao pensar sobre a sua situação de vida e em como pode planejar meios de sair da casa de seus pais, fugindo de um ambiente que lhe causa angústia e tolhe a ser alguém que não é. Nessa estória ele vai resumir o seu relacionamento amoroso e as circunstâncias de sair do armário para aqueles que ama. Fora da Literatura, a leitura e escrita de estórias na adolescência é algo que tem ganhado força atualmente, sobretudo com as plataformas digitais, a exemplo do Wattpad que permite não apenas a interação entre autores e leitores como que os próprios leitores possam escrever e compartilhar suas estórias (OLIVEIRA, 2018).

Logo, o desejo de Jonas de escrever um livro representa um sentimento real de outros jovens que escrevem histórias – ou as populares fanfics – e, muitas vezes, se autopublicam em plataformas virtuais.

4.2 Uma obra sobre sexualidades e famílias alternativas

Um milhão de finais felizes (2018) é uma obra com temática LGBTQ+ que encontra seu lugar no mercado por tratar de questões relativas à saída do armário que muitos jovens, gays, lésbicas, bissexuais ou pessoas trans, já enfrentaram algum dia. Vale ressaltar que há uma maior valorização de temas como esse no mercado literário, pois o jovem está cada vez mais crítico e interessado em ler obras que contenham esse aspecto neorrealista trilhando uma discussão social (FERONATO, 2019). Essencialmente, fala também sobre as famílias e como elas podem ser diversificadas, isto é, na obra se apresentam a família de laços sanguíneos e a família de laços afetivos. No caso dessa última, a que Jonas escolhe construir como um vínculo familiar, é composta por jovens de identidades sexuais e personalidades distintas. Nesse sentido, a obra apresenta uma diversa representação das sexualidades.

A começar pelo par romântico de Jonas, Arthur, que se assume bissexual e no decorrer do relacionamento enfrenta conflitos intrínsecos à aceitação da sua bissexualidade na sociedade. Danilo e Isadora, são os amigos de infância de Jonas. Gay e lésbica, dividem espaço em suas agendas agitadas pós término do Ensino Médio para conversar, sair e apoiar uns aos outros em uma amizade de anos. Além desses, os próprios pais de Jonas criam no seio familiar um ambiente de não acolhimento, não pertencimento, que ocasiona em problemas de convivência e relacionamento familiar.

A obra não possui uma grande quantidade de personagens que provoquem um aprofundamento maior no enredo. Apesar disso, as personagens que têm contato direto com Jonas contribuem para que ele enfrente as situações que se apresentam no decorrer do tempo da história. Além das personagens acima citadas, outras participam da narrativa, mas não têm um desenvolvimento mais efetivo e diretamente relacionado à angústia e iminência da saída do armário que circundam Jonas. Abaixo

se pretende tecer algumas considerações a respeito de cada uma das personagens citadas na busca por estabelecer relação entre o tema estudado e a vivência de Jonas.

4.2.1 *Barba Ruiva, a invisibilidade bissexual*

Arthur é o rapaz com ar misterioso que entra na cafeteria em que Jonas trabalha e sem muito esforço conquista o jovem e, em contrapartida, se sente atraído por ele. Jonas se refere a ele da seguinte forma:

Seu cabelo é castanho avermelhado e sua pele é muito branca, cheia de sardas. Seu rosto é coberto por uma barba ruiva cheia, de uma tonalidade um pouco mais clara que o cabelo. Seus olhos não são azuis nem verdes, são uma mistura dessas duas cores. Ele está vestindo uma jaqueta jeans bem larga por cima de uma camiseta listrada. Assim como seu cabelo, suas roupas também estão molhadas por causa da chuva [...]. Talvez eu tenha ficado uns dois segundos com a boca levemente aberta (MARTINS, 2018, pp. 13-14).

O encontro desajeitado faz com que Jonas acabe o chamando por 'Barba Ruiva'. Além disso, inspira-o a escrever uma estória e ficar imaginando quando acabariam se vendo novamente. Semanas depois se esbarram em uma festa de carnaval e têm a chance de conversar um pouco. É o momento em que se sabe um pouco mais sobre o Barba Ruiva:

– Era pra todo mundo vir junto depois da faculdade, mas eu fiquei preso na agência até mais tarde e vim direto de lá [...]. Eu respiro fundo porque em uma frase já entendi que Barba é uma pessoa de faculdade e uma pessoa de agência. E geralmente eu sou só a pessoa que serve o café [...].
 – Aliás, é Arthur – ele diz, segurando meu braço. – Meu nome. Você esqueceu de perguntar (MARTINS, 2018, p. 97).
 – Eu adoro desenho animado. Se me perguntam, eu falo que é pesquisa para o trabalho, mas na real eu gosto de verdade – Arthur explica [...]. Na verdade eu sou estagiário de *design* em uma empresa que faz aqueles e-mails de promoção que lotam a sua caixa de entrada, sabe? Ainda não sei se um dia vou conseguir ganhar dinheiro *de verdade* desenhando. Mas é o meu maior sonho (MARTINS, 2018, p. 101, grifos do autor).

A construção da personagem Arthur faz com que o leitor o encare como um tipo de *nerd* descolado. A forma como ele se veste e se porta é pautada em uma cultura heteronormativa e expressa as marcas da sua identidade consolidada no discurso (LOURO, 2000a). Para Jonas é esse estilo que chama mais atenção no seu pretendente, mas que rapidamente passa despercebido quando começam a conversar com frequência maior e se conhecerem mais. Em um dos encontros entre os jovens, se pode destacar uma espécie de saída do armário (SEDGWICK, 1990), embora não seja o armário gay, ao contar sobre sua sexualidade para Jonas:

— Teen Wolf é muito bom, eu juro. E tem o elenco mais lindo da história de todas as séries já criadas.

— Eu não sou o tipo de pessoa que assiste qualquer coisa só por causa de macho — eu minto, porque eu sou totalmente esse tipo de pessoa.

— Eu não tô falando só dos homens — ele diz, olhando nos meus olhos.

Fico em silêncio.

— Acho que agora é o momento ideal para dizer que sou bi. Esse é o *deal breaker* oficial na maioria das minhas histórias com outras pessoas — Arthur confessa.

Eu continuo em silêncio, porque dá para sentir que ele quer falar mais.

— Minha primeira namorada terminou comigo depois que eu contei porque ela achava que eu era um gay que ainda não estava pronto pra sair do armário. Depois eu tive um namorado que terminou comigo porque ele achava que eu era um hétero que estava só experimentando. E esse é o resumo de todos os meus relacionamentos amorosos.

— Isso nunca vai ser um problema pra mim — eu digo, desconfortável, porque não ter problema nenhum com a bissexualidade dele é o mínimo que se espera de qualquer pessoa decente. É meio deprimente que eu tenha que deixar isso claro (MARTINS, 2018, p. 164, grifo do autor).

Em uma conversa animada sobre um determinado seriado de TV, Arthur sente que é chegado o momento de se afirmar como bissexual, embora o faça com o receio de que, ao saber sua sexualidade, Jonas possa julgá-lo de uma maneira errônea, pondo em xeque uma falsa sensação de indecisão em relação à orientação sexual. Percebe-se que Arthur possui uma identidade sexual muito bem definida, mas que ainda enfrenta o entrave de ter que explicar que se relacionar com os sexos masculino e feminino não configura indecisão ou algo parecido, pelo contrário, é a maneira com a qual ele inscreve uma identidade em seu corpo (LOURO, 2000a). Infelizmente ainda

se observa certa invisibilização da bissexualidade diante do dualismo entre heterossexualidade e homossexualidade (ALBERTO, 2018), entretanto o diálogo que segue entre os jovens permite inferir que para Jonas, a bissexualidade de Arthur não representa um problema:

- Obrigado. Foi bom já colocar isso pra fora de uma vez – ele responde com um sorriso [...]. Tá. Desculpa se eu pesei o clima, sei lá – Arthur diz depois de um tempo.
- Não pesou nada. Você só contou uma coisa importante. Deve ser meio ruim ter que ficar saindo do armário o tempo todo, né?
- SIM! É como se eu tivesse que ficar sempre me provando, sempre me explicando. Eu achei que só ia precisar “me assumir” para os meus pais [...], mas isso acontece toda vez que eu tento me aproximar de alguém (MARTINS, 2018, p. 165).

Defender sua bissexualidade envolve realizar diversas saídas do armário, movimento que fica bem evidente na conversa das personagens, transparecendo a operação reguladora de um armário com várias portas, uma vez que essa é uma ação frequente (NASCIMENTO, 2019). Não é algo que é feito unicamente para a família sanguínea, como em todos os campos da vida do indivíduo, e isso é reafirmado por Arthur, fazendo com que Jonas pense a respeito de si e de seus pais, constatando, mais uma vez, que “Minha família é diferente. Meus pais nunca me aceitariam, então eu meio que evito falar disso” (MARTINS, 2018, p. 166).

Em se tratando de realizar essa saída do armário para a família, apesar de se saber, antecipadamente, que há a não aceitação dos pais de Jonas, para Arthur o processo é marcado por uma ‘aposta’ que os pais fazem para saber quem o filho vai namorar primeiro, se um homem ou uma mulher:

- Quando o Arthur contou para a gente que é... você sabe — Ângelo diz, olhando para mim.
- Bissexual — Arthur completa quando percebe que o pai não vai terminar a frase.
- Eu e a Sônia fomos para a cama naquela noite — ele continua, e eu tenho medo do rumo que essa história está tomando —, e eu comentei... Você lembra o que eu disse, amor? Eu disse: o primeiro que esse menino vai trazer pra dentro de casa vai ser homem.
- Ai, eu lembro! Eu achei que você ia trazer uma namoradinha antes pra amenizar, filho! — Sônia diz com uma risada (MARTINS, 2018, pp. 300-301).

É uma conversa desconfortável para os jovens, porém dela se pode inferir o poder opressor na regulação do armário, afinal já que o filho dizia se relacionar com ambos os sexos, para os pais, seria melhor que, primeiro, ele se relacionasse com uma mulher, reforçando não apenas um enquadramento heteronormativo da bissexualidade, como também a invisibilidade dela diante das negociações do armário. Apesar disso, Arthur começa a namorar com Jonas e isso tem uma repercussão muito positiva para o jovem:

– Eu não acredito que *nós dois* não somos um casal oficial – Arthur responde rápido.
– Aceito – respondo, mais rápido ainda.
E então Arthur começa a rir e me beijar, e sou tomado por uma felicidade que eu sequer sabia que existia. Porque, do jeito mais banal possível, o pedido de namoro aconteceu (MARTINS, 2018, p. 222).

A partir do pedido de namoro, Arthur passa a fazer parte, cada vez mais da vida de Jonas e compartilha com ele momentos que passam a ser mais significativos para o jovem: seu aniversário de vinte anos ou perder sua virgindade com Arthur quando finalmente eles aproveitam uma oportunidade em que se encontram à sós e abertos à experiência sexual. Além disso, Arthur oferece, à sua maneira, ajuda e apoio quando Jonas enfrenta o momento da expulsão de casa e da saída do armário.

4.2.2 *Dan e Isa, confissões do armário e famílias alternativas*

“Isa e Dan são meus melhores amigos”. É a primeira descrição que o narrador faz de seus amigos. E prossegue: “Estudamos juntos no Colégio Estadual Professor Ademar, em Santo André, e os dois foram as únicas pessoas que continuaram na minha vida depois que o Ensino Médio acabou” (MARTINS, 2018, p. 32). Jonas se tornou amigo de Isadora primeiro e, logo em seguida, Danilo entrou para o grupo. Em pouco tempo essa relação foi se construindo a partir de uma cumplicidade tamanha que permitiu que houvesse a primeira saída de Jonas do armário, se configurando em uma saída compartilhada:

– Eu gosto de meninas – Isa disse baixinho, ainda olhando para a TV.
– Eu gosto de meninos – eu respondi mais baixinho ainda. – Não conta pra minha mãe.

Isa não disse mais nada.

Ela só pegou a minha mão, levou até seus lábios e deu um beijo que significava muita coisa. Significava que meu segredo estava a salvo com ela. Significava que ela me entendia. Significava que ela me amava (MARTINS, 2018, p. 33).

A garota que, descrita na obra com estilo próprio – usando camisetas de bandas e tênis All Star vermelho, cursando Jornalismo, estagiando e morando em uma república –, não apresenta nenhum tipo de aversão à sexualidade do amigo, também confidencia sua lesbianidade, mesmo que essa temática não seja tão aprofundada na trama. A relação de ambos é baseada em companheirismo genuíno e apoio mútuo; contudo, apesar da confiança de suas sexualidades, anos antes, não se é tocado mais no assunto.

Na referida festa de carnaval, na qual Jonas conhece, de fato, Arthur, ele, em um momento da festa procura pelos amigos e quando os encontra, “Danilo aponta por cima do ombro e eu consigo enxergar minha amiga no canto da festa, beijando uma menina baixinha que está vestindo um abadá de uma micareta do ano passado” (MARTINS, 2018, p. 99). Tempos depois o leitor vai ter um indicativo de um possível relacionamento, mas sem muita certeza, apontando para o pouco aprofundamento nas relações homoafetivas de Isadora: “Pergunto se Isa quer ficar para o jantar, mas ela não fica porque combinou de sair com a futura-possível-namorada Laura” (MARTINS, 2018, p. 313).

Toda a rotina de Isadora a afasta um pouco do amigo, mas não significa que ela não tenha importância para ele. Por outro lado, acontece de Jonas se aproximar cada vez mais de Danilo, o garoto novato que chegou atrasado no primeiro dia de aula do Ensino Médio:

“Danilo Moreira”, ele disse, para que a professora verificasse seu nome na lista de presença. Ela confirmou, Danilo olhou para a classe, avistou uma cadeira vazia ao meu lado, e desfilou pelo corredor. Ele literalmente desfilou, como se estivesse tocando *Crazy in Love* na sua cabeça.

[...] não consigo me lembrar de como Dan virou nosso amigo. Nunca existiu um momento “vamos ser amigos”. Muito menos um momento “você são gays e eu também, então vamos formar uma aliança”. Em algum momento, Dan começou a falar sobre os garotos da escola que ele beijaria, eu comecei a questionar seus gostos porque ele só escolhia os mais esquisitos e Isa começou a implorar para que a gente parasse de falar de macho por um segundo que fosse. Quatro anos se passaram e a nossa amizade continua basicamente do mesmo jeito (MARTINS, 2018, p. 34, grifos do autor).

Por ser uma pessoa muito comunicativa, Danilo logo faz amizade com Jonas e Isadora. Não se percebe se foi preciso efetuar uma saída do armário (SEDGWICK, 1990), pois entre eles a relação se construiu de maneira natural, mesmo que possa ter surgido algum interesse sexual em algum momento:

Nossa diferença de altura faz com que eu quase desapareça no meio dele. Seus braços estão mais musculosos do que da última vez em que nos vimos e sua pele negra ganhou um tom levemente avermelhado por causa do ano novo que ele passou na praia. A cor faz um contraste forte com a regata amarela que ele está usando para sobreviver ao calor de janeiro.

Danilo sempre foi um cara bonito. Talvez eu até tenha tido uma quedinha por ele quando nos conhecemos. Mas nossa amizade aconteceu de um jeito tão rápido que eu mal percebi o momento em que ele virou quase um irmão para mim (MARTINS, 2018, p. 35).

Entre Isadora e Danilo não há indicativos de que, em algum momento, precisaram lidar com a opressão do armário ou se foi um processo violento e excludente. Tampouco se revelam se era necessário que realizassem negociações de saída do armário, contando para os amigos próximos, mas escondendo dos pais (NASCIMENTO, 2014). Ambos constroem, com Jonas, uma relação pautada em confiança e respeito mútuos, atrelados às vivências que tiveram juntos, compondo uma rede de apoio na qual o jovem se ancora ao lidar com as consequências de ser expulso de casa pelos pais.

Diante desse acontecimento, Isadora, ao tomar conhecimento do que houve, se comove e se reaproxima do amigo, reafirmando a amizade entre ambos, estreitando os laços de uma família escolhida:

- Desculpa aparecer assim do nada. Eu espero não estar...
 - Não está atrapalhando – eu respondo antes que ela possa terminar de falar.
 - O Dan me contou. Sobre o que seus pais fizeram – Isa diz. – Eu sinto muito.
 - Obrigado. Tá tudo melhorando já.
 - Não. Não é só isso. É que, na hora que ele me contou, eu senti raiva de você por não ter me falado nada, mas depois eu me senti mal por sentir raiva e não é que eu esteja com pena de você porque isso seria horrível.
 - Sim, seria horrível.
 - Mas é que eu, sei lá, eu não consigo lembrar quando foi o momento exato em que a se afastou e eu não sei se foi culpa minha ou se foi culpa sua, ou se...
 - Foi culpa nossa. [...]
- Nós dois ficamos em silêncio, e acho que essa é a conversa mais honesta que tivemos desde o dia em que saímos do armário um para o outro (MARTINS, 2018, pp. 308-309).

O tom do diálogo se liga a um realismo cotidiano (COELHO, 2000a) muito comum quando se trata de lidar com questões de amizade: os altos e baixos que um amigo passa com outro. Demonstra, ainda, a complexidade das relações humanas, nas quais há a aproximação, o afastamento, a reaproximação, naturais na convivência com outros, reforçando a presença das famílias alternativas, aquela que o protagonista escolheu ter e as que se constroem ao longo da narrativa, como exemplo da família de Danilo, mais velho de cinco irmãos, todos adotados:

Eu não sei da história com detalhes porque ele fala pouco sobre isso, mas Danilo foi o primeiro filho que seus pais adotaram. Depois dele vieram Elena, Nathália, Gabi e Otávio, e eu só sei disso porque uma vez ele me disse que as iniciais dos seus irmãos em ordem de adoção formavam a palavra DENGGO, e eu nunca mais esqueci (MARTINS, 2018, p. 38).

Abordar a questão da adoção retoma a temática da escolha de uma família, de um lar, proposta que está imbricada, também, no enredo da obra. Danilo escolhe uma família que o acolhe e o contrário também é recíproco. Sua mãe, o tipo de mãe que quando o filho fala que tem algum problema é a primeira a convocar uma reunião familiar para analisar os sentimentos dos filhos, como Jonas a descreve, chega a comentar para o jovem que:

– Vou te contar uma coisa, Jonas – tia Vera diz, sentando em uma cadeira e secando suas mãos em um pano de prato. – O Danilo foi nosso primeiro filho. O primeiro que eu e o Walter decidimos adotar. O processo foi longo e complicado, muito mais difícil do que é hoje em dia. Mas o maior problema foi fazer a minha mãe entender isso. Ela não aceitava de jeito nenhum a minha escolha.

[...] – Eu e o Walter podíamos ter filhos biológicos. Nunca tivemos nenhuma complicação quanto a isso [...]. Mas as pessoas sempre enxergam a adoção como segunda opção. Eu e o Walter, não.

[...] Eu queria tanto que a minha mãe visse como ele era lindo. Queria tanto que o mundo inteiro olhasse para o meu filho. Quando eu cheguei na casa da minha mãe e mostrei a ela seu primeiro neto, a primeira coisa que ela disse... – tia Vera limpa a garganta e respira fundo antes de falar. – A primeira coisa... foi que eu deveria ter pegado um branquinho pra parecer que era meu filho.

[...] Eu não queria estragar seu dia com uma história triste, mas queria que você entendesse que nem sempre a família que nasce com a gente vai nos entender. Nem sempre eles vão ficar do nosso lado pra sempre. Mas isso nunca vai te impedir de escolher uma família nova (MARTINS, 2018, pp. 321-323).

Para Vera, a mãe adotiva de Danilo, a marca cultural da raça em sua família era algo que evidenciava um preconceito carregado já por décadas. A obra não aponta essa questão por meio de uma discussão mais aprofundada; nota-se que Vera, se sente irritada pela consideração que a mãe fez a respeito da cor do recém-nascido e passa a não mais frequentar o seio familiar, constituindo o seu próprio: uma família grande, de cinco filhos, nenhum biológico. Sexualidade e raça são eixos que podem se relacionar entre si (LOURO, 2004), sobretudo quando se trata da operação reguladora do armário gay, entretanto isso não parece ser um problema na família de Danilo, haja vista que o jovem encontra acolhimento e respeito por parte dos pais e dos irmãos. Se pode inferir um particular interesse em problematizar os diferentes modos de discriminação e representação de famílias na obra, ao passo que aponta aspectos neorreais de como se configuram as famílias na atualidade: pais com filhos adotivos, famílias de amigos, entre tantas outras.

Seu amigo não se esconde dentro do armário (NASCIMENTO, 2019). Danilo tem uma vivência ativa de sua sexualidade, chegando a comentar que “– Vocês sabem que eu nunca tô sozinho, tô sempre ficando com alguém – Dan diz” (MARTINS, 2018, p. 40). É essa vivência sexual que fornece ferramentas para que Jonas seja capaz de compreender que a vida é feita de términos e recomeços, que ela segue em frente apesar dos acontecimentos ruins parecerem buracos negros nos quais, uma vez que se cai, não se consegue mais sair.

Além disso, o modo descontraído como Danilo encara a vida e as atitudes, influenciam Jonas a sair de dentro de sua zona de conforto, motivando-o, em pequenos gestos, a sair do armário (SEDGWICK, 1990), mesmo que tal saída se assemelhe a um mero esgueirar-se um pouco para olhar para o lado de fora:

Num determinado ponto, eu já estava espumando de raiva e prestes a chorar no meio da escola. “Deita aqui”, ele disse, dando dois tapinhas no próprio ombro. Eu deitei sem pensar em mais nada e respirei fundo. Na mesma hora me senti estranho, porque estava trocando afeto com outro garoto em público. [...] No fim das contas eu comprei uma gravata azul para usar na formatura, mas hoje eu percebo que deitar no ombro de Danilo na frente de todo mundo foi o primeiro passo para a minha rebelião (MARTINS, 2018, pp. 120-121).

A respeito dessa ‘rebelião’ se pode inferir que as relações que Jonas estabelece com seus amigos agem, em certo sentido, como ‘parâmetros’, se é que se pode dizer dessa forma, de um exterior constitutivo (BUTLER, 2002). São pequenos gestos, que se tornam suficientes para fazer com que ele, aos poucos, tome ciência de questões que precisa enfrentar a fim de construir uma identidade coerente. Um exemplo está no conselho de Karina, para que o jovem procure um terapeuta.

4.2.3 Karina e o acolhimento das diversidades

Primeiro colega de trabalho, depois verdadeira amiga, Karina entra na vida de Jonas relativamente há pouco tempo, se comparada com Danilo e Isadora, contudo é tempo suficiente para que crie uma conexão com o jovem, que passa a amar conversar com ela:

Nos últimos meses, quanto mais eu conheço Karina, mais eu percebo que ela é uma pessoa ótima para conversar sobre as minhas histórias. Talvez porque ela entenda muito de teatro, ou porque já tenha visto um milhão de filmes ao longo da sua vida, ou porque ela é super crítica e não tem medo de ser sincera quando eu apareço com ideias ruins (MARTINS, 2018, p. 20)

Por ser mais velha, Karina assume um papel de conselheira por diversas vezes na amizade com o colega de trabalho. “– Jonas, eu tenho *vinte e cinco anos* [...] e a idade traz experiência, sabia?” (MARTINS, 2018, p. 114) ela afirma. Apesar de suas idades serem próximas essa relação de confiança e aconselhamento quando necessário é o que torna a amizade de ambos algo especial, como se fosse uma relação entre irmãos, na qual Jonas é o irmão mais novo de Karina. Com essa relação também se descobre que ela demonstra certa frustração por ser enquadrada em um estereótipo que é pouco aceito em determinado meio:

- Acho que você deveria escrever sobre mim – ela responde.
- A história de uma mulher crítica e exigente que acha todas as ideias do seu amigo escritor um lixo mas ela sempre coloca uma piada no final e isso faz o leitor automaticamente gostar dela?
- Não! A história de uma gorda, neta de japoneses que sonha em ser atriz, estudou a vida inteira pra isso, mas no fim ela só se fode porque ninguém quer contratar uma gorda japonesa pra nenhum papel – ela responde rindo, mas no fundo eu consigo ver um pouco de frustração nos seus olhos (MARTINS, 2018, p. 21).

Apesar de Karina ter uma atitude positiva em relação a si e ao seu corpo, expressa decepção por ser semelhante a um corpo abjeto (BUTLER, 2002) no campo da arte, uma vez que “o emprego no Rocket³⁶ não é nem de longe o que ela quer fazer da vida a longo prazo” (MARTINS, 2018, p. 21). Para ela, o trabalho no café é algo temporário, mas há certa dificuldade em conseguir reconhecimento artístico por estar em um lugar social inferiorizado (BUTLER, 2002). A busca por ser aceita em uma companhia de teatro leva Karina a um grupo que possui as mesmas inquietações que a jovem:

[...] Consegui entrar em uma companhia de teatro chamada “As Ocupadas”. É só para mulheres que são atrizes frustradas e não conseguem nenhum papel porque precisam trabalhar em tempo integral e não podem viver de arte. Basicamente eu! Os ensaios são sempre de noite, daí ninguém precisa largar o emprego. E a companhia é cheia de mulheres incríveis! (MARTINS, 2018, pp. 123-124).

³⁶ Rocket Café é o nome da cafeteria que Jonas e Karina trabalham.

Semelhante ao exterior constitutivo de Butler (2002), Karina e as outras mulheres compartilham coisas em comum que são significativas para a existência do grupo 'As Ocupadas': têm de trabalhar para pagar as contas e se enquadram no quesito 'atriz frustrada'. O que constitui a identidade do grupo é, principalmente, o fato de não poderem fazer com que a arte de fato se torne o seu trabalho. Não se percebe uma negação dos aspectos constitutivos da identidade do grupo, embora Karina demonstre achar ridícula a atitude de outros grupos de não lhe oferecerem papéis bons em peças apenas por ser gorda.

Karina tem um interesse real na arte e pede para que Jonas, sempre que possa, assista aos ensaios dela. Além disso, ela também é uma das pessoas que o incentiva a desenvolver histórias a partir das ideias que anota em seu caderninho. Ao dar início à história *Piratas Gays*, baseada em seu encontro inicial com Arthur e o que ele imagina que possa acontecer dali em diante, Karina é a primeira pessoa para quem Jonas envia o capítulo em busca de críticas: “*Karina, / Escrevi uma coisa. O começo de um livro, na verdade. [...] Quería saber se por acaso você não teria interesse em ler e me contar o que acha. [...] Clico em “enviar” antes que eu possa me arrepender*” (MARTINS, 2018, p. 69, grifos do autor). Não fica claro até que ponto a escrita de Jonas é uma forma de o jovem lidar com os seus sentimentos e pensamentos, mas sabe-se que, ao mostrar a história dos piratas para os amigos e o namorado, todos ficam ansiosos e animados em saber quais serão as continuações, oferecendo *feedbacks* sobre suas expectativas para com o enredo.

Apesar de não haver muita descrição sobre a personalidade da jovem, tampouco de sua identidade sexual, ela se faz presente na vida de Jonas em muitos momentos, desde o dia a dia na cafeteria até aos ensaios para a apresentação da peça de teatro, que ocorrem na casa dela. A familiarização com a casa de Karina é quase que imediata:

Karina mora no sexto andar em um prédio antigo na Liberdade.
[...] A sala de Karina é a primeira coisa que eu vejo, e levo um tempo para absorver todas as informações. O sofá grande tem muitas almofadas, uma prateleira enorme guarda vários livros e objetos de decoração, há plantas por toda a parte e muitos quadros na parede.
[...] – Eu tenho um certo problema pra desapegar das coisas. Mas juro que não sou essas acumuladoras malucas. Meu apartamento aparece

duas vezes se você pesquisar “messy room decor” no Pinterest. Isso é um estilo de vida.

[...] O banheiro é pequeno e também tem muitas plantas. Ao lado do vaso existe um bidê, que eu nunca soube direito para que serve, e Karina parece não usar porque ela colocou *mais plantas* dentro dele. [...] Olho para o chão e encontro um gato enorme, gordo, muito peludo e laranja.

– Prazer, Cheetos – eu digo (MARTINS, 2018, pp. 125-126, grifos do autor).

Dividindo a casa apenas com seu gato, Cheetos, e suas plantas, Karina acaba decorando-a de uma maneira bastante desorganizada que, aos poucos, vai criando conexões, memórias, em Jonas. Por exemplo, a respeito do sofá da sala “é o lugar mais confortável onde eu já estive em toda a minha vida” (MARTINS, 2018, p. 127). Falar da ambientação da casa de Karina é importante para a observação de determinados acontecimentos no cotidiano do jovem, como a primeira vez que faz sexo com outro rapaz e também a sua expulsão da casa dos pais:

– Desculpa.

Isso é tudo o que eu consigo dizer, porque é madrugada e ela está de pijama no elevador cuidando de mim como se eu fosse uma criança que não sabe nada do mundo.

– Você não precisa se desculpar por nada. Vem, vamos entrar.

O cheiro da casa de Karina já é familiar para mim. Tudo tem um cheiro de plantas recém molhadas misturado com cheiro de pão, misturado com o perfume que ela usa todos os dias, misturado com o cheiro do Cheetos. Não sei como eu ainda tenho forças para separar cada um dos aromas na minha cabeça, porque estou exausto. Mas chegar aqui faz com que eu me sinta um pouco melhor (MARTINS, 2018, p. 271).

A casa de Karina, para muitos, é um ambiente que, fora da realidade, é muito comum. Com suas plantas, gatos, decoração típica de um jovem adulto ou até mesmo do adolescente que sonha em morar sozinho. Para além disso, ela se torna o espaço físico, na narrativa, em que Jonas sente que recebe apoio, isto é, que há acolhimento e que sua vida não vai ficar completamente perdida (NASCIMENTO, 2019). Ter esse apoio é um dos pontos fundamentais para se enfrentar as saídas do armário e suas implicações para o sujeito. Karina, na obra, tem um papel chave para isso:

Karina, por sinal, tem sido a melhor pessoa nesse processo todo. Além do óbvio [...] é ela quem escuta a maior parte das minhas

preocupações e me ajuda a lidar com a tristeza do dia a dia. Eu sinceramente não sei o que seria de mim sem Karina na minha vida. [...] Ela foi prática, e era exatamente disso que eu estava precisando (MARTINS, 2018, p. 288).

Guacira Louro (2004) vai ressaltar a importância do lugar da acolhida para a construção de uma identidade. Em um lugar onde se é aceito e se recebe suporte quando se passa por dificuldades, o processo de construção de uma identidade coerente se torna mais fluido e menos doloroso, uma vez que, ao considerar o que não lhe cabe com o que lhe é familiar, o jovem, através dessas complexas relações do exterior constitutivo aceita-se independentemente de que sexualidade tenha. Na obra, essa comunidade de acolhida se faz presente na vida de Jonas em todos os momentos da narrativa, seja de maneira mais enfática (como Karina, Isadora e Danilo), seja de modo mais sutil (como Tia Vera, a mãe de Danilo) e é suportada por um espaço físico que permite a Jonas existir fora do armário.

4.2.4 Alberto e Dona Cristina ou a casa é realmente o lar?

Se por um lado os amigos criam uma rede de suporte para Jonas, no que diz respeito à aceitação de sua sexualidade e vivência diária, por outro os seus pais, Alberto e Cristina, contribuem para que haja o crescimento de uma angústia e visão distorcida de si no jovem que sente o peso da iminência da saída do armário.

Sua mãe, Dona Cristina, é extremamente religiosa, já tem uma resposta pronta para tudo o que o filho possa falar ou fazer que vá de encontro às suas crenças: “– Não é assim que está na Bíblia, Jonas” (MARTINS, 2018, p. 23). Cristina é uma mãe que ora pelo filho, que espera e se preocupa, e que também tira um pouquinho de tempo, quando possível, para manter uma boa convivência com Jonas, afinal “Deus deu a ela o dom de cuidar, e que ela vai cuidar de mim por quanto tempo for preciso” (MARTINS, 2018, p. 26). Trabalhando como chefe de cozinha por meio expediente em um restaurante próximo à sua casa, ela divide o restante do tempo que lhe sobra para cuidar da casa e cozinhar para o filho e para o marido. Esse último que possui um jeito muito austero e hostil na maneira de tratar Jonas e, até mesmo a mulher: “–

CRISTINA! – meu pai grita da sala, incapaz de se levantar daquele sofá” (MARTINS, 2018, p. 29).

Alberto carrega marcadamente o aspecto patriarcal do homem heterossexual que subalterniza a mulher e age como provedor material para a família (LOURO, 2000a). A sua figura paterna tenta, sempre que possível silenciar a Jonas, seja ao discutir as saídas do jovem, o horário que ele chega em casa, seja ao distribuir as contas de casa para que o filho pague. A relação entre ambos já por anos não é agradável: Jonas afirma odiar o seu pai, pois sempre estão brigando e nunca entram em consenso. Ao contar que conseguiu um emprego em uma cafeteria na Grande São Paulo, seu pai levanta da cadeira, sai e

Um minuto depois ele reapareceu na cozinha com alguns papéis na mão.

– Toma – falou, colocando os papéis na minha frente. – Luz, internet, TV e telefone agora são sua responsabilidade. Tá na hora de começar a virar homem.

Lembro de tentar ignorar o último comentário enquanto olhava para as contas e somava os valores. O total comia boa parte do meu salário, mas o gostinho de independência fazia valer a pena (MARTINS, 2018, p. 25).

Não é permitido espaço para negociação. Alberto joga para o filho a responsabilidade de cuidar de boa parte das contas da casa, revelando uma atitude machista e egoísta. Entretanto, o abuso não se restringe a apenas isso. Aproveitando que já não precisa mais arcar com a conta da TV, Alberto começa a abusar ainda mais do filho, primeiro assinando um pacote de canais de futebol e, posteriormente, passa a querer se aproveitar da situação:

– Jonas! O boleto da TV está atrasado – ele reclama.

– Bom-dia – eu digo, porque ainda me esforço. – Não está não. Eu paguei a TV na semana passada.

– Tem outro – ele diz, entregando a conta e indo para o banheiro.

Abro o envelope e encontro um boleto avulso de um pacote extra de canais. Não existe nenhuma descrição do pacote, mas não preciso ser um gênio para saber que se trata do pacote de canais adultos. Respiro fundo tentando relevar o fato de que meu pai acabou de me cobrar pela pornografia que ele assiste quando não tem ninguém em casa.

– Vence hoje! – ele grita do banheiro.

Saio de casa batendo a porta, rasgando o boleto e jogando na primeira lixeira que encontro na rua. Foda-se o meu pai (MARTINS, 2018, pp. 47-48).

Toda a relação que se percebe entre pai e filho é sempre desenvolvida através dessa espécie de ódio ao progenitor. Jonas desgosta da figura paterna de tal modo que escancara os conflitos verbais chegando à agressão física, quando Alberto lhe desfere um tapa no rosto ao descobrir a sexualidade do filho. Sempre muito preconceituoso, o pai, em sua atitude de negar sexualidades diferentes à heterossexualidade, institui um modelo de opressão pautado na homofobia e no medo de existir de um modo diferente. Jonas tem que escutar comentários como o de que uma gravata lilás na formatura é "cor de viadinho" (MARTINS, 2018, p. 120), entre outros dizeres que fazem com que a convivência no ambiente de casa seja visivelmente incômoda, afinal "quando meu pai não está aqui, a casa fica em paz. [...]. Quando meu pai não está aqui é *literalmente* mais fácil de respirar" (MARTINS, 2018, p. 134, grifo do autor). Momentos assim são comuns para gays que ainda se encontram no armário; não apenas na literatura como em representações cinematográficas e teatrais se discutem e apresentam-se cenas em que o gay é humilhado através de ofensas e zombarias como 'viado' e 'bixa'.

Longe do pai é mais fácil de respirar sim, mas não menos difícil de enfrentar a ansiedade no que diz respeito a sentir que irá decepcionar fortemente a sua mãe em breve. Nos poucos momentos em que estão a sós, os diálogos fluem de modo que Jonas se sinta relativamente bem nos curtos espaços de tempo em que há tranquilidade.

– Acho que vou fazer empadão pra gente – anuncia minha mãe, encostada no batente da porta do meu quarto. – Já passei no mercado e trouxe tudo que eu preciso.

– Vou te ajudar! – me ofereço na mesma hora, porque sei que hoje não vou conseguir escrever mais nada.

Ainda são seis da tarde, não está nem perto da hora em que costumamos jantar, mas eu e minha mãe vamos para a cozinha mesmo assim. A felicidade que ela trouxe para casa depois do retiro da igreja ainda está durando. Da para perceber um pouco de cansaço nos seus olhos, mas o sorriso continua ali. Eu queria ter a fórmula para garantir esse sorriso todos os dias (MARTINS, 2018, p. 135).

Se conhece uma Cristina que, apesar de trabalhadora, se inferioriza para manter a autoridade do marido – "Minha mãe arrumou meu quarto e, provavelmente, foi por isso que o jantar atrasou. [...]. Penso no esforço da minha mãe para manter a casa em ordem todos os dias e no esforço do meu pai para que ela sinta que tudo o que ela faz não é o bastante" (MARTINS, 2018, pp. 54-55) – e que, além disso, mantém uma rotina fiel de devoção à igreja, frequentando aos cultos, eventos e retiros do grupo evangélico. Cristina se sente muito feliz por ter seu 'pedido atendido' por Deus, quando rezava implorando por um filho. Busca criar o jovem no convívio da igreja, então sempre que tem oportunidade pede que ele frequente a algum culto com ela:

– O pastor Gregório sentiu sua falta no culto ontem – ela joga no ar. E esse é o assunto oficial de toda segunda-feira. Eu duvido que o pastor Gregório tenha realmente sentido a minha falta no culto de ontem. Parei de frequentar a igreja há meses. Mas, mesmo assim, segundo minha mãe, pastor Gregório sempre pergunta por mim.
 – Ele perguntou se você não está livre no domingo. Vai ter uma programação especial para os jovens da igreja – ela continua ignorando o meu silêncio (MARTINS, 2018, p. 27).
 Mas, na quarta-feira, quando estou de folga do trabalho e sem forças para inventar uma desculpa, não consigo dizer não quando minha mãe entra no meu quarto e me pergunta se quero ir ao culto com ela.
 [...] Um cartaz simples na entrada diz "Quarta-feira: culto da família", e eu sinto minha mãe apertar minha mão com força. Minhas pernas ficam fracas por um instante, mas eu entro mesmo assim.
 [...] Ela quer saber se vou cantar junto. Quer saber se estou em adoração. Se, por algum milagre, estou acreditando novamente. Me sinto pressionado. Não sei qual é a maneira certa de lidar com essa situação. Não quero alimentar esperanças de que vou voltar a frequentar os cultos, mas não quero deixar minha mãe de coração partido (MARTINS, 2018, pp. 76-79).

É notável a alegria e esperança que Cristina nutre para que o filho volte para a igreja e ele sabe que participar das atividades da igreja proporcionará essa alegria à sua mãe: "aceito de vez em quando porque sei que ela fica feliz quando a acompanho nos cultos" (MARTINS, 2018, pp. 182-183). Muito do que se sabe sobre a mãe de Jonas está imbricado às suas atividades na igreja e na sua submissão no lar. Por exemplo, uma das receitas mais famosas da Dona Cristina no ambiente de casa, e talvez um dos elementos que mais marque o protagonista, é a do empadão de frango. Quando Jonas decide conhecer a história da mãe e pergunta onde ela aprendeu a

fazer, esperando que a resposta viesse com uma história parecida com a de que a receita era passada em cada geração da família, Cristina o responde com “Aprendi na Ana Maria” (MARTINS, 2018, p. 82) e então essa receita é incorporada à sua vivência religiosa.

O discurso da religião com respeito à homossexualidade, apesar de sutil no modo como a mãe de Jonas age, se encontra nítido na maneira como o jovem encara a pressão sobre si de se portar como alguém ‘normal’, que segue as normas da igreja. Disso se percebe que o protagonista cresce em meio a rejeições e regulações provenientes de uma divisão lógica binária dos gêneros (LOURO, 2004), entrando em conflito constante a respeito do modo como agir em cada momento que passa com os pais e por ser diferente da maneira como age com os amigos. Além disso, a maneira como Jonas vê a si mesmo evidencia essa relação truculenta de se aceitar e sair, de fato, ou não do armário decorrente do espaço frágil de existência que é construído no ambiente familiar. Ele não se sente livre, tampouco sente-se ‘em casa’, sendo necessário realizar concessões em favor do bem estar e expectativas dos pais, mas em troca de seu próprio bem estar.

Apesar de toda a problemática do preconceito de Seu Alberto e do drama religioso de Dona Cristina tornarem o lar de Jonas um ambiente hostil, há na obra a discussão da permanência das famílias alternativas. Fragilizado demais para acreditar que haveria mudança positiva, ou até mesmo que poderia haver alguma hipótese de mudança favorável – tal qual a revelação de Ester (SEDGWICK, 1990) –, Jonas deixa explícito o sentimento angustiante que muitos adolescentes em sua situação têm: “Já faz tempo que não sei o que é aquela sensação boa de *lar doce lar*” (MARTINS, 2018, p. 24, grifo do autor). O espaço que deveria ser o lar, se torna apenas um ambiente de moradia, nada mais além disso. É recorrente, atualmente, essa questão em obras com temática LGBT+, posto que, cada vez mais, a população LGBT+ se vê na posição de ter que escolher uma família pelos seus laços de afeto, respeito e assistência em detrimento dos laços sanguíneos (URREA *et al*, 2018).

4.3 A angústia das relações do armário

Judith Butler (2003) aponta que a construção de uma identidade coerente leva em conta a negação de tudo que possa ir de encontro a determinada característica, estabelecendo uma fronteira entre duas coisas que, ao se excluírem, validam a si mesmas. Jonas, como já observado, para delimitar sua identidade gay, primeiro experimenta beijar uma garota e, tempos depois, um garoto. A partir disso o jovem começa a levar uma vida dupla, escondendo quem realmente é em determinados campos enquanto em outros ele podia se sentir ‘livre’.

Essa vivência acompanha um processo opressivo de forte regulação da sexualidade, no qual se destacam dois elementos decisivos para o modo como o adolescente encara a si mesmo: a religiosidade da mãe – além da frequência na igreja evangélica durante a infância – e a figura homofóbica do pai. Aos poucos os ambientes familiar e religioso instituem no garoto a ideia do que é ‘normal’ e do que é ‘anormal’. Para ele, o se aceitar gay significa aceitar ir para o inferno e não ganhar a ‘salvação’; mas, apesar desse pensamento não causar tanto assombro com o passar do tempo, é esporádico e ainda assim o aflige: “ainda existem noites em que, antes de dormir, eu olho para o teto e penso que, em algum lugar, existe um Deus que está extremamente desapontado comigo” (MARTINS, 2018, p. 30).

Jonas, semelhante à personagem bíblica homônima, aprende que existe um Deus que o punirá por se desviar das regras e que essa divindade possui grandes planos para ele, como fica expresso na fala de Dona Cristina:

- Jonas – diz ela com a voz baixa. – Eu tenho orado por você.
- Obrigado, mãe – respondo, porque sou realmente grato.
- Ainda tenho muita fé no que Deus tem planejado pra você. Você não recebeu esse nome em vão (MARTINS, 2018, p. 27).

Desconhecer qual é esse planejamento faz com que Jonas se sinta muito mais deprimido em relação à sua ‘falha’, em especial por ser a pessoa que irá desapontar não apenas a Deus, como também à sua mãe, levando em conta que, à medida que vai, aos poucos, se afastando da convivência na igreja, a relação entre ambos é

ressignificada, adquirindo um ar de medo do inevitável. Na continuação do diálogo acima Jonas conclui com:

Eu respondo apenas com um sorriso e saio da cozinha. Mais uma vez, me sinto impotente diante das expectativas que minha mãe tem para a minha vida. Mais uma vez, sinto que o momento em que ela vai se decepcionar comigo de verdade está próximo (MARTINS, 2018, p. 28).

Nas vezes em que a mãe o leva à igreja, fica clara a visão autodepreciativa que o adolescente constrói sobre si:

Três louvores se passam e eu me sinto quase à vontade. Minhas palmas encontram o ritmo e minha voz sai com mais facilidade, mas, ainda assim, tem uma voz no meu ouvido que não para de me dizer que sou uma fraude. Que eu nem deveria estar aqui. Que o amor de Deus não é para mim porque, segundo a Bíblia, se eu morrer agora, não vou encontra-Lo no Céu.

Quando a música termina, meus pensamentos ficam mais altos. É difícil me concentrar em cada momento do culto, e eu só balanço a cabeça quando acho necessário. Minha mãe pega a minha mão durante uma oração e eu fecho os olhos por hábito, sem nem me dar ao trabalho de tentar falar com Deus.

Ela se aproxima para compartilhar sua Bíblia comigo quando o pastor começa a leitura do capítulo 127 do livro de Salmos.

– Os filhos são a herança do Senhor – ele diz no microfone.

“Que merda de herança eu sou”, a voz na minha cabeça responde, muito mais alta (MARTINS, 2018, p. 79, grifo do autor).

Diferente da operação do armário durante a Contrarreforma, de incentivar a confissão dos atos ‘pecaminosos’ para que se possa regular/punir (FOUCAULT, 1988), aqui é possível encontrar uma forma muito mais profunda de se regular a sexualidade pautada em uma visão pejorativa de ver a si a partir do mandamento divino, de julgar-se utilizando termos como ‘fraude’ e ‘merda de herança eu sou’ para representar-se como alguém que mente para si, para os outros e para Deus. Há, no achar que é uma fraude, a validação de um esforço inalcançável: “imediatamente me sinto uma farsa por *ousar* conversar com Deus. Porque uma parte dentro de mim me diz que Ele sequer estava ouvindo” (MARTINS, 2018, p. 138, grifo do autor). Afinal, já se age em desacordo com a vontade divina, já se sabe que o preço pela desobediência é pago com a própria vida e danação eterna, o que decorre disso é a

sensação de não pertencimento (BUTLER, 2003) – Jonas não se sente à vontade indo à igreja – e, por isso, há uma espécie de fuga para evitar o sentimento de incapacidade de ser como se pede, de agir de acordo com a norma.

Como resultado, Jonas tenta, em certo sentido, ‘trancar’ os seus pensamentos autocríticos, de modo a viver sua identidade sexual sem diminuir a si mesmo. Contudo, as marcas de uma opressão (SEDGWICK, 1990) se encontram mais arraigadas em si, sendo refletidas, por exemplo, na vivência sexual de Jonas, que, aos vinte anos, ainda é virgem³⁷:

Eu sou romântico, quero que seja especial, com um cara legal, e não com um desconhecido no banco traseiro de um Celta duas portas [...]. E daí tem toda aquela outra parte do meu cérebro que eu evito ao máximo acessar. A parte onde existe um Deus me julgando pelos meus pensamentos pecaminosos (e constantes) sobre sexo gay (MARTINS, 2018, p. 41).

É um alerta que toca toda vez que eu chego perto de fazer qualquer coisa sexual. Sabe quando sua mãe avisa para levar guarda-chuva e você diz que não quer levar e ela diz “bom, você que sabe” e isso pesa mais do que qualquer coisa, porque de repente se tudo der errado a culpa é totalmente sua? É assim que eu me sinto em relação ao sexo. É como se Deus estivesse me dando o sermão do guarda-chuva, e se eu pecar a culpa é minha (MARTINS, 2018, p. 197).

Essa culpa é algo recorrente na visão limitadora que Jonas tem de si, pois sabe que não pode corresponder às expectativas de sua mãe, resignando-se a utilizar, como escape, a imaginação de circunstâncias completamente diferentes das que vive e, quando possível, escrevendo a respeito:

[...] me pego imaginando uma realidade alternativa onde eu vivo em outro lugar. Onde minha mãe se interessa pelas coisas que eu tenho a dizer e nós dois conseguimos conversar sobre qualquer assunto banal [...]. Sobre qualquer coisa que não seja o plano de Deus para a minha vida. [...]. Talvez o Jonas dessa realidade não tenha recebido esse nome por causa do Jonas da Bíblia. Talvez ele se chame Augusto, ou Maurício, ou Paulo, ou Maicon (MARTINS, 2018, pp. 30-31).

³⁷ A maneira como Jonas fala a respeito de ser virgem implica dizer que o comum é que os jovens de vinte anos todos já tenham tido relações sexuais ao mínimo alguma vez na vida. Esse ainda é um tema não tão aprofundado na Literatura Juvenil e que não recebe atenção robusta do escritor na obra em questão, talvez por ainda ser considerado tabu, sobretudo se pensarmos em aulas de educação sexual.

Há uma angústia em se reconhecer e viver abertamente sua sexualidade. Jonas atribui parte dela não apenas ao fato da opressão religiosa se fazer muito presente na vida dele, como também em decorrência da escolha do seu nome. Se certas coisas fossem diferentes, então, possivelmente ele teria lugar para existir, para ser acolhido no espaço de sua casa. O jovem entra em constante conflito com duas identidades: uma, heterossexual, para os seus pais, e outra, homossexual, para os seus amigos e namorado. Esse cruzamento revela uma maneira de agir que é interpelada por uma cultura de opressão que privilegia a heterossexualidade e heteronormatividade, acima de tudo, no discurso religioso. Cristalizada no inconsciente do jovem, essa (auto)repressão age como uma sombra que paira ao redor de todos os pensamentos dele, como que dizendo o que é certo ou é errado.

Em resultado, ele não considera que a saída do armário possa ser benéfica, ao contrário, sempre que possível, reitera que será algo doloroso, que causará decepção, desapontamento, e sobreviver a isso, dentro da casa dos pais, se torna tão desafiador quanto enfrentar um grande peixe. Na relação com sua mãe, Jonas reflete que “[...] é impossível não pensar que nossa relação virou um jogo de vida ou morte. A felicidade dela depende da minha infelicidade. A minha felicidade seria a infelicidade dela. E eu não sei qual dos dois cenários seria pior” (MARTINS, 2018, p. 78). Já em se tratando de sua relação com o seu pai, este desfere comentários para o filho dizendo que ele deveria ser homem, isto é, assumir o papel de uma masculinidade como a sua: heterocentrada, machista, patriarcal

[...] – Quando você vai arrumar um trabalho de verdade? Quando você vai parar de lavar a louça dos outros? Quando você vai estudar pra ser alguém? Você acha que é isso que eu quero pra você? [...]

– Quando eu tinha a sua idade – ele começa.

Instintivamente reviro os olhos e coloco a mão sobre a minha testa. O gesto é desafiador o bastante para fazer meu pai levantar do sofá e me encarar de frente.

– Abaixa essa mão! Olha direito pra mim! VIRA HOMEM, PORRA! – ele grita, aumentando o tom de voz a cada frase.

[...] – Eu não sei mais o que fazer com você, Jonas. Eu não sei. Eu só queria um filho normal, pra assistir futebol comigo, pra aprender a dirigir, pra arrumar um emprego decente e não viver uma vida de merda (MARTINS, 2018, p. 173).

Alberto não sabe o que está acontecendo com o filho, tampouco demonstra preocupar-se o suficiente para querer entender. Para ele, Jonas apenas não é normal, não tem os mesmos gostos que o pai e, portanto, é incapaz de lhe proporcionar o prazer de um filho que ‘segue os passos do pai’. Sua relação turbulenta com Alberto é descrita pelo jovem da seguinte maneira: “Crescer ao lado do meu pai, com seu humor sempre instável, fez com que eu estivesse sempre em estado de alerta esperando alguma coisa ruim acontecer” (MARTINS, 2018, p. 29). É como se, na cabeça de Jonas, sempre estivesse soando um alarme que dizia que, inevitavelmente, ele passaria por problemas; uma constante desconfiança nas coisas, acarretada, talvez, principalmente, por levar uma vida dúbia, tendo que performatizar, no convívio com seus pais, uma identidade que já não lhe diz respeito. Todo o tempo que Jonas passa no ambiente de sua casa, com seus pais, é como uma tortura que reitera o que a filósofa Judith Butler (2003) discute como um processo violento de formulação do exterior constitutivo, uma vez que a pressão para ser algo que não o é infunde no jovem uma angústia e cansaço que o coloca em um estado de alerta, apreensivo pelo próximo acontecimento ruim.

Na obra não fica evidente se há ou não intenção de Jonas de sair do armário para os pais, antes há a resignação de que o processo, caso venha a ocorrer, lhe traria consequências ruins – a ‘decepção’ para os pais –, contudo, todo o processo de viver duas vidas acaba sendo desgastante para ele, que chega a afirmar

O contraste de como eu me sinto dentro e fora de casa fica cada vez mais evidente. É cansativo viver nessa montanha-russa que sobe e desce o tempo inteiro. Eu não aguento mais. Quero andar em linha reta, na montanha-russa mais sem graça de todos os tempos. Ou melhor, quero descer desse brinquedo. Quero sair daqui. Eu não sei *como* sair daqui. Eu quero me sentir bem (MARTINS, 2018, p. 133, grifo do autor).

Há o desejo de mudança, logo, pressupõe-se que o protagonista em algum momento assumirá uma postura ativa e determinará a sua saída do armário. Porém existe o medo e a angústia gerados no decorrer dos anos, desde quando ele se enxergou enquanto homem gay, durante suas divagações e pensamentos de que está fazendo algo errado ou sendo alguém errado, até iniciar o relacionamento com Arthur e sentir que existe uma relativa paz na maneira como administra a vida – evitando

conflitos com o pai, indo ocasionalmente à igreja com a mãe e levando uma vida sem segredos diante dos amigos. Todas essas negociações são típicas da política opressora do armário gay (SEDGWICK, 1990). Nelas, para Jonas viver em paz nos espaços que frequenta, deve fazer certas concessões de maneira que os outros indivíduos fiquem em uma posição de relativa tolerância, normatizando dizeres como o de que *“tudo bem que ele é diferente, mas ele é homem”* – em relação a parecer ser heterossexual –. É justamente nessa relativa estabilidade de um sentimento de paz que ele começa a questionar quando virá a tempestade, uma vez que já se encontra em calmaria há um bom tempo:

- Se você parar pra pensar, o mundo meio que é uma catástrofe gigantesca – respondo.
- Talvez essa força maior esteja um pouco sobrecarregada porque tem muita gente ruim no mundo.
- É que eu estava pensando – começo a falar, mas não sei muito bem onde quero chegar. – As coisas estão indo bem pra mim. Não sou o cara mais bem-sucedido do mundo, mas eu estou feliz, sabe? Com tudo que está acontecendo comigo, com a minha família, com os meus *amigos*. [...]
- Onde você quer chegar com isso? Tá com cheiro de autossabotagem.
- Não é bem isso, mas será que em algum momento alguma coisa ruim não vai acontecer pra equilibrar as coisas?
- Autossabotagem!
- Não! É só que não sei se eu mereço tudo isso. Eu tenho sentido que, se Deus realmente existe, logo, logo ele vai me cobrar, sabe? (MARTINS, 2018, pp. 252-253, grifo do autor).

Jonas assume uma postura desconfiada, levando em conta todo o processo de regulação proveniente de uma política do armário que diz o que é normal e o que não é. Atrelado ao discurso da religião, ele espera que a qualquer momento, Deus mande uma punição divina, um peixe grande para ele enfrentar, um revés na sua vida.

Não raro os jovens que se encontram levando uma vida dupla, ‘aprendendo’ de maneira frequente a indiscutibilidade de uma heterossexualidade hegemônica, sem saber em que momento as portas do armário vão ser escancaradas e serão postos para fora desse dispositivo, tendem a viver com medo, expressando uma angústia no desenvolvimento de suas relações afetivas bem como sua vivência sexual na sociedade.

Karina, ao escutar o que o amigo tem para falar, é rápida em identificar a tendência de sabotar a própria felicidade, aconselhando-o a procurar ajuda especializada, mesmo que Jonas não queira ‘chegar a lugar algum’ com a conversa, carregando em seu discurso marcas institucionalizadas de uma forma de opressão, nos moldes do que seja uma ‘normalidade’, que define quem é merecedor ou não de algo.

4.4 Jonas, mas e os piratas gays?

Jonas tem o sonho de se tornar escritor, mas nunca, de fato, escreveu algum livro. Suas estórias inacabadas se resumem a anotar as várias ideias que tem no cotidiano em um caderninho que leva consigo aonde quer que vá. Motivado pela ideia de ir em busca por um motivo para sair da casa dos pais, ele inicia uma história que intitula *Piratas Gays (título provisório)* e, até o momento inicial da escrita, “não sei o que vai acontecer no final, mas sei exatamente como começar essa história. [...] depois que começo a digitar, as ideias começam a vir com mais força” (MARTINS, 2018, p. 56).

A estória é inspirada no seu encontro com Arthur. Ao apelidar o rapaz de ‘Barba Ruiva’, Jonas anota em seu caderno “*Ideia para livro #66 / PIRATAS GAYS!!!!*” (MARTINS, 2018, p. 16, grifo do autor) e rapidamente a trama começa a ganhar forma: Tod é um pirata que foi encontrado pelo capitão Haken quando ainda era pequeno e cresce sentindo-se diferente dos outros marujos. Apesar de já ter seus vinte anos, ainda sente dificuldade em atender às expectativas dos outros tripulantes do Verloren II. Quando em terra firme, recebe a tarefa de encontrar e recrutar um novo pirata para o grupo. É então que ele conhece Bart, um jovem sobrevivente de um naufrágio, que com seu ar educado e sua longa barba ruiva chama atenção de Tod, que, por sua vez, rapidamente o convida para se juntar à tripulação.

Diferente do primeiro contato com Arthur, que foi bastante desastroso, Tod conhece Bart em uma estalagem, os dois conversam e conhecem brevemente a histórias de vida de ambos. No navio, Bart conquista a admiração da tripulação por saber cozinhar, tarefa que logo é atribuída ao novato e faz com que ele se aproxime

cada vez mais de Tod. Fora da trama, Jonas pede a opinião da amiga, Karina, a respeito da história, que logo confirma:

Piratas gays não é muito ruim. O título é, mas a história está legal. Tirando o fato de que você basicamente escreveu uma fanfic sobre como você e o Barba Ruiva se conheceram.

– Está tão na cara assim? – pergunto.

– Bastante. [...]

– Jura que você não está falando isso só para me agradar como você faz com seus amigos atores que passam nove meses escrevendo um monólogo?

– Jonas, eu acordei de madrugada com seu e-mail e *continuei lendo*. Se fosse um lixo eu nem teria me dado ao trabalho. Então, sim. Eu juro que não estou falando isso só para te agradar. Mas você precisa me jurar que vai continuar me mostrando os próximos capítulos, tá bom? (MARTINS, 2018, pp. 73-74).

O jovem utiliza suas experiências com Arthur como pano de fundo para a criação de uma trama ficcional fantástica que conquista a atenção de seus amigos ao passo que pode ser elemento revelador dos próprios sentimentos que ele tem a respeito de si. É escrita com tom leve e, nesse sentido, representa o olhar de Jonas sobre o mundo (COELHO, 2010).

De volta à trama dos *Piratas Gays*, à medida que o tempo passa eles ficam cada vez mais próximos a ponto de tocar no assunto de suas sexualidades. Para Tod é transportado um pouco do medo e da angústia característicos de Jonas:

“Eu acho que nunca serei capaz de estar com alguém. Não do jeito que eu imagino. Mas isso não me preocupa. Acho que estou satisfeito com a vida que tenho. O mar sempre será um bom companheiro”, declarou Tod.

“Eu acho que viver no mar é um destino muito infeliz para uma pessoa boa como você”, Bart disse, sussurrando tão baixo que ninguém além de Tod seria capaz de ouvir (MARTINS, 2018, p. 205).

Tod não se sente atraído por outras mulheres e para ele não há problema nisso, afinal de contas nunca encontrara alguém que ‘fosse como ele’ restando conformar-se em acabar sozinho. Nas palavras de Jonas, contar que “fui gay só dentro da minha cabeça durante a minha vida inteira, e sinto que isso fica cada dia mais óbvio para o resto do mundo” (MARTINS, 2018, p. 197) apenas reafirma o sentimento de

resignação pautado na pressão de ‘não poder ser gay’, mais um momento de regulação da sexualidade não normativa.

Ao conhecer Arthur e começarem a namorar, Jonas busca ir cada vez mais a fundo nessa relação e no relacionamento consigo mesmo, desafiando-se a tomar pequenas atitudes no dia a dia que lhe permitam sentir que não há o que temer a respeito de ser gay. Apesar disso, se propor a sair do armário é algo que ainda o amedronta, pois, de acordo com sua criação, está agindo em pecado: “No fim das contas, acho que aprendi a ter *medo* de Deus. A religião me afastou muito mais do que me aproximou Dele (MARTINS, 2018, p. 198, grifo do autor).

Na estória dos piratas, transportando aspectos do romance de Arthur e Jonas, a personagem de Tod não conta que se apaixonaria por Bart e que a atração entre ambos seria recíproca. Na conversa, acima citada, o balanço da maré desequilibra os dois marinheiros, que se encontravam ao lado um do outro na cozinha, encarando, através de uma escotilha minúscula, a chuva que caía sobre eles quando algum vento apaga a lamparina e os deixa no escuro. É o momento em que se beijam. O beijo rapidamente faz com que os dois rapazes anseiem sentir o prazer dos seus corpos ali, na sensação de segurança projetada pela circunstância que os cercava – muito mais fácil para os piratas seria viver suas relações e satisfazer seus desejos dentro do armário do que fora dele (NASCIMENTO, 2014).

Falar sobre sexo é algo que Jonas ainda trata com certo receio – “escrever uma cena de sexo é constrangedor e libertador ao mesmo tempo” (MARTINS, 2018, p. 207), de modo que, na ficção ele só descreve o acontecimento a partir de:

As mãos de Bart percorriam suas costas, seus braços, seu peitoral. Não havia tempo, não havia segurança. Tudo ali parecia urgente. Peças de roupa foram tiradas, mas não totalmente. Seria arriscado demais se expor daquela forma no navio. Apesar de estar vivendo algo completamente novo, Tod parecia saber exatamente o que fazer. [...] E, no meio de toda aquela imensidão, enquanto a chuva caía e o mundo dormia, Tod e Bart se tornaram um só. [...] naquela noite, com Bart, não houve culpa. Tod se sentiu seguro o bastante para continuar abraçado com seu amante mesmo depois do êxtase (MARTINS, 2018, pp. 205-206).

Jonas romantiza o sexo entre os piratas. “– Essa coisa das palavras é difícil” (MARTINS, 2018, p. 208) defende ele, de forma que, quando surge a oportunidade, ele menciona não sentir culpa – similar à sensação que ele descreveu em suas personagens – e que “não caiu um raio de condenação sobre a minha cabeça. O chão não se abriu e eu não fui arrastado para as profundezas do inferno” (MARTINS, 2018, p. 248). Há na obra, de maneira sutil, tanto a representação do sexo como algo a ser feito às escondidas, em momento oportuno, sem que ninguém saiba, como o medo de que se descubra que o jovem tem uma vida sexual ativa, ainda mais que transa com alguém do mesmo sexo. É representativo também o poder regulador que a religiosidade tem sobre a conduta sexual das pessoas. É discursivamente perceptível que a pressão reguladora dos ensinamentos bíblicos leva Jonas a crer que algo ruim aconteceria ao ter relações sexuais com outro homem. De fato, fora da realidade ficcional, a religião, como instância de poder, pontua as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo como pecaminosas, atitudes que levam o indivíduo a perder sua própria vida no dia do julgamento. Isso ainda é muito difundido e, infelizmente, ainda é meio de potencializar o preconceito às vivências sexuais não normativas.

Esse receio de ser descoberto – Isadora chega a falar que “o cheiro de sexo sai com o banho” (MARTINS, 2018, p. 198) – é perceptivelmente enorme para Jonas, que o trata como se a partir de então ele fosse carregar uma placa que avisasse a todos que agora ele faz sexo. A experiência sexual, apesar de prazerosa, está circundada em uma aura de receio de ser flagrado e exposto, sentimento existente em muitos sujeitos que se encontram no armário e que sentem o seu poder regulador (SEDGWICK, 1990).

Para os piratas de Jonas, a ‘perdição’ deles começa com as consequências do ato sexual: a tempestade que teve início na noite em que se beijaram, perdurou por semanas – como sinal divino de que Deus estava descontente com eles – culminando no momento em que o capitão Haken flagra os dois juntos e toda a tripulação decide atirá-los no mar para morrer: “Mas, naquele momento, enquanto a água gelada enchia seus pulmões e o peso em seus pés o puxava para a escuridão infinita do oceano, era tarde demais” (MARTINS, 2018, p.280). Retomando a estória do personagem bíblico que embasa o nome do protagonista, é possível encontrar uma relação entre as narrativas que confirma o poder opressivo da regulação do armário – nesse sentido

sob a censura divina, que tal qual a estória do Jonas bíblico, chovia por dias em desaprovação às atitudes do rapaz.

4.5 Narrativas das implicações do armário: da opressão à liberdade

A escrita da descoberta do romance dos dois piratas gays acontece depois do próprio Jonas ser posto para fora do armário. Na ocasião, o protagonista vê seu mundo virando de ponta cabeça e sente todas as coisas ruindo. Se pode dizer que a sensação de afogamento e de ser ‘tarde demais’ recaiu sobre Jonas com um peso que, ainda que esperado, não fazia ideia de como seria, e isso é também representado na sua ficção.

Sedgwick (1990), ao dizer que não se pode esperar potencial transformador em terrenos onde apenas a ignorância tem lugar, tem sua discussão reiterada na representação da cena da saída do armário de Jonas na obra. O autor retrata com realismo uma saída extremamente truculenta, marcada por insultos e agressões físicas que confirmam que, apesar de não ser uma discussão tão recente assim, a saída do armário ainda tem repercussões violentas, ainda mais quando, em seu contexto, se encontram relacionadas não apenas a violência de um machismo descomedido como também o discurso religioso de rejeição à anormalidade – como o tão difundido slogan de que Deus não criou dois homens ou duas mulheres, mas sim um macho e uma fêmea para procriarem.

Toda essa situação se vê refletida na saída de Jonas, quando os seus pais o flagram beijando Arthur no carro, em frente à sua casa:

– Jonas, que PORRA é essa? – meu pai grita.
 Eu tenho medo de entrar, mas ele me puxa para dentro e bate a porta atrás de mim. Sinto minha boca ficando seca e olho para minha mãe em busca de ajuda, mas ela está olhando fixamente para a janela. A *maldita* janela.
 – Pai. Calma.
 É tudo o que eu consigo dizer.
 – Calma? Você faz escândalo no meio da rua a essa hora da noite, beijando um macho barbado na frente da nossa casa e você quer que eu tenha CALMA? Macho não, né? Viado! É isso que você é, Jonas? Viado? (MARTINS, 2018, pp. 264-265, grifos do autor).

É então que se instaura a tão esperada ‘catástrofe gigantesca’, a ‘tempestade’, que Jonas via se aproximar. Seu pai não muda, continua sendo a mesma pessoa temperamental, agora mais, ao descobrir que seu filho não é nem de longe o que ele gostaria que fosse. Apenas nos primeiros instantes da situação já é possível identificar que a homofobia de Alberto dá vazão à pedagogia do insulto (JUNQUEIRA, 2012) expressa na operação do armário: usar a palavra ‘viado’, escrita dessa maneira e nesse contexto particular configura o insulto em uma gestão de controle do corpo alheio. O modo como essa ofensa é proferida no discurso muito tem a ver com a marca da oralidade em nosso país, no qual muitos gays têm de ouvi-la, quer em razão de um preconceito explícito, e nesse caso, a palavra tem sentido pejorativo, quer em função de referir-se a si mesmo como indivíduo gay, diferente do animal – em cuja menção é utilizada a palavra ‘veado’.

Controle esse que indica também a pressão com que Jonas encara a si na situação:

Eu olho para o chão sem saber como sair dessa situação. Tudo que eu consigo fazer é me sentir o cara mais estúpido do mundo por ter aceitado a carona. Eu deveria ter vindo de metrô. Eu deveria ter mantido Arthur longe daqui. Estava tudo bem e agora não está mais. E a culpa é toda minha. A porra da culpa é sempre minha (MARTINS, 2018, p. 265).

Toda a angústia se liga à culpabilização de ser o responsável por tudo que acontece de ruim ao seu redor. Essa relação exprime como a opressão característica do armário no indivíduo (SEDGWICK, 1990) afeta a maneira como Jonas enxerga a si e constrói sua identidade: a partir de uma visão autodepreciativa. Esse não é um processo fácil de se enfrentar – para Jonas é um peixe muito grande e, ainda que precise se proteger dele, como chega a considerar, ele se vê completamente indefeso e à deriva no que essa situação pode trazer-lhe. Sua mãe, atônita, chora e balbucia palavras que o jovem acredita serem uma oração enquanto seu pai continua falando, com termos que, muito provavelmente qualquer sujeito nessa situação já tenha ouvido quando submetido à violência repressiva da homofobia – dizeres como o de preferir um filho ladrão, um filho drogado ou até mesmo um filho que engravidasse alguma

mulher sem sequer ter relação afetiva com ela – e, em seguida, utilizando de outro tipo de regulação, presente por anos a fio na vida e no imaginário de Jonas: a religião.

– E você ainda tem coragem de ir pra igreja com ela – meu pai continua falando e apontando para a minha mãe. – Você faz o que faz no meio da rua e ainda tem a coragem de pisar na igreja. Mentiroso! Você é um mentiroso. Olha pra ela, porra! Olha pra sua mãe! [...]

– Pai – eu digo, respirando fundo. – Vamos descansar, amanhã a gente conversa melhor, com a cabeça fria. A gente senta junto, só nós três, uma conversa em família.

– FAMÍLIA? – ele grita – Você quer falar de família agora? Essa família aqui tem vergonha de você. Eu não te quero como família. Sua *bicha*! E ao som da última ofensa, sua mão desce com força no meu rosto. Não é um tapa barulhento. É silencioso e forte, com a intenção de causar dor (MARTINS, 2018, pp. 266-267, grifos do autor).

Com mais insultos, Alberto passa a humilhar o filho, chegando à violência física. É visível que a não aceitação perturba a coerência de uma heterossexualidade fundamentada na plena negação do que possa ir contra ela, havendo a dura repressão por se considerar como algo contrário à norma, anormal, e principalmente para a religião, algo hipócrita. Ele quer que o filho sinta dor, quer que Jonas pague por não ser ‘normal’, por ser ‘bicha’, e por isso bate nele, o insulta e, por fim, coloca-o para fora de casa. Da completa afirmação da diferença, Alberto tem pleno poder regulatório ao passo que Jonas esgota-se mentalmente, por já vir travando uma angustiante batalha contra si mesmo:

[...] todos esses anos segurando as aparências, me escondendo de mim mesmo, tentando viver duas vidas completamente diferentes e sustentando minhas mentiras me deixaram cansado. Estou no meu limite e não tenho forças para revidar.

[...] Ele pode acabar comigo agora se ele quiser. Eu só quero apagar. Eu quero que isso tudo passe (MARTINS, 2018, p. 267).

Sem forças para resistir à repressão, Jonas apenas sinaliza querer que tudo acabe e que aquela situação de tensão passe. Ele fica à mercê do pai, oferecendo-lhe o outro lado da face, sem tentar escapar, quando Cristina, pela primeira vez fala e se impõe: “– Alberto, já chega” (MARTINS, 2018, p. 267). O gesto é suficiente para acreditar que há uma esperança de que haja finalmente compreensão, para que a

saída do armário tenha uma repercussão positiva, ao menos para o lado materno, que haja acolhimento,

Esse é o momento em que ela me abraça e diz que me ama. O momento em que ela fala sobre como o amor é o mandamento maior de Deus. O momento em que ela me protege do meu pai mais uma vez.

Mas esse momento não chega.

Ela não consegue me olhar e, quando fala comigo, seus olhos estão fixos no chão.

– Jonas, eu estou muito desapontada com você. Mas o que eu sinto não deve nem chegar perto do que Deus está sentindo (MARTINS, 2018, pp. 267-268).

Apesar de saber que seria um processo duro, Jonas tinha esperanças de que algo pudesse ser diferente ainda. ‘Esse é o momento’, ele pensa, e seria o momento em que religião deixaria de ser norma, o verdadeiro amor ao próximo seria mais forte que a religiosidade, contudo esse momento é apenas fantasia na cabeça do adolescente. Sedgwick (1990), ao alertar, em sua discussão, para a possibilidade de se encarar a saída do armário a partir de um viés sentimentalista, como na estória de Ester, já havia chamado atenção para o fato de que não é correto esperar que a saída aconteça pautada em consequências que estão vinculadas a algo predeterminado, nesse caso, à fantasia de que não existirão entraves, discussões, exclusões, rechaços.

Isto quer dizer que, ainda que não se fale sobre a saída do armário da Isadora ou do Danilo e, apesar de não ter havido consequências negativas – entenda-se a expulsão de casa – quando Arthur se assumiu bissexual para os pais, esperar que o mesmo fosse acontecer com Jonas é fantasia, pois as formas do armário operar enquanto dispositivo são distintas em cada caso, ainda que compartilhem determinadas particularidades. Ele não encontra acolhimento na revelação do seu segredo, pelo contrário,

Sempre sonhei em sair de casa e viver uma vida independente. Sempre imaginei como esse seria o momento mais libertador da minha vida.

Mas enquanto arrumo uma mala às pressas, com meu pai bufando impaciente na porta do quarto observando cada movimento meu, me sinto humilhado (MARTINS, 2018, p. 268).

A reafirmação do lugar dominante da sexualidade correta põe em xeque o lugar de pertencimento de Jonas na comunidade. Ele não é independente e tampouco tem tempo para planejar viver sua independência (financeira, sobretudo) longe dos pais. Como resultado, o processo de saída, ainda que lhe ofereça libertação, vem com um alto custo: sentir-se humilhado. Felizmente, o adolescente se via pertencente a uma comunidade acolhedora – seus amigos – o que lhe proporcionou uma rede de apoio para que pudesse, de fato, libertar-se do sentimento opressor que o acompanhava e trilhar uma vida independente. Karina é para quem ele recorre: “– Desculpa te acordar a essa hora, mas eu preciso de ajuda” (MARTINS, 2018, p. 269).

Saindo de casa, Jonas traça escolhas de modo a (re)construir sua identidade em um grupo social que o acolhe, sendo Karina a primeira a oferecer esse cuidado, seguida dos seus outros amigos.

Karina me abraça do jeito mais carinhoso que alguém já me abraçou em toda a vida. É como se cada centímetro do meu corpo estivesse sendo coberto de compaixão, e esse sentimento me faz chorar ainda mais. O choro se mistura com um grito, e eu não vejo mais nenhum motivo para continuar me segurando; eu me enfio no abraço de Karina e grito. [...]
Não sei quanto tempo ficamos assim, mas eventualmente eu vou me recuperando (MARTINS, 2018, p. 272).

A rede de suporte criada pelos amigos de Jonas o impulsiona a se recuperar dos eventos traumáticos que seguiram à saída do armário. Apesar disso, ele ainda tem um caminho pela frente a ser trilhado na busca por se sentir bem. Aparentemente, não há final feliz para Jonas, que perde sua família, sua casa, tudo o que lhe era conhecido e ‘seguro’. Ele chega a se sentir tão humilhado e oprimido que comenta: “Como se eu já não estivesse quebrado o bastante” (MARTINS, 2018, p. 282), mas o dia a dia e cumprir com os compromissos que já havia assumido lhe faz, aos poucos, sentir-se bem consigo mesmo. Ele toma o primeiro passo:

Encarar as coisas sozinho, como estou agora, em um vagão de metrô, é bem mais difícil. Talvez a solução seja essa. Me cercar de pessoas que me aceitam, me amam e me fazem feliz. Talvez eu esteja mesmo saindo de uma família e entrando em outra. Mas, lá no fundo, eu sei que não posso seguir o resto da vida dependendo de quem está comigo para ter uma vida feliz. Há muitas coisas que preciso resolver dentro de mim mesmo para alcançar o sentimento de que superei e venci.

Talvez, mas só talvez, eu deva seguir o conselho de Karina e procurar um terapeuta. [Fim do capítulo].

Estou fazendo terapia.

Não foi fácil assumir que eu precisava disso (MARTINS, 2018, pp. 323-324).

A continuidade do dia a dia provoca, no protagonista, o desejo de mudança diante das experiências ruins. Ainda que se ancore nas suas amizades, ele não se acomoda e vai em busca de reconstruir sua identidade de maneira coerente, tomando consciência do que lhe causa aflição, dos traumas, com a ajuda especializada, ainda que a passos lentos. As novas circunstâncias de vida de Jonas também permitem inferir o reconhecimento de si em uma comunidade que o aceita e respeita (LOURO, 2004), objetivo o qual muitos LGBTQ+, especialmente os que estão em situação de vulnerabilidade, buscam alcançar. Nesse sentido, a saída do armário e o acolhimento posterior expressa a liberdade de ser quem é e viver sua sexualidade de maneira aberta na sociedade.

Durante todo o processo de aceitação, desde a angústia e o receio de ter que se assumir algum dia, passando pelo conflito interno sobre infringir as leis divinas, uma saída violenta do armário gay, até tornar sua identidade sexual pública e construí-la de maneira coerente, Jonas passa por pequenas mudanças no cotidiano que lhe proporcionam um sentimento de liberdade. Não dá para se livrar completamente da regulação imposta pelo dispositivo do armário, mas, em contrapartida, trabalhando os próprios traumas e conflitos, a percepção dos limites entre a consolidação de uma identidade heterossexual e uma homossexual, suas relações e coexistências são facilitadas. Para a personagem, “com um passo de cada vez, eu chego lá. Seja lá onde for esse “lá”” (MARTINS, 2018, p. 342, grifo do autor).

À medida que Jonas começa a se sentir bem, e também porque é cobrado para que volte a escrever, ele transporta um pouco de sua experiência de aceitação e libertação da opressão vinda das relações do armário para a sua ficção. Então, na trama, quando os piratas Tod e Bart, são amarrados em sacos de areia bem pesados

e atirados ao mar com tudo parecendo perdido na escuridão sem fim, se afogando cada vez mais, eles são visitados por uma criatura misteriosa que se revela como Koni, a Deusa que criou tudo que há no oceano. No diálogo que se segue entre os três ela afirma sempre ter observado os dois piratas e conta porque escolheu salvar a ambos e transformá-los em tritões para que vivam juntos pela eternidade:

“É uma pergunta justa, e vocês merecem essa resposta”, considerou Koni, um pouco pensativa, como se estivesse escolhendo a dedo as palavras para dar a melhor resposta possível. “O meu poder cobre o mundo inteiro e, perto de mim, os humanos são fracos e indefesos. Mas existe um poder que eu não consigo controlar ou fazer brotar. Uma força que vem de dentro dos humanos e existe desde que o primeiro sopro de vida foi jogado no mundo. Ao longo da história da humanidade, essa força já recebeu vários nomes. O meu favorito é ‘amor’. O amor que vocês dois têm um pelo outro é a força que os tirou daquele navio. É um sentimento confuso para muitas pessoas. Principalmente para vocês, homens. Mas enquanto observava a vida de vocês de longe, eu soube que esse amor poderia construir coisas muito maiores [...]. Vocês nunca pecaram contra as minhas leis. Só achavam isso porque estavam no lugar errado (MARTINS, 2018, pp. 337-338).

Ainda que adquira proporções fantásticas em sua reta final – do encontro com a deusa transformam-se em tritões e passam a ter toda a extensão dos oceanos como morada para viverem seu amor – é possível traçar um paralelo com as expectativas de Jonas sobre si. Em sua própria estória, não há elementos fantásticos, apenas a realidade:

A real é que todo mundo é um pouco desequilibrado. Todo mundo passa por um monte de problemas que a gente nem tem ideia, e não existe uma cura definitiva. Eu sempre vou ser o garoto que foi expulso de casa por ser gay, mas a maneira como isso afeta a minha vida está sob meu controle (MARTINS, 2018, pp. 341-342).

Admitir a realidade tem efeito positivo no jovem, pois ele começa a demonstrar sinais de que está encarando a vida e o cotidiano de maneira positiva, (re)construindo sua identidade a partir de uma visão que leva em conta os seus defeitos e suas qualidades, mas o principal é que não estabelece um autojulgamento crítico demais. Por outro lado, na trama de Jonas, a deusa Koni, ao afirmar que os piratas nunca

pecaram e apenas achavam isso porque estavam no lugar errado para eles, reafirma uma crítica às atitudes religiosas da mãe de Jonas, sobretudo quando a mesma profere que “estou muito desapontada com você. Mas o que eu sinto não deve nem chegar perto do que Deus está sentindo” (MARTINS, 2018, p. 268). Similar à estória, sua criação religiosa o fazia acreditar que estava em pecado, mas aceitar a si mesmo apenas o fez perceber que estava no ‘lugar errado’, chegando a representar esse sentimento na escrita literária.

Fora da sua estória, motivado por criar novas memórias, rotinas e hábitos que condizem com sua identidade sexual e seu novo modo de viver, busca aproximar todos os seus amigos em uma ceia de Natal, quando recebe uma visita que o surpreende. Dona Cristina procura-o para uma conversa breve, um primeiro passo. Ela afirma que está tentando entender, ainda que motivada pela religião, e ora todos os dias para entender o que aconteceu e qual o propósito para si e para o filho: “meu coração está muito dividido. E eu peço a Deus todos os dias por uma resposta, porque eu sinto muito a sua falta. E espero que um dia a gente consiga se perdoar” (MARTINS, 2018, pp. 346-347).

Desse encontro se pode traçar uma semelhança à estória de Ester, cuja saída de um armário para seu marido, que aconteceu no âmbito do amor, tem repercussões positivas para Assuero, e conseqüentemente para o povo judeu (SEDGWICK, 1990). Enquanto que para a ignorância já institucionalizada do pai de Jonas não havia outra forma de existir – era tudo preto no branco – e, que o filho existisse bem longe dele, pois não queria uma ‘anormalidade’, para Cristina, havia propósito no filho ser gay e, ser posto para fora do armário, fez com que ela assumisse um espaço de desconhecimento, buscando compreender a situação após os choques iniciais e a quebra de uma expectativa posta no filho.

Não se pode esperar que tudo sempre termine bem. O final da obra não é um final feliz, tampouco é infeliz. É apenas mais um começo. Jonas está com a família que escolheu, mas não nega sentir falta de sua família sanguínea, como também não se nega a viver sua sexualidade mais abertamente. O autor lança, a partir do encontro de mãe e filho, a possibilidade de haver resultados positivos em uma saída do armário que acontece de forma turbulenta, isso, claro, levando em conta o fator temporal. Não é algo que acontece do dia para a noite, afinal de contas se trata de um processo de construção. À medida que a instituição de uma heterossexualidade compulsória é

normalizada e arranha os limites de identidades sexuais que vão de encontro a ela, em seu exterior constitutivo, a homossexualidade existe e questiona o estatuto de naturalização do que é normal e anormal (BUTLER, 2003), além da relação de transferência pautada na opressão de um dispositivo de regulação da sexualidade, o armário gay.

Jonas confia que jamais imaginaria viver cercado de tantas pessoas diferentes em suas individualidades, sequer considerá-las como sua família. Todos coexistem sem negar suas identidades, constroem para si uma comunidade em que podem encontrar apoio (LOURO, 2004). O autor, com essa ideia, finaliza a obra, conferindo a ela um realismo que, apesar de ficcional, comporta diversas situações e conflitos próprios da vivência humana na sociedade. Um realismo que se apresenta tanto de maneira crítica, como de fácil assimilação para o leitor, que pode se encontrar nas passagens ou se comover com elas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito mais do que apenas para fruição ou de ter ou não um objetivo pedagógico, a Literatura é capaz de carregar pensamentos, situações, conflitos, sentimentos do mundo exterior e incorporar às suas narrativas de modo que o leitor se sinta, em certo sentido, abraçado pelo que está lendo, independentemente da faixa etária. É interessante pensar que, no Brasil, uma das maneiras de se classificar a Literatura gira em torno do desenvolvimento humano – infantil, juvenil, adulto –, logo, há uma grande diferença nas publicações de obras literárias voltadas para o público infantil quando comparadas às obras para o público adulto, ou até mesmo ao cânone literário.

Essa divisão agrega à Literatura para jovens e crianças um valor tido como inferior, quase que unicamente educativo. De fato, muitas vezes se tem a tendência de associar textos literários infantis e juvenis com os Parâmetros Curriculares Nacionais e atribuir aos professores a tarefa de desenvolverem atividades com as obras em sala de aula, sem se preocupar efetivamente com a fruição ou ainda com a finalidade real das obras. Há também uma certa tendência em se tratar ambas, Literaturas Infantil e Juvenil, relacionando-as como se fossem uma só, de modo que, nessa pesquisa buscou-se dissociar as duas literaturas e constatar-las em separado, através de suas características próprias. Ainda assim, não é uma tarefa fácil. Sob olhares diferentes, a Literatura Infantil, por vezes, carrega o aspecto pedagógico que, ainda, se imputa à Literatura Juvenil, mas discutindo a produção para jovens se percebe que ao longo dos anos o mercado editorial tem crescido e cada vez mais obras de Literatura Juvenil com foco em abordar uma realidade próxima aos adolescentes têm sido publicadas.

Nelly Novaes Coelho (2000b) ao definir a produção para jovens leva em conta que essa realidade se liga às situações do cotidiano que podem ter diversos tons, sejam memorialísticos, críticos, mágicos, entre outros. Esse aspecto primordial é um dos que confere à Literatura Juvenil a capacidade de atingir o horizonte de expectativas dos leitores, sobretudo quando se refere aos conflitos e relações afetivas do cotidiano. Contemplando o ponto de vista dos adolescentes sobre as coisas, as

obras, em geral, apresentam enredos relativamente simples de assimilar com personagens cujos desenvolvimentos psicológicos apresentam muitas questões e conflitos que não estão tão distantes dos jovens adultos e permitem uma leitura mais fluida.

A partir desse olhar do jovem, se percebe que há na Literatura Juvenil o tratamento de temáticas, que ainda são consideradas tabu, como a representação das relações afetivo-sexuais, principalmente quando acontecem fora do prisma das relações heterossexuais. Sobre isso, uma discussão muito recorrente diz respeito à saída ou permanência no armário, quando de uma sexualidade fora da matriz heterossexual.

Ancorada na Teoria Queer e nos Estudos das Sexualidades, a discussão do armário é fundamental para se compreender a regulação das sexualidades desviantes à matriz de uma heterossexualidade naturalizada na sociedade. A regulação da sexualidade é algo estudado há décadas por filósofos e estudiosos, dentre os quais se pode citar os estudos de Michel Foucault (1988), Judith Butler (2002, 2003) e Eve Kosofsky Sedgwick (1990). No percurso da discussão desenvolvida se pode observar que desde séculos atrás a sexualidade e vivência dos corpos na sociedade é algo de grande interesse, seja para o Estado seja para a Igreja ou ainda para qualquer outra área do conhecimento. Foucault (1988) ao tratá-la enquanto dispositivo deixou claro que a regulação a partir do que se considerava 'normal' ocasionava na repressão dos modelos desviantes, como resultado, toda vivência sexual que não fosse condizente à heterossexualidade institucionalizada passava a ser relegada à clandestinidade.

A respeito disso, Sedgwick (1990) discute que a clandestinidade das relações gays projeta uma falsa sensação de segurança. Estar dentro ou fora do armário passa a ser algo discutido como outra forma de regular a sexualidade que se relaciona à construção de uma identidade sexual coerente. Encarada como um produto cultural por Foucault (1988), a sexualidade do ponto de vista de Judith Butler (2002) vai ser vista como uma construção discursiva na qual há a interpelação do sexo desde o momento do nascimento seguindo uma lógica binária - heterossexual / homossexual. Isso é, para Butler (2002), a sexualidade é um ato performático de acordo com o qual se constrói a identidade.

Se compreende a construção da identidade levando em conta uma série de exclusões em um processo de negação do que não é coerente – que simultaneamente atribui um valor ao que é negado – traçando limites entre o que a constitui ou não. A isso a filósofa chama de ‘exterior constitutivo’. Nesse processo se encontram também as marcas culturais que são impostas pela sociedade e moldam a maneira com a qual nós inscrevemos nossos corpos nela, criando narrativas pessoais que podem ser estruturadas através de aspectos interseccionais, como classe e raça. Ainda, o processo de construção de uma identidade coerente a partir do reconhecimento e negação daquilo que é incoerente, estabelecendo as fronteiras de um exterior constitutivo, nem sempre acontece de maneira pacífica, isto é, muitas vezes é marcado pela violência e exclusão características da institucionalização do que é ‘normal’ e ‘anormal’. Não se questionar esses papéis institucionalizadores contribui para a consolidação de uma heterossexualidade compulsória aceita em uma matriz binária excludente.

Ao dizer-se que tal matriz é excludente, significa discutir também que as marcas de regulação das sexualidades provenientes a partir de uma política do armário também tendem a excluir, não que tornem os sujeitos abjetos, mas moldam muitas práticas, em especial no que diz respeito a como viver a experiência sexual e uma identidade que difere do padrão da heteronormatividade. Em muitos sujeitos que se encontram no armário essa é uma situação de conflito, pois não se consegue construir uma identidade que seja realmente coerente, além do que a vida dúbia projeta o medo, a insegurança e a angústia em ser descoberto ou realizar a saída e ter repercussões negativas.

Para os jovens, essa é uma questão que talvez seja muito frequente, sabendo-se que o armário não é fechado em si (NASCIMENTO, 2014). São realizadas entradas e saídas constantes dependendo da situação que vivam nos diversos campos de suas vidas. Dessa forma, no decorrer da discussão trilhada, fica claro que muitos jovens se sentem confortáveis em não sair do armário para os pais ou alguma figura de autoridade, ao passo que outros veem a iminência da saída com angústia, pois sabem que enfrentarão preconceito e serão estigmatizados a partir de então. Sendo esse um tema do cotidiano, é transportado para a Literatura – no caso do objeto de estudo dessa pesquisa, a Literatura Juvenil – que representa sob circunstâncias ficcionais os sentimentos associados à saída do armário gay.

Na obra escolhida, *Um milhão de finais felizes*, o autor aponta um exemplo dessa angústia e receio em assumir-se no protagonista, Jonas. Através da educação recebida, o jovem de vinte anos vive sempre em conflito interno por levar uma vida dupla, o que o torna confiante de que seu modo de vida não apenas desagradaria a seus pais, como desaponta a Deus. As constantes regulações que o protagonista enfrenta desenvolvem nele uma visão autodepreciativa e diminutiva que permitem inferir que talvez ele não consiga de fato ser feliz no cotidiano, pois vive aguardando que o momento ‘da verdade’ chegue e estrague tudo o que ele tem até então. A relação que leva com seus pais contribui para que a regulação e instituição de uma sexualidade ‘correta’ seja mais intensa: o pai homofóbico e extremamente machista tem desgosto do filho que não é ‘como ele queria que fosse, um filho normal’ e a mãe deposita nele uma infinidade de expectativas as quais ele sabe que não poderá alcançar. Apesar do contexto familiar ser desafiador e desestabilizador, Jonas encontra, nos amigos, uma segunda família – ou uma família que, de fato, o acolhe – e se ancora nela para, aos poucos, deixar para trás toda a angústia e viver livre de culpa.

A construção da identidade gay de Jonas parte do pressuposto de que sua orientação sexual é algo errado e isso o assombra quase que diariamente no trato com as pessoas, de modo que a regulação que a personagem enfrenta o tolhe a não ter pensamentos positivos acerca de si, esperando sempre o pior e se preparando para isso, ainda que, quando a catástrofe acontece e ele tenha de enfrentar a saída do armário, não esteja nem um pouco preparado.

Semelhante a isso, Jonas transporta para a literatura grande parte dos seus sentimentos – escreve uma estória sobre piratas gays que é inspirada no seu próprio cotidiano – e, de um ponto de vista analítico, esse é um elemento que garante a profundidade na construção psicológica da personagem, pois lhe confere maior embasamento no sentimento de tristeza que tem por si mesmo. As duas estórias, portanto, reforçam o poder da regulação do armário sobre o jovem e na construção de uma identidade coerente; ele não apenas é expulso, como ainda que se aceite gay, o faz sob uma visão pejorativa preservando certo conflito identitário.

Um milhão de finais felizes é uma obra que, apesar de ser tida como Literatura Juvenil, carrega conflitos, regulações e sentimentos que perpassam não apenas a mente e as vidas de jovens como também do leitor em geral que se identifica com a

trama. É de um realismo crítico e humanitário tão simples, porém tão marcante que não pode deixar de ser considerado como profundo, pois, como seu título aponta, não pode existir um único final, todos os finais são começos e todos podem ser felizes – mesmo que em algum momento enfrentem alguns percalços no caminho. Não há problema em se admitir isso, porque viver e se construir numa sociedade é exatamente assim, ser feliz e triste, mas acima de tudo, buscar sempre ser coerente.

Nesse sentido, o enredo fornece ao leitor as ferramentas para compreender como Jonas constrói sua identidade e se aceita gay, ainda que não necessariamente isso leve em conta aspectos como classe ou raça. A obra não diz para o leitor que se deva ter a esperança de que toda saída do armário será feita como em um conto de fadas em que tudo dá certo e termina bem no final; pelo contrário, apresenta a realidade, ainda que ficcional, como ela é, cheia de altos e baixos. Aceitar-se homossexual, envolve também aceitar que consolidar uma identidade coerente, através do exercício de transferência e contratransferência nos limites do exterior constitutivo de sua identidade com aquelas que se fazem fronteiriças: uma diversidade de identidades sexuais dentro e fora do prisma heteronormativo.

REFERÊNCIAS

- ACIMAN, A. **Me chame pelo seu nome**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- ALBERTALLI, B. **Simon vs. a agenda homo sapiens**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- ALBERTO, J. A. **Bissexualidade(s)**: crenças e opiniões. 2018. 96f. Tese (Mestrado em Psicologia da Educação). Universidade de Évora. Évora, 2018.
- ALVES, C. **Conectadas**. São Paulo: Editora Seguinte, 2019.
- AMARAL, C. A.; RIBEIRO, P. R. C. Literatura Juvenil contemporânea: representações de experiências homossexuais na escola. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 13, n. 4, Araraquara, 2018, pp. 1726-1741.
- BARENCO, F. **Fake**. São Paulo: Editora Umô, 2014.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BUTLER, J. **Cuerpos que importan**: sobre los limites materiales y discursivos del "sexo". Buenos Aires: Paidós, 2002.
- _____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARRASCO, W. **Meus dois pais**. São Paulo: Editora Ática, 2010.
- CHBOSKY, S. **As vantagens de ser invisível**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- COELHO, N. N. **Literatura**: arte, conhecimento e vida. São Paulo: Peirópolis, 2000a.
- _____. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000b.
- _____. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. São Paulo: Manole, 2010.
- COITO, R. de F. A literatura infantil na(s) sociedade(s): os discursos da periculosidade da arte. **Revista Trama**, v. 2, n. 4, Paraná, 2006.
- COLLING, L. (org.) **Stonewall 40+ o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011.
- DIAZ, E. B. Desconstrução e subversão: Judith Butler. **Sapere Aude**, v. 4, n. 7, Belo Horizonte, 2013, pp. 441-464.

FERNANDES, C. E. A.; SCHNEIDER, L. Personagens travestis, exílio e subalternidade na Literatura Brasileira. **Palimpsesto**, v. 15, n. 22, Rio de Janeiro, 2016, pp. 156-171.

FERONATO, L. N. **Flipop**: uma análise de consumo da literatura YA no mercado editorial brasileiro, 2019. 71f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social – Produção Editorial). Universidade Federal de Santa Maria. Rio Grande do Sul, 2019.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

JULLIAN, J. **Querido ex**, (que acabou com a minha saúde mental, ficou milionário e virou uma subcelebridade). Rio de Janeiro: Galera Record, 2020.

JUNQUEIRA, R. D. A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. **Revista Educação On-line PUC Rio**, n. 10, 2012.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000a.

_____. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 25, n. 2, 2000b.

_____. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARCELLO, F. de A. O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 29, n. 1, 2004.

MARTINS, V. **Um milhão de finais felizes**. São Paulo: Globo Alt, 2018.

MATIA, K. C. de. **A narrativa juvenil brasileira**: entre temas e formas, o fantástico. 2017. 181f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado e Doutorado). Universidade Estadual de Maringá. Paraná, 2017.

MCQUISTON, C. **Vermelho, branco e sangue azul**. Rio de Janeiro: Editora Seguinte, 2019.

MISKOLCI, R. A gramática do armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: PELÚCIO, L. (org). **Olhares plurais para o cotidiano**: gênero, sexualidade e mídia. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, pp. 32-52.

_____. Frankenstein e o espectro do desejo. **Cadernos Pagu**, n. 37, 2011.

MORAIS, F. D. C. A leitura na Inglaterra vitoriana: sua função social e artística. São Paulo: Falla dos Pinhaes, 2004.

NASCIMENTO, L. C. P. do. A sexualidade no armário para os jovens da ilha. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CORPO, RAÇA, SEXUALIDADE E GÊNERO, n. 1, 2019, Piauí, **Anais do Congresso Brasileiro de Corpo, Raça, Sexualidade e Gênero** – CRSG, Piauí: UFDPAr, 2019.

_____. **Descolonizando sexualidades e currículo na escola: confetos produzidos por jovens da ilha**. 2014. 171f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2014.

NELSON, T. R. A movement on the verge: the spark of Stonewall. MAD-RUSH Undergraduate Research Conference, 2015.

NILSEN, A. P.; KENNETH, L. D. **Literature for today's young adults**. EUA: Pearson Education Inc., 2009.

OLIVEIRA, S. M. P. de. WATTPAD: leitura e escrita no âmbito da internet. In: Encontro Nacional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação, 41, Rio de Janeiro, 2018. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2018. p.1-13.

OLIVEIRA, J. M. D. de. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019**: relatório do Grupo Gay da Bahia. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020.

POLESSO, N. B. **Amora**. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

SÁENZ, B. A. **Aristóteles e Dante descobrem os segredos do universo**. São Paulo: Seguinte, 2014.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. de M. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 1, Natal, 2003, pp. 107-115.

SALIH, S. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, 2007.

_____. **Epistemology of the Closet**. Berkeley: University of California Press, 1990.

_____. **Between Men**: English Literature and Male Homosocial Desire. New York: Columbia University Press, 1985.

SILVA, K. R. A. P. da. **Configurações homoafetivas em romances juvenis brasileiros**. 2012. 136f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade). Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2012.

SILVA, P. I. **Espelho das cores**. Rio de Janeiro: Quártica Premium, 2015.

SILVERA, A. **História é tudo que me deixou**. São Paulo: Editora Hoo, 2017.

SOUZA, R. A. Q. de. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Ática, 2007.

SPARGO, T. **Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

TURCHI, M. Z. Narrativas juvenis: a inovação literária em busca do leitor. **FronteiraZ**, n. 17, São Paulo, 2016.

URREA, J. D. P. *et al.* **Imaginarios de constitución de familia que circulan entre la población LGBT y los orientadores escolares del Instituto Educativo Distrital Grancolombiano de la localidad de Bosa**. 2018. 121f. Monografia. Universidade Pedagógica Nacional da Colômbia. Colômbia, 2018.